
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL

TESE DE DOUTORAMENTO

*ANÁLISE DO FENÓMENO DE BASE SEGURA EM CONTEXTO FAMILIAR: A
ESPECIFICIDADE DAS RELAÇÕES CRIANÇA/MÃE E CRIANÇA/PAI*

Lígia Maria Santos Monteiro N.º 16

ORIENTADORA: Professora Doutora Manuela Veríssimo

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2007

**Bolsa de investigação SFRH/BD/10277/2002, financiada pelo POCI 2010 –
Formação Avançada para a Ciência – Medida IV .3**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos quanto contribuíram, directa ou indirectamente, para a realização deste trabalho, referindo especialmente:

A Prof^ª. Doutora Manuela Veríssimo pela sua paciência, disponibilidade, orientação e pragmatismo, bem como, pela riqueza de conhecimentos transmitidos ao longo deste percurso académico e automobilístico! Pelas oportunidades de contactar com novos modos de pensar e trabalhar e, em particular, pela possibilidade de conhecer os autores que tanto se lê e estuda e que, inicialmente, apenas se desejava conhecer.

As escolas que aderiram ao projecto: O Externato Miguel Ângelo, A Nova Apostólica, A Belourinha, O Botãozinho, A Praceta e, especialmente, as crianças, mães e pais que participaram, de modo entusiástico, neste projecto, tornando-o realidade.

A Prof^ª. Doutora Zilda Fidalgo pelos conhecimentos, virgulas e pontos, e acima de tudo pela amizade e coragem demonstrada face à adversidade.

O Prof. Doutor António José dos Santos pela riqueza dos conhecimentos transmitidos e pelos minutos organizadores, no meio da desorganização.

A Marília Fernandes, Sofia Meneres, Carla Oliveira, Vera Oliveira, Inês Peceguina, Iolanda Queiroz, Orlando Santos, Filipa Silva, André Silva e Ana Zilda Silva, pela colaboração na recolha e cotação dos resultados, bem pela disponibilidade e paciência! O João Daniel pela sua disponibilidade em ajudar sempre que necessário, e o Nuno Torres pela revisão do texto em inglês.

Um obrigada especial à Inês Peceguina pela revisão do texto e pelas palavras amigas.

A minha família por todo o apoio e carinho ao longo dos anos e dos diferentes caminhos percorridos. O Gonçalo, o Francisco e a Clarinha por fazerem de mim uma tia especial.

A Manuela e a Gi porque os amigos são, também, bases seguras a partir das quais nos aventuramos e regressamos sempre que necessário. E todos os amigos que me acompanharam ao longo dos anos.

Finalmente, porque os laços afectivos permanecem para além do tempo vivido, na nossa memória e acima de tudo nas nossas emoções, um eterno obrigada por, ainda, hoje permaneceres uma base segura para mim.

RESUMO

Esta investigação enquadra-se na teoria da vinculação de Bowlby/Ainsworth, testando empiricamente conceitos centrais como: a organização dos comportamentos de base segura, o modelo dinâmico interno, a transmissão social da vinculação, a especificidade das relações, bem como, os contextos de envolvimento, no micro-sistema familiar. Os participantes são 56 famílias portuguesas, com crianças entre os 2 ½ e os 3 anos de idade. De modo a avaliar a qualidade das relações de base segura utilizou-se o *Attachment Behavior Q-Set* (Waters, 1995), tendo para tal sido efectuadas, separadamente, visitas domiciliárias com a mãe e com o pai, por observadores independentes. No final destas, aplicou-se as “Narrativas de Vinculação em Adultos” (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004). O envolvimento parental foi avaliado com base num questionário (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006), preenchido independentemente pelos pais. Os resultados indicam que as crianças utilizam ambos os pais como base segura, e que não existem diferenças significativas entre os valores de segurança das crianças, nestas duas relações, embora os estilos de interacção apresentem algumas características específicas. Os valores de segurança da criança, a ambos os pais, encontram-se, ainda, significativamente correlacionados. A análise das representações de base segura (*script*) de mães e pais, confirma a validade interna, discriminativa e preditiva do instrumento utilizado, e indica que ambos têm conhecimento e acesso ao *script* de base segura. Os valores *script* encontram-se significativamente correlacionados com os valores *AQS* das crianças, sendo que o *script* de base segura de cada progenitor é o único preditor de segurança da criança, na relação com essa figura. A correlação entre os valores *AQS* das crianças, com ambos os pais, é passível de ser explicada pela semelhança nas representações de base segura dos progenitores. Uma análise de aspectos da ecologia familiar indica que, nestas famílias, a quantidade do envolvimento paterno está associada com consequências positivas para o desenvolvimento sócio-emocional da criança, podendo ajudar a explicar a saliência do pai como figura de vinculação. Os resultados são discutidos, analisando-se limitações e apontando-se linhas de investigação futura.

Palavras-chave: Fenómeno de base segura, Figuras parentais, *Script* de base segura, Envolvimento Paterno, Rede de base segura, contexto familiar.

ABSTRACT

This work is grounded in Bowlby/Ainsworth attachment theory, and tests empirically central concepts like the organisation of secure base behaviors, internal working models, social transmission of attachment, the specificity of this relationships, and the different contexts of interaction/involvement in the family attachment network. 56 mother/child and father/child dyads participated in the study. Children's ages range between 2 ½ and 3 years of age. Independent observers made home observations of child/mother and child/father dyads using the Attachment Behavior Q-Set (Waters, 1995). In the end, the attachment script representation task (Waters & Rodrigues-doolabh, 2004) was completed. To assess paternal involvement, both parents answered, separately a questionnaire (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). No differences were found between the mean averages of the security scores for mothers and fathers, showing that the child is able to use both parents as secure-base, although some features of the interactions present specific characteristics (at both item and scale levels). A significant correlation was found between security scores for mothers and fathers. The analyses of the secure base representations (script) for both parents confirmed the internal, discriminant and predictive validity of the instrument. Both mothers and fathers have knowledge and access to a secure base script, and each parent's secure base script representation significantly predicted the AQS security scores at approximately equivalent degrees of association. The scripts are significantly correlated in the couple. Hierarchical regressions using parents' script scores indicated that AQS security with a given parent was uniquely associated with *that* parent's script score and was not mediated by the script score of the other parent. The concordance of the AQS scores can be explained by the concordance in the couple's script knowledge. The analysis of some features of families' ecology indicates that in this sample the quantity of father's participation has positive consequences for the child' socio-emotional development, possibly helping to explain the salience of the father figure as an attachment figure. The results are discussed and commentaries are presented about the research limitations and future lines of research.

Key words: Secure base phenomenon, Parental figures, Secure base script, Paternal involvement, Secure base network, family context.

ÍNDICE

CAPÍTULO I: Introdução geral	10
Referências bibliográficas	17
CAPÍTULO II: A organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai.....	20
Resumo	21
<i>Abstract</i>	22
Introdução	23
Método.....	30
Resultados	34
Discussão	43
Referências bibliográficas	49
CAPÍTULO III: Os <i>scripts de base segura materno e paterno, e a organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar...</i>	53
Resumo	54
<i>Abstract</i>	55
Introdução	56
Método	66
Resultados	72
Discussão	78
Referências bibliográficas	85
CAPÍTULO IV: <i>Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar</i>	89
Resumo	90
<i>Abstract</i>	91
Introdução	92
Método	102
Resultados	106
Discussão	110
Referências bibliográficas	118
CAPÍTULO V: Discussão geral.....	122
Referências bibliográficas	136

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO II: A organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai

Tabela 1 – Correlações entre as variáveis descritivas e os valores de segurança para mães e pais35

Tabela 2 – Médias e Desvios Padrão das Escalas do *AQS* para mãe e pai36

Tabela 3 – Correlações entre os valores de segurança à mãe e ao pai e as escalas do *AQS*38

Tabela 4 – Correlações das escalas do *AQS* para mãe e pai38

Tabela 5 – Diferenças nos itens do *AQS* entre a mãe e o pai ($p \leq .01$)39

Tabela 6 – Correlações significativas a $p \leq .01$ entre os valores de segurança à mãe e ao pai e os itens do *AQS*.40

Tabela 7 – Correlações significativas a $p \leq .01$ entre o valor de segurança à mãe e os itens do *AQS*41

Tabela 8 – Correlações significativas a $p \leq .01$ entre o valor de segurança ao pai e os itens do *AQS*.42

CAPÍTULO III: Os *scripts de base segura materno e paterno, e a organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar*

Tabela 1 – Correlações intra e inter histórias com conteúdo de base segura para mães e pais72

Tabela 2 – Correlação entre os compósitos das histórias com *script* de base segura e as histórias neutras para mães e pais73

Tabela 3 – Médias e Desvios Padrão do número de palavras sugestivas e do número total de palavras para as histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e Neutras ...73

Tabela 4 – Médias e Desvios Padrão para os valores de *script* de base segura materno e paterno74

Tabela 5 – Correlação entre as variáveis descritivas e os valores *script* de base segura para mães e pais75

Tabela 6 – Correlação entre o número total de palavras e os *scripts* de base segura parentais75

Tabela 7 – Correlação entre o número total de palavras sugestivas e os *scripts* de base segura parentais76

Tabela 8 – Correlação entre os valores *script* de base segura e as escalas *AQS*, na relação com a mãe e o pai.....77

CAPÍTULO IV: *Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar*

Tabela 1 – Análise dos 17 itens, como base na Moda, na perspectiva da mãe e do pai106

Tabela 2 – Concordância entre mãe e pai nas actividades práticas e lúdicas ...107

Tabela 3 – Correlações entre variáveis sócio-demográficas e valores de participação.....108

Tabela 4 – Correlações entre as actividades práticas e lúdicas e as escalas do *AQS/Pai*109

Tabela 5 – Correlações entre as actividades práticas e lúdicas e as escalas do *AQS/mães*110

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO II: A organização dos comportamentos de base segura da criança em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai

Figura 1 – Escalas de Proximidade e de Contacto Físico para mãe e pai.....37

CAPITULO I
INTRODUÇÃO GERAL

Embora considerado, um dos constructo teóricos mais importantes, na área do desenvolvimento (Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005a), a teoria da vinculação não é, contudo, uma teoria geral acerca das relações sociais, analisando apenas componentes específicas, de relações afectivas específicas. Procura, assim, compreender o modo como se utiliza o outro como base segura (a partir do qual se explora o meio, e como porto de abrigo a quem se regressa em momentos de necessidade/stress/ansiedade) e/ou se funciona como base segura (é-se sensível e disponível no encorajamento dos comportamentos de exploração, assim como, aos sinais de procura de proximidade e conforto). Com estas características específicas, encontram-se as relações das crianças com os seus pais, as relações entre o casal e os laços afectivos dos pais com os filhos (Bowlby, 1988; Waters, Corcoran, & Anafarta, 2005; Waters & Cummings, 2000). No entanto, a teoria não deixa de possuir uma enorme capacidade explicativa, tendo a qualidade destas relações implicações no funcionamento dos indivíduos não só, noutras relações como, também, noutros domínios não-relacionais (Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005b; Waters *et al.*, 2005).

Insatisfeito com as explicações psicanalíticas, acerca da natureza da relação da criança à mãe, Bowlby (1969/1982; 1973; 1980; 1988) procurou noutros modelos teóricos, como o da Etologia, da Cibernética, da Psicologia do Desenvolvimento, do Processamento de Informação e, preservando algumas das ideias de Freud, conceitos que lhe permitissem desenvolver uma análise integrada das relações de vinculação, na infância e na idade adulta, integrando emoções, cognições e comportamentos, de modo a que cada um destes domínios fosse melhor compreendido no contexto dos outros (Waters, 2003).

Considerada uma tarefa normativa da infância, a vinculação mantêm-se, no entanto, central na adaptação contínua da criança ao meio, para além do primeiro ano de vida (e.g., Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969/1982; 1988; Marvin & Britner, 1999). Na realidade, os laços vinculativos às figuras parentais não cessam na adolescência ou na idade adulta, embora passem a penetrar um menor número de domínios que, em períodos anteriores, sendo os pais, provavelmente, substituídos como figuras primárias, pelos parceiros românticos (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969/1982). Considerando-se que, o sistema de controlo que regula as relações criança/adulto é o mesmo que regula as relações adulto/adulto (apesar das especificidades de cada relação), espera-se que as

relações iniciais tenham, assim, impacto longo do ciclo vital (Waters & Cumming, 2000).

A visão do desenvolvimento, proposta por Bowlby (1973) é de natureza dinâmica, e não linear ou casuística, considerando-se que as diferenças iniciais, na organização dos comportamentos, não determinam um caminho único e fixado na infância. Estas diferenças são, antes, concebidas como condições iniciais das trajetórias de desenvolvimento, que se encontram probabilisticamente relacionadas com determinados resultados (Bowlby, 1973; Sroufe, 2005). Este modelo de trajetórias de desenvolvimento apresentado por Bowlby (1973) é, segundo Sroufe (2005), similar ao modelo Transaccional de Sameroff e Chandler (1975; Sameroff & Fiese, 2000), e ao conceito de epigenése probabilística de Gottlieb (e.g., 1991).

Bowlby (1973) compara o desenvolvimento da personalidade e das suas possíveis trajetórias a uma linha-férrea. À nascença, a criança tem um conjunto de possíveis caminhos acessíveis, ao longo dos quais poderá seguir. O desenvolvimento inicia-se, deste modo, numa linha principal, na qual *“it is held, turns at each and every stage of the journey on an interaction between the organism as it has developed up to that moment and the environment in which it then finds itself”* (Bowlby, 1973, p. 412). Esta linha, rapidamente se diversifica por vários caminhos que, inicialmente, não se afastam muito uns dos outros. Quanto maior a distância, relativamente ao ponto inicial, mais caminhos se criam e maior a divergência, enquanto que, outros se mantêm próximos ou paralelos. Quanto maior for o trajecto percorrido, numa determinada direcção, mais difícil se tornará uma mudança substancial da mesma. Os momentos críticos são os pontos de mudança de direcção, pois uma vez colocado em determinada trajetória, as pressões sofridas, levam a que o organismo se mantenha nesse curso. Estas pressões, segundo o autor (Bowlby, 1973; 1988), têm origem (1) no meio, devido ao facto do ambiente familiar, em que a criança vive, se manter relativamente estável e (2) no próprio indivíduo, ou seja, nos modelos internos do *self* e dos outros significativos, por si construídos no curso das interacções contínuas e reais, e que têm impacto (ao nível das cognições, comportamentos e emoções) no modo como se aborda e interage com os outros e com o meio. Sendo o desenvolvimento individual visto como coerente (ao nível da organização dos padrões de comportamento e não de comportamentos discretos), espera-se que a qualidade das experiências iniciais estejam

associadas com o funcionamento e adaptação posteriores, existindo, assim, continuidade (Sroufe, 1979; Sroufe & Waters, 1977; Sroufe, 2005).

No entanto, e uma vez que o desenvolvimento não é fixado, mas resultado da interacção entre a história cumulativa do sujeito, até esse momento, e as circunstâncias actuais em que ele se encontra, a mudança é possível, numa direcção mais favorável, ou pelo contrário, menos favorável, face a alterações no ambiente, nomeadamente, nos cuidados à criança e a acontecimentos de vida reais, que tenham impacto na organização dos comportamentos, em particular, nos comportamentos de base segura (e.g., Bowlby, 1988; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000; Weinfield, Sroufe, & Egeland, 2000). Tal como a continuidade, a mudança nos padrões de adaptação é coerente e passível de ser compreendida (Sroufe, 1979; Sroufe, 2005). Nesta perspectiva, a capacidade para a mudança, embora particularmente sensível, durante os primeiros anos de vida, vai diminuindo com a idade. Contudo, “...*changes continue throughout the life cycle so that changes for better or for worse are always possible*” (Bowlby, 1988, p.136).

As interacções iniciais da criança com o meio ambiente são, normalmente, em contexto familiar e, em particular, com as figuras parentais. As experiências por si vividas, no âmbito destas interacções, são centrais no modo como a criança se adapta e, especificamente, organiza os seus comportamentos de base segura (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1969/1982; 1988), constituindo o início de um possível caminho a percorrer, dado que a partir destas relações, outras experiências são, depois, organizadas. Numa visão hierárquica do desenvolvimento (e.g., Sroufe, 2005), a vinculação assume, assim, um lugar central, mesmo quando se consideram diferentes relações e influências no desenvolvimento (e.g., as relações com os irmãos, ou com os pares). Simultaneamente, tal não significa que as diferenças iniciais, nas relações de vinculação devam, ou sequer estejam, relacionadas com todos os resultados desenvolvimentais (Sroufe *et al.*, 2005a; Sroufe *et al.*, 2005b; Waters *et al.*, 2000).

A teoria/investigação na área da vinculação, atribui particular saliência à figura materna, usualmente, a principal responsável pelos cuidados à criança, sendo vista como a figura primária, numa hierarquia, com número limitado de pessoas, e na qual não são todas tratadas de igual modo, ou consideradas substituíveis. Nesta hierarquia, o pai é tido como uma figura secundária, assumindo na maioria das famílias, essencialmente, o papel de companheiro de brincadeira, e/ou um importante papel de suporte emocional e

instrumental à mãe (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969/1982; 1988; 2002). Refira-se que, de acordo com a teoria, o papel da figura primária pode ser assumido pelo pai, por uma avó, ou mesmo por alguém que não esteja biologicamente relacionado com a criança, mas que assume o papel maternal (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982).

Apesar da existência de um conjunto de trabalhos que confirmam empiricamente a noção de que as crianças estabelecem relações de vinculação aos pais, no primeiro ano de vida (e.g., Ainsworth, 1967; Lamb, 1977; Schaffer & Emerson, 1964), os processos que conduzem à formação destes laços afectivos estão, ainda, por clarificar, assim como o seu impacto no desenvolvimento sócio-emocional da criança. Mais, quando o foco da análise passa da organização dos comportamentos de base segura da criança com a mãe e da criança com o pai, separadamente, e se procura compreender como é que estas relações estão organizadas na rede familiar surgem questões acerca da semelhança versus diferença nas classificações (i.e., no nível de concordância) das relações, e dos processos que as explicam (e.g., Cassidy, 1999; Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991; Steele, Steele, & Fonagy, 1996; van IJzendoorn & De Wolff, 1997).

O presente trabalho insere-se neste esforço de clarificação, tendo como objectivo geral o estudo das relações de base segura, no contexto da família nuclear, numa fase de desenvolvimento da criança (2 ½ - 3 anos), em que a vinculação aos pais se mantém central na sua adaptação ao meio (e.g., Bowlby, 1969/1982; Marvin & Britner, 1999). Este período parece ser, também, de maior envolvimento paterno nas interacções com as crianças e no funcionamento familiar (Easterbrooks & Goldberg, 1984). Assim, no *primeiro estudo empírico* analisa-se, ao nível da díade, o modo como a criança utiliza as figuras parentais como base segura, visando uma melhor compreensão das características específicas e das semelhanças entre estas relações. Considerando as relações de vinculação como o resultado das histórias de interacção específicas entre a criança e a figura vinculativa (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1988; Sroufe & Waters, 1977), não será, necessariamente, expectável encontrar concordância (semelhança) nestas classificações. Porém, os resultados dos estudos empíricos realizados, mesmo a um nível meta-analítico, são inconclusivos (e.g., Fox *et al.*, 1991; van IJzendoorn & De Wolff, 1997). A concordância, nas classificações, poderá ser explicada pelas semelhanças nas histórias de interacção entre as díades, por exemplo, devido a ambos os pais terem competências semelhantes para servir de base segura aos seus filhos (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996; van IJzendoorn & De Wolff, 1997). Ou

então, poder-se-á colocar a hipótese de uma figura, a mais saliente na rede de vinculação, influenciar a relação estabelecida pela criança com a outra figura parental (Steele *et al.*, 1996).

No *segundo estudo empírico*, apresentado, estas hipóteses são exploradas. Um aspecto central do conceito de parentalidade (entre outros papéis que os pais desempenham) é, segundo Bowlby (1988), a capacidade de ambos os pais fornecerem uma base segura a partir da qual a criança, ou o adolescente, pode explorar o meio ambiente e à qual poderá regressar confiante de que será acolhido, sendo reconfortado física e emocionalmente. Trata-se de estar disponível e acessível, de encorajar e assistir, intervindo activamente, apenas, quando necessário. O sistema de controlo de cuidados parental é, assim, complementar, do sistema de vinculação, sendo esta uma relação assimétrica. Bowlby (1969/1982; 1988) considera que os comportamentos de cuidados parentais, tais como os de vinculação, têm raízes biológicas, servindo para promover a sobrevivência da criança e, deste modo dos genes do próprio indivíduo. Sendo predisposições comportamentais, no entanto, “*all the detail is learned, some of it during interactions with babies and children, much of it through observation of how other parents behave, ... and the way his parents treated him and his siblings*” (Bowlby, 1988, p.5). Assim, espera-se que, os comportamentos parentais sejam guiados pelas suas representações mentais acerca das experiências de vinculação (Bowlby, 1973; 1988; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; van IJzendoorn, 1995). Utilizando o novo instrumento de Waters e Rodrigues-Doolabh (2004), “Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos”, que define claramente a sua ligação ao conceito do fenómeno de base segura (Waters & Cummings, 2000), analisam-se as representações parentais quanto à presença ou ausência de um *script* de base segura, e o modo como estas estão relacionadas com a organização dos comportamentos de base segura das crianças, ao nível diádico (transmissão social da vinculação), e da rede familiar.

No *terceiro estudo empírico* são analisados aspectos da ecologia familiar, com vista a uma melhor compreensão da organização das relações de base segura, neste micro-sistema. Nas famílias estudadas, a quase totalidade das mães trabalha a tempo inteiro, e as crianças frequentam cuidados não-maternos, várias horas por dia. Nas últimas décadas, estas famílias têm vindo a tornar-se a norma na sociedade portuguesa (Torres, 2004), conduzindo a uma mudança na estrutura tradicional familiar. Actualmente, espera-se que os pais participem activamente, e de um modo igualitário,

não só nas tarefas domésticas mas, também, na vida dos seus filhos, ao nível das actividades de brincadeira/lazer (mais características das interacções pai/criança) mas, também, nas tarefas de organização/cuidados (mais características das interacções maternas), (e.g., Lamb & Lewis, 2004; Parke, 1996). Uma maior participação do pai (no geral, ou num contexto específico) poderá ter um impacto directo na sua relação com a criança e funcionar, ainda, como suporte à figura materna (e.g., Bowlby, 1988; 2002; Goossens, 1987) tendo, assim, um impacto indirecto no desenvolvimento da criança.

Apesar de uma maior atenção dada, nas últimas décadas, ao pai (e.g. Lamb, 1987; 2004), nomeadamente, enquanto figura de vinculação (e.g., Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, & Zimmermann, 2002; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, *in press*) há, ainda, muito para compreender acerca da relação criança/pai, quer ao nível diádico, quer do micro-sistema familiar. *“In the examples given so far, the parent concerned has been the mother. This is almost inevitable because for research purposes it is relatively easy to recruit samples of infants who are being cared for mainly by their mother, whereas infants being cared for mainly by their fathers are comparatively scarce. Let me therefore describe briefly one of several recent studies which, together, go some way to correct the balance”* (Bowlby, 1988, p.9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S. (1967). *In Infancy in Uganda* – chapter 20. Retrieved (2002) from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/ainsworth/ainsworth_index.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes (4ª Ed.)
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, *55*, 740-752.
- Fox, N., Kimmerly, N., & Schafer, W. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child development*, *62*, 210-225.
- Goossens, F. A. (1987). Maternal employment and day care: effects on attachment. In L. W. C. Tavechio, & M. H. van IJzendoorn (Eds.), *Attachment in social networks: Contributions to the Bowlby-Ainsworth attachment theory* (pp. 135-182). Amsterdam: Elsevier Science, Ltd.
- Gottlieb, G. (1991). Experiential canalization of behavioral development: Theory. *Developmental Psychology*, *27* (1), 4 -13.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E. Kindler, H. Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, *11* (3), 307-331.
- Grossmann, K. E., Grossmann K., & Waters, E. (Eds.) (2005). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies*. New York: The Guilford Press.
- Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interactions in the first year of life. *Child Development*, *48*, 167-181.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1987). *The father's role: Cross-cultural perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (Ed.) (2004). *The Role of the Father in Child Development*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E. & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families (pp. 272-306). In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters

- (Eds.) *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (pp. 66-104).
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 44-67). New York: The Guilford Press.
- Monteiro, L, Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Bost, K. (*in press*). Secure Base Representations for Both Fathers and Mothers Predict Children's Secure Base Behavior in a Sample of Portuguese Families. *Attachment and Human Development*.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood. The developing child*. University Press.
- Sameroff, A. J., & Chandler, M. J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Slapateck, & G. Siegel (Eds.), *Review of child development research (Vol.4)*, pp. 187-243. Chicago: Chicago University Press.
- Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early intervention (2d Ed.). In J. Shonkoff, & S. J. Meisels (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 135-159). Cambridge University Press.
- Schaffer, H. R., & Emerson, P. E. (1964). The development of social attachments in infancy. *Monographs of the Society for research in Child development*, 29 (3).
- Sroufe, L. A. (1979). The coherence of individual development. *American Psychologist*, 34, 834-841.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7 (4), 349-367.
- Sroufe, L. A., Egeland, B. E., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005a). Placing early attachment experiences in developmental context: The Minnesota longitudinal study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.) *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp.44-70). New York: The Guilford Press.
- Sroufe, L. A., Egeland, B. E., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005b). *The development of the person. The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. The Guilford Press, London.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, 1615-1627.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachment classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-27.
- van IJzendoorn, M. H., & De Wolff, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.

- Waters, E. (2003). *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March.
- Waters, E., Corcoran, D., & Anafarta, M. (2005). Attachment, other relationships, and the theory that all good things go together. *Human Development, 48*, 80-84.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.
- Weinfield, N. E., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2000). The stability of attachment security from infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development, 71* (3), 695-702.

CAPÍTULO II

*A ORGANIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE BASE SEGURA DA CRIANÇA EM
CONTEXTO FAMILIAR: AS RELAÇÕES CRIANÇA/MÃE E CRIANÇA/PAI*

RESUMO

Fundamentando-se na teoria da vinculação de Bowlby e Ainsworth, este estudo analisa o modo como a criança utiliza as figuras parentais como base segura, explorando as semelhanças e especificidades na organização destes comportamentos. Analisa-se, ainda, a concordância, ou não, entre os valores de segurança da criança a ambos os pais. Participaram no estudo 56 díades criança/mãe e criança/pai, tendo as crianças idades compreendidas entre 29 e os 38 meses ($M= 31.91$, $DP= 2.56$). Utilizando o *Attachment Behavior Q-Set* (AQS, Waters, 1995), equipas de dois observadores, independentes, realizaram visitas domiciliárias com o objectivo de analisar, separadamente, as interacções da criança com cada figura parental. O valor de segurança (AQS) na relação com a mãe é, em média, de .45 e com o pai de .41, não existindo diferenças significativas entre os mesmos. Com base nas escalas do AQS, verifica-se que os comportamentos relacionados com a Proximidade e o Contacto Físico são mais salientes na relação com a mãe. As escalas de Interação Suave, Proximidade e Contacto Físico encontram-se significativamente correlacionadas com o valor de segurança, quer para a mãe, quer para o pai. Assim, a criança utiliza ambas as figuras como base segura, embora os estilos de interacção possam apresentar algumas características específicas. Obteve-se, ainda, uma correlação significativa entre os valores AQS da criança na relação com a mãe e com o pai. Os dados são discutidos de acordo com a teoria da vinculação.

Palavras-chave: Fenómeno de base segura, Figuras parentais, Semelhanças e diferenças nas relações de base segura

ABSTRACT

Using Bowlby/Ainsworth's attachment theory, this study analyses the ways in which the child uses both mother and father as a secure base, as well as, the concordance (or not) of these attachment relationships. 56 child/mother and child/father dyads participated in the study. Children's ages range between 29 and 38 months ($M=31.91$, $SD=2.56$). Teams of two independent observers carried out home observations of the child interacting with the mother and with the father, separately, using the *Attachment Behavior Q-Set* (AQS, Waters, 1995). The mean security scores for mothers is .45 and .41 for fathers. No differences were found between average scores for security with mothers and fathers, showing that the child is able to use both parents as secure base. Significant differences were found in the Proximity and Physical Contact scales between parents, suggesting that mothers and fathers may have different communicative styles. Smooth Interaction, Proximity and Physical Contact scales are significantly correlated with the AQS scores for both parents. A significant correlation was found between security scores for mother and father. The results are discussed using the attachment theory.

Key words: Secure base phenomenon, Parental figures, Similarities and differences in secure base relationships

INTRODUÇÃO

No contexto da teoria da vinculação, a mãe tem sido considerada a figura principal (Bowlby, 1969/1982; 1989; Ainsworth, 1989; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978), pelo que, até há poucos anos, a investigação realizada na área centrou-se, essencialmente, na relação criança/mãe. Contudo, no contexto familiar a criança pode interagir, de um modo contínuo e estável, com outras figuras significativas como o pai, os irmãos ou mesmo os avós (e.g., Bowlby, 1969/1982; Sagi, van IJzendoorn, Aviezer, Donnell, Koren-Karie, Joels, & Harel, 1995; Schaffer & Emerson, 1964). Apesar dos enormes progressos realizados na compreensão da relação criança/mãe há, ainda, um longo caminho a percorrer no estudo da vinculação, no micro-sistema das relações familiares (Bretherton, 1992), particularmente, num período em que a configuração tradicional da família tem sofrido profundas transformações, conduzindo a uma redefinição dos papéis parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2001). Assim, uma análise da rede de vinculação, no contexto familiar, em vez de, apenas, o modelo mãe/criança, poderá permitir uma compreensão mais diferenciada e integrada dos antecedentes, correlatos e consequências das relações de base segura (e.g. Cowan, 1997; van IJzendoorn & De Wolff, 1997).

Caracterização do fenómeno de base segura

A relação de vinculação é definida, num contexto etológico e evolutivo, como um forte laço afectivo que se estabelece por volta dos 7/8 meses (Bowlby, 1969/1982) e que liga a criança a uma ou mais figuras estáveis na sua vida, tidas como únicas, ao longo do tempo e dos contextos. O sistema que regula esta relação é definido como um sistema de controlo comportamental, que funciona com o objectivo de manter o equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração do meio. Em contextos familiares, e na ausência do que Bowlby (1973) designa por “pistas naturais de perigo”, verifica-se o favorecimento dos comportamentos de exploração. A criança afasta-se da figura de vinculação, regressando para junto dela, periodicamente, por sua iniciativa, para brincar ou para estabelecer um breve contacto, afastando-se novamente para explorar os objectos ou interagir com outras pessoas (Ainsworth, 1967; Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982; 1989). Noutros contextos, que podem suscitar perigo ou que podem estar associados a experiências negativas, a tendência será para favorecer

os comportamentos de proximidade e o contacto físico com a figura de vinculação, assistindo-se a um declínio dos comportamentos de exploração (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982; 1989). O funcionamento do sistema de controlo da vinculação é definido como “fenómeno de base segura” (Waters & Cummings, 2000), influenciando a organização dos comportamentos, afectos e cognições, na relação actual e, em futuras.

Esta relação vai sendo construída, ao longo do desenvolvimento, no contexto das interacções únicas estabelecidas entre a criança e a figura de vinculação, onde a qualidade dos cuidados parentais, em particular a sensibilidade aos sinais da criança, é tida como fundamental, para uma organização segura ou insegura (ambivalente ou evitante) dos comportamentos (Ainsworth, 1989; Ainsworth *et al.*, 1978).

Segundo Bowlby (1973), os elementos centrais desta relação vão-se organizando numa representação interna, à medida que a criança e a relação se desenvolvem. Quando a história das experiências, durante a infância, com a figura de vinculação é marcada pela sensibilidade, responsividade e acessibilidade, a criança, provavelmente, constrói um modelo dessa figura como acessível e responsiva, desenvolvendo um modelo de *self* correspondente, como valorizado ou merecedor de afecto e cuidados. Se, pelo contrário, as experiências da criança forem, sistematicamente, caracterizadas por trocas frustrantes, envolvendo insensibilidade ou rejeição, provavelmente irá construir modelos internos negativos da figura de vinculação e do *self*. Estas diferenças a nível cognitivo/afectivo (expectativas face ao comportamento materno) conduzem, assim, a diferentes respostas por parte da criança, quer em situações de separação ou de *stress*, quer de exploração do meio (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1973).

Durante o segundo e a maior parte do terceiro ano de vida, o comportamento de vinculação não é exibido com menor intensidade ou frequência, do que no primeiro ano (Bowlby, 1969/1982). A natureza das circunstâncias que o activam é que muda, resultado da rápida expansão do mundo físico e social, sendo que o uso de figuras de vinculação (base segura), se mantém central na organização do comportamento da criança, para a sua sobrevivência e socialização. Segundo Marvin e Britner (1999), os estudos sobre as mudanças no desenvolvimento do sistema vincutivo sugerem que, do primeiro até por volta do terceiro ano de vida, a organização dos comportamentos da criança face à figura de vinculação é sensivelmente a mesma. Apesar de algumas mudanças em termos de desenvolvimento, a manutenção de um grau razoável de proximidade permanece como o maior objectivo da criança em relação à mãe.

Progressivamente, assiste-se a uma complexificação dos modelos dinâmicos internos do *self* e da mãe, resultado da aquisição de novas competências cognitivas e comunicativas, o que conduzirá, por volta do quarto ano, a uma relação de parceria que Bowlby (1969/1982) designou por parceria corrigida por objectivos. A criança é capaz de operar internamente e simultaneamente sobre a sua perspectiva e a da figura de vinculação, integrando-as, mantendo a relação orientada para um fim, baseada em objectivos, planos e sentimentos partilhados. Deste modo, o objectivo final da relação de vinculação passará do contacto e da proximidade física para a disponibilidade da figura de vinculação (grau em que esta figura está, na perspectiva da criança, acessível e é responsiva aos seus sinais e comunicações), se por qualquer razão a criança o desejar (Bowlby, 1973; Marvin & Britner, 1999). O objectivo do sistema comportamental da vinculação ao longo do desenvolvimento será, assim, o “sentir-se seguro” (Sroufe & Waters, 1977).

O pai como figura de vinculação

Tanto Bowlby (1969/1982), como Ainsworth (1967) reconhecem que a maioria das crianças, no final do primeiro ano de vida, se encontram vinculadas a outras figuras, para além da mãe, nomeadamente, ao pai. Lamb, Frodi, Hwang e Frodi (1983) referem diversos estudos realizados em situações estruturadas e não estruturadas, nos quais se verificou que as crianças formam laços vinculativos a ambos os pais, por volta da mesma idade. No entanto, a figura paterna tem sido vista, enquanto figura de vinculação, num contexto temporal e ecológico diferente, relativamente à mãe (Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, & Zimmermann, 2002). Segundo Ainsworth (1989) “... *the tendency has been to consider the bond of the father to child as somehow less deeply rooted than the bond of mother to child*” (p.712).

Bowlby (1969/1982) assume que existe a tendência para preferir uma figura principal, na procura de segurança e conforto, pelo que as figuras de vinculação não são todas tratadas de modo igual pela criança, existindo, assim, uma hierarquia. Para o autor, a mãe é vista, usualmente, como a principal figura de vinculação, sendo o pai tido, essencialmente, como um companheiro de brincadeira ao qual as crianças dirigem, preferencialmente, comportamentos de carácter afiliativo. O pai exerce, ainda, um

importante papel de suporte financeiro e de apoio emocional à mãe, ajudando-a a manter um clima harmonioso e propício ao desenvolvimento do bebê (Bowlby, 2002).

Observações realizadas por Lamb (1977) revelam que, em situações onde não existem elementos de *stress*, nomeadamente, em casa, as crianças durante o 1º ano de vida não apresentam preferência por nenhum dos pais na exibição de comportamentos vinculativos e face a estranhos, optam sempre pelas figuras parentais. Contrariamente, Lamb *et al.* (1983) verificaram uma preferência pela figura materna na orientação dos comportamentos de vinculação aos 8 e 16 meses. Em acontecimentos onde elementos de *stress* crescente estão presentes, a criança tende a dirigir os comportamentos de vinculação à figura que estiver presente, em detrimento de estranhos. Contudo, na presença de ambos os pais, a criança procura com maior probabilidade o conforto da mãe (Ainsworth, 1967; Lamb, 1976).

Embora no geral se encontrem semelhanças, na realidade existem diferenças, empiricamente documentadas, entre a natureza e o estilo dos comportamentos das mães e dos pais nas interações com as crianças (ver revisão de Lamb & Lewis, 2004; Lewis & Lamb, 2003), pelo que, Cox, Owen, Henderson e Margand (1992), sugerem que as origens da segurança da vinculação criança/pai podem residir em diferentes tipos de interação. Apesar da tendência, nos últimos anos, para um maior envolvimento, comparativamente com as mães, os pais passam, efectivamente, menos tempo com os seus filhos. As interações com as mães envolvem, uma maior componente de cuidados, enquanto que os pais passam, proporcionalmente, mais tempo de interação em brincadeira, pelo que, estas duas relações implicam diferentes tipos de experiências para a criança (Lamb, 1987). Porém, os pais são tão capazes como as mães, de cuidar dos seus filhos, sendo competentes e sensíveis nas interações com os mesmos, parecendo que à medida que as crianças se desenvolvem e os pais se tornam mais experientes, estes se vão sentindo mais à vontade no seu papel, embora os estilos sejam diferentes (Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984).

A meta-análise realizada por van IJzendoorn e De Wolff (1997) revelou uma associação entre sensibilidade paterna e segurança da vinculação criança/pai que, contudo, é mais fraca (tamanho do efeito combinado $r(544) = .13$; $K = 8$ estudos; $N = 546$ famílias) do que a associação entre sensibilidade materna e vinculação criança/mãe (tamanho do efeito combinado $r(835) = .24$; $K = 16$; $N = 837$), (De Wolff & van IJzendoorn, 1997). Alguns autores (e.g., Cox *et al.*, 1992; Goossens & van IJzendoorn,

1990) propõem a análise da interacção criança/pai, também, num contexto de brincadeira, bem como o seu alargamento a outras dimensões do comportamento parental. Cox *et al.* (1992) sugerem, por exemplo, a brincadeira recíproca, o nível de actividade, os afectos físicos ou o encorajamento adequado no sentido do sucesso, considerando o seu compósito mais eficaz na previsão da qualidade da relação de vinculação da criança ao pai. Salientam, ainda, a importância das atitudes paternas face à criança e ao seu papel enquanto pai.

Para Grossmann *et al.* (2002) a sensibilidade no contexto de brincadeira, por parte do pai, é central na relação de vinculação criança/pai, do mesmo modo que a sensibilidade na prestação de cuidados, é central na relação criança/mãe, uma vez que parece ser nestes domínios que estas figuras são mais salientes. Uma figura de vinculação sensível durante a exploração será capaz de interpretar correctamente as expressões emocionais da criança, nomeadamente, as negativas, como um pedido de ajuda e de aliviar a sua angústia, encorajando-a, simultaneamente, na realização da actividade (Grossmann, Grossmann, & Zimmermann, 1999; Grossmann *et al.*, 2002).

Semelhança (i.e., concordância) vs. diferença nas classificações de vinculação da criança à mãe e ao pai

Uma das questões centrais no estudo das diferentes relações de vinculação, estabelecidas pela criança, refere-se à semelhança (i.e., concordância) ou diferença na qualidade destas relações, sendo que os resultados obtidos divergem. Vários estudos (e.g., Bridges, Connell, & Belsky, 1988; Cox *et al.*, 1992; Main & Weston, 1981) verificaram a não concordância nas classificações de vinculação da criança à mãe e ao pai, indo ao encontro da noção de que a segurança da vinculação é específica, e reflecte a história de interacções únicas estabelecidas entre a díade. Ou seja, a segurança ou insegurança é característica da relação e não é um traço da criança (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982; Main & Weston, 1981; Sroufe, 1985; Sroufe & Waters, 1977).

Na meta-análise realizada por van IJzendoorn e De Wolff (1997), encontrou-se apenas uma correlação global modesta (.17; K=14; N=950 famílias) entre a qualidade da vinculação da criança à mãe e ao pai, considerando os autores, que a segurança da vinculação não parece estar, substancialmente, generalizada às diferentes relações no

sistema familiar. Outros estudos (e.g., Caldera, 2004; Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991; Frosch, Mangelsdorf, & McHale, 2000; Rosen & Burke, 1999; Steele, Steele, & Fonagy, 1996; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006) verificaram a semelhança ou concordância das classificações a ambas as figuras parentais. Estes resultados podem reflectir a influência da relação mãe/criança nos comportamentos da criança com outras figuras, nomeadamente, com o pai (Steele *et al.* 1996), ou o impacto de características individuais da criança, nomeadamente, o temperamento (Cassidy, 1999; Fox *et al.*, 1991; Steele *et al.*, 1996), nas relações de vinculação. Podem, ainda, ser resultado da semelhança nos cuidados parentais e nos seus sistemas de valores relativos a assuntos importantes para a segurança da vinculação, como a sensibilidade e a responsividade aos pedidos e necessidades da criança. Se, tanto a mãe, como o pai estão acessíveis e são responsivos aos sinais da criança, será de esperar um elevado grau de concordância nas classificações da criança a ambos (e.g., Cassidy, 1999; Fox *et al.*, 1991). Um progenitor poderá, inclusivamente, servir de modelo ao outro ou ambos poderão aprender em conjunto a responderem sensivelmente (ou insensivelmente) à criança (Belsky, Rovine, & Taylor, 1984; Fox *et al.*, 1991; Sagi *et al.*, 1995).

Avaliação da organização dos comportamentos de base segura

A maioria dos trabalhos empíricos realizados, no contexto da teoria da vinculação, situa-se na primeira infância, utiliza como instrumento de avaliação a Situação Estranha (Ainsworth *et al.*, 1978) e analisa, essencialmente, a díade criança/mãe. À medida que o estudo da vinculação ultrapassa a infância e se recorre a medidas que implicam a representação mental, há que não perder o enfoque no comportamento, uma vez que a ligação entre modelo dinâmico interno e comportamento é central na teoria de Bowlby, dado que a função destes modelos é a organização do comportamento de um modo mais flexível (Marvin & Britner, 1999). Sendo os anos pré-escolares caracterizados por importantes desenvolvimentos a nível cognitivo, linguístico, motor e social, e durante os quais os comportamentos de base segura permanecem centrais na adaptação da criança (e.g., Marvin & Britner, 1999), será fundamental a sua análise, quer na relação com a figura materna, quer com a paterna. Este parece ser, também, um período de crescente interesse e envolvimento do pai nas interacções com os filhos (Easterbrooks & Goldberg, 1984).

Um dos instrumentos de avaliação utilizado na análise dos comportamentos de base segura é o *Attachment Behavior Q-Set* (AQS, Waters, 1995). A validade do AQS, realizado por observadores, foi claramente confirmada na meta-análise de van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg e Riksen-Walraven (2004), que incluem esta medida na mesma categoria, em termos de qualidade, da Situação Estranha (Ainsworth *et al.*, 1978) e do *Adult Attachment Interview* (ver Hesse, 1999). Algumas das vantagens deste instrumento, face à Situação Estranha, conduziram à opção pelo AQS para o presente trabalho. Destaca-se o facto de: (1) ter maior validade ecológica, visto as observações serem realizadas em casa; (2) poder ser utilizado numa faixa etária mais ampla (1 aos 5 anos); (3) por ser menos intrusivo, poderá ser utilizado mais do que uma vez com a mesma criança, pelo que é adequado para o estudo da rede de vinculação (van IJzendoorn *et al.*, 2004; Waters & Deane, 1985). Vaughn e Waters (1990) salientam, ainda, o facto deste método avaliar a segurança em termos de uma variável contínua.

Das 139 amostras incluídas na meta-análise de van IJzendoorn *et al.* (2004), 80 são oriundas do continente Norte-Americano; em apenas 10, a relação da criança com o pai é analisada, e nestas, 9 utilizam o AQS realizado pela figura parental (auto-relato). A escassez de estudos relativos ao pai levou a que, de uma perspectiva meta-analítica, a validade do AQS para a figura paterna tenha, ainda, que ser documentada.

Objectivos

Este estudo alarga a sua análise, do fenómeno de base segura, à díade criança/pai, na faixa etária dos 2 ½ - 3 anos, procurando compreender o modo como a criança utiliza a mãe e o pai como base segura, em contexto de não emergência, nomeadamente, em casa, onde o fenómeno se organiza e desenvolve (Posada, Waters, Crowell, & Lay, 1995). Explora, ainda, a especificidade da organização dos comportamentos de base segura da criança face às figuras parentais, procurando compreender melhor as características destas relações. Por último, analisa a concordância, ou não, dos valores de segurança da criança, na relação com a mãe e com o pai, utilizando o AQS (Waters, 1995), realizado por observadores.

Saliente-se que, Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon, *et al.* (1995) confirmaram a validade do AQS em diversas culturas (ocidentais e não ocidentais), verificando que o

critério da criança idealmente segura é definido de modo semelhante. Tal não significa que não existam diferenças, ao nível do domínio de comportamentos específicos, na forma como as crianças organizam os seus comportamentos de base segura em diversas culturas. Por esse motivo, este estudo procura, também, ser um contributo para a análise do fenómeno de base segura em famílias portuguesa (Veríssimo *et al.*, 2006).

MÉTODO

Participantes

Os participantes são 56 díades mãe/criança e pai/criança. À data das observações do AQS as crianças tinham idades compreendidas entre os 29 e os 38 meses (M= 31.91, DP= 2.56), sendo 29 do sexo feminino e 27 do sexo masculino. As crianças são provenientes de famílias bi-parentais, à excepção de 2 que vivem com as mães tendo, contudo, um contacto regular com os pais. Destas, 28 são filhos primogénitos e 39 têm irmãos. A sua idade de entrada na Creche/Jardim-de-Infância varia entre os 4 e os 30 meses (M= 8.67, DP= 6.59), passando as crianças entre 3 a 10 horas/dia (M= 7.56, DP= 1.53) nesse contexto. As mães tinham idades entre os 26 e 48 anos (M= 34.95, DP= 4.33) e os pais entre os 28 e os 63 anos (M= 37.48, DP= 6.08). As habilitações literárias das mães variam entre os 7 e os 23 anos de escolaridade (M= 15.46, DP= 3.34) e as dos pais entre os 7 e os 23 anos (M= 14.77, DP= 3.17). 51 mães e 55 pais trabalham fora de casa. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio e médio alto, tendo sido recrutadas para o projecto através das Creches e Jardins-de-infância de ensino particular que as crianças frequentam. Os participantes fazem parte de um projecto longitudinal que analisa o desenvolvimento sócio-emocional das crianças entre os 2 anos e meio e os 5 anos.

Instrumentos

Attachment Behavior Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995)

O AQS avalia a qualidade do comportamento de base segura da criança, face à mãe ou a outras figuras, em contexto ecologicamente válido (Vaughn & Waters, 1990). O comportamento de base segura é, aqui, definido como a organização harmoniosa e o

equilíbrio adequado entre a procura de proximidade e a exploração do meio (Posada, Goa *et al.*, 1995). O *AQS* permite a descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das mudanças e continuidades individuais (Veríssimo, Blicharski, Strayer, & Santos, 1995).

Este é um instrumento de classificação de observação sistemática, baseado na metodologia *Q-Sort*, que permite obter uma distribuição *quasi*-normal dos dados (Waters, Noyes, Vaughn, & Ricks, 1985). Tal como a maioria dos *Q-Sort*, o *AQS* é preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. Os 90 itens do instrumento são distribuídos pelo observador numa escala de nove níveis que variam do “extremamente característicos” até ao “extremamente incaracterísticos”. Esta distribuição deve ser realizada tendo em consideração a sua saliência ou relevância para a criança a ser descrita. Os itens que são mais característicos da criança ou como a criança são colocados nas categorias mais elevadas (9 – 7) e os itens menos característicos, ou os que não são como a criança observada são colocados nas categorias mais baixas (3 – 1). Os itens que não são nem característicos, nem incaracterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (categorias 6 – 4).

É fornecido pelo autor (Waters, 1995) um critério para o constructo da segurança, resultado de um composto de *sorts* de especialistas, referente ao constructo em causa (Waters & Deane 1985). Deste modo, as descrições de crianças individuais podem ser comparadas com o valor critério de segurança da “criança ideal”, obtendo-se um valor que reflecte o grau de congruência entre o indivíduo e o critério da “criança ideal”. Esta correlação representa o lugar ocupado pela criança num contínuo, sendo que as crianças mais capazes de utilizar a mãe, ou outra figura, como base segura recebem valores mais elevados, enquanto que as menos capazes de o fazer recebem valores mais baixos. Este valor varia entre - 1.0 e 1.0, sendo que valores abaixo de - .25 ou acima de .80 são raros. A existência do fenómeno de base segura não é assumida por esta técnica, antes a sua presença ou ausência é inferida a partir do perfil (Posada, Goa *et al.*, 1995).

Posada e Waters (Posada, Waters *et al.*, 1995) criaram quatro escalas compostas por itens, seleccionados do *AQS*, que conceptualmente se encontram relacionados com o constructo de base segura, e que podem ser observados nas visitas domiciliárias. Estes incluem comportamentos centrais para o fenómeno de base segura, comportamentos da criança quando interagindo com a sua mãe/pai e comportamentos com outros adultos

mediados pela mãe/pai. As quatro escalas referem-se, assim, a domínios específicos do comportamento da criança:

Interacção Suave com a Mãe/Pai – É composta por 17 itens. Alguns destes referem-se ao estado emocional da criança quando interagindo com a mãe/pai e à sua capacidade de interacção com ela/ele. Outros relacionam-se com itens de concordância da criança com mãe/pai. Por exemplo: “A criança partilha com a mãe/pai objectos, quando esta lhe pede”; “A criança segue prontamente as sugestões da mãe/pai, mesmo quando são claramente sugestões e não ordens”.

Proximidade com a Mãe/Pai – Contém 13 itens, dos quais alguns se relacionam com o regressar para junto da mãe/pai, o manter a noção da sua localização e o ficar perto ou longe dela. Outros referem-se ao regresso da criança para próximo da mãe/pai quando arrelviada, aborrecida ou quando necessita de ajuda. Por exemplo: “A criança sabe sempre onde está a mãe/pai, quando brinca em casa”; “Quando a criança está aborrecida procura a mãe/pai para saber o que há-de fazer”.

Contacto Físico com a Mãe/Pai – É composta por 7 itens dos quais, alguns dizem respeito à satisfação obtida no contacto físico e, outros, no ser reconfortada pelo contacto com a mãe/pai. Por exemplo: “Ao colo da mãe/pai a criança pára de chorar e acalma-se depressa depois de ter apanhado um susto ou de ter estado aflita”; “A criança tem prazer em descontrair-se ao colo da mãe/pai”.

Interacção com Outros Adultos – Contém 13 itens. Alguns referem-se à disponibilidade da criança para interagir, partilhar e divertir-se nas interacções com os adultos visitantes. Outros relacionam-se com a interacção com os adultos, encorajada e apoiada pela mãe/pai. Por exemplo: “A criança, se lhe pedirem, deixa facilmente que adultos desconhecidos peguem ou partilhem coisas que ela tenha”; “A criança aceita falar com pessoas desconhecidas e mostrar os seus brinquedos ou aquilo que consegue fazer, a pedido da mãe/pai”.

Os Alfas *de Cronbach* obtidos nas quatro escalas para a mãe foram de .87, .90, .83, .78, respectivamente, e para o pai de .86, .92, .84, .78. Estes valores traduzem níveis aceitáveis de fiabilidade das escalas, para ambas as figuras parentais, e são comparáveis aos resultados obtidos por Posada, Waters *et al.* (1995).

Procedimento

Observações do AQS

As visitas domiciliárias, de cerca de 2 a 3 horas, foram combinadas com cada um dos pais, num momento do dia em que estivessem disponíveis, com vista a observar a interacção da criança com a mãe/pai. Aquando da observação da díade mãe/criança foi pedido que o pai não estivesse presente, tendo o mesmo sido solicitado à mãe aquando da observação da díade pai/criança. As visitas foram realizadas obedecendo ao princípio de contra-balanceamento de modo a controlar possíveis efeitos de ordem. O intervalo das visitas foi em média de 1 mês. Cerca de 82 % das observações no caso das mães e 64% no caso dos pais foram realizadas durante a semana, após os pais terem ido buscar as crianças à escola, as restantes observações decorreram no fim-de-semana.

Foi dito aos pais que o objectivo da visita era conhecer a criança e a mãe/pai na sua rotina e interacções diárias, pelo que lhes foi pedido que mantivessem as suas actividades do dia-a-dia inalteradas. Não foram colocadas quaisquer restrições às díades aquando das observações. Estas foram realizadas por dois observadores que se comportaram como se de visitas sociais da casa se tratassem, procurando não interferir na rotina familiar, mas participando nas brincadeiras da criança quando solicitados e conversando informalmente com a mãe/pai, tendo sempre o cuidado de não perturbar as interacções em curso. Quando se tornava oportuno, e na sequência da conversa com a mãe/pai, foram-lhe colocadas questões acerca de itens que não se podem observar (e.g., o item 10 refere-se ao comportamento da criança quando se vai deitar) e de itens que não foram observados na visita (e.g., o item 45 refere-se ao facto da criança gostar de cantar e dançar ao som de músicas).

Os dois observadores que realizaram as visitas domiciliárias às mães não foram os mesmos que efectuaram as visitas aos pais. No final de cada observação, os observadores realizaram a distribuição dos itens do AQS relativos ao sujeito, de modo totalmente independente. A distribuição dos 90 itens foi realizada em dois momentos. Num primeiro, os itens distribuídos aleatoriamente foram divididos em três grupos: O primeiro grupo, o de “comportamentos característicos”, que estão de acordo com os comportamentos observados na criança durante a visita, ou seja, que são característicos do repertório da criança e em torno dos quais ela organiza o seu comportamento. O segundo, o de “comportamentos que não se aplicam”, isto é que não foram observados, ou que não são considerados nem característicos, nem incaracterísticos. O terceiro

grupo, o de “comportamentos incaracterísticos”, ou seja, os que não estão de acordo com os comportamentos observados durante a visita, isto é, que não se adequam à criança. Posteriormente, os observadores subdividiram cada um dos três grupos de cartões em três novos subgrupos, de modo a que cada um deles ficasse com dez cartões. Este procedimento teve como suporte a base de distribuição do *AQS*, que se traduz numa escala de nove pontos. Assim, tendo em conta os cartões do primeiro grupo, “comportamentos característicos” os observadores dividiram-nos por três subgrupos, com 10 itens cada: o “extremamente característico” (9), o “fortemente característico” (8) e o “suficientemente característico” (7). De seguida, tendo em consideração os cartões do segundo grupo, os “não se aplica”, os observadores dividiram-nos por três subgrupos de 10 itens cada: os “pouco característico” (6), os “não se aplica” (5) e os “pouco incaracterístico” (4). Por fim, o mesmo procedimento foi realizado para o último grupo de cartões, os “incaracterísticos”, que foram subdivididos em: “suficientemente incaracterísticos” (3), “fortemente incaracterísticos” (2) e “extremamente incaracterísticos” (1).

Os observadores foram treinados durante um período de várias semanas antes de iniciarem as observações, tendo discutido os itens e completado o *Q-Sort* da criança idealmente segura, em conjunto com a Coordenadora do Projecto (Manuela Veríssimo), como parte do treino. Antes do início da recolha dos dados obteve-se uma concordância inter-observadores (correlações – *Q*) entre .60 – .89. Para as observações realizadas nas díades em estudo a concordância obtida foi em média de .72 para as mães e de .73 para os pais. O *Q-Sort* de cada criança é o compósito (média) das duas descrições-*Q* realizadas pelos observadores.

RESULTADOS

Qualidade da vinculação da criança à mãe e ao pai

O valor de segurança da criança à mãe e ao pai foi obtido utilizando o valor critério de segurança do *AQS* fornecido por Waters (1995). Convencionou-se que, o valor de segurança da criança é a correlação de *Pearson* entre o valor critério de segurança da criança “idealmente segura” e o *Q-sort* individual do sujeito. Os resultados para a mãe e para o pai mostram poucos valores de segurança negativos ou

zero, o que de acordo com Posada, Goa *et al.* (1995) indica que as crianças utilizam, quer a mãe, quer o pai como base segura.

Os valores de segurança para a mãe variam entre - .12 e .79, com uma média de .45 (DP= .21), e para o pai variam entre - .04 e .79, com uma média de .41 (DP= .20). Estes resultados encontram-se dentro dos valores médios obtidos na meta-análise de van IJzendoorn *et al.* (2004), na qual os valores de segurança à mãe variam entre .25 e .65 e ao pai entre .29 e .44, em amostras não clínicas. Uma ANOVA de medições repetidas indica que não existem diferenças significativas entre os valores de segurança da criança na relação com a mãe, e com o pai ($F(110,1)=1.27, p> .05$).

Análise das variáveis descritivas

Com base no Coeficiente de Correlação de *Pearson* analisaram-se as relações entre as variáveis descritivas e o valor de segurança das crianças relativo à mãe e ao pai.

Tabela 1

Correlações entre as variáveis descritivas e os valores de segurança para mães e pais

	Valor segurança/mãe	Valor segurança/pai
Idade/criança	- .22	- .02
Idade entrada Creche/J.I.	- .11	- .21
Nº horas Creche/J.I	- .13	.07
Idade/mãe	- .25	- .07
Idade/pai	* - .32	- .06
Hab. Literárias/mãe	- .08	- .12
Hab. Literárias/pai	.13	- .00

* $p < .05$

De acordo com a teoria da vinculação não seria de esperar a existência de diferenças em função da idade ou habilitações literárias dos pais. Contudo, como se pode observar, na Tabela 1, foi encontrada uma correlação negativa e significativa, entre a idade do pai e o valor de segurança da criança na relação com a mãe, ou seja, quanto mais elevada a idade do pai, mais baixo o valor de segurança à mãe. Relativamente à idade de entrada na Creche/Jardim-de-Infância e ao número de horas

que as crianças aí passam, os dados vão ao encontro dos resultados obtidos no estudo *NICHD Early Child Care Research Network* (1997), que referem não serem estas variáveis, *per se*, que explicam as diferenças na qualidade da vinculação da criança à mãe.

Utilizando a ANOVA de medições repetidas, não se encontraram diferenças significativas entre os valores de segurança à mãe para as raparigas (M= .44, DP= .22) e rapazes (M= .46, DP= .20), ($F(54,1)= .15, p > .05$); nem entre os valores de segurança ao pai para as raparigas (M= .38, DP= .21) e rapazes (M= .44, DP= .18), ($F(54,1)= .92, p > .05$).

Analisando a ordem de nascimento, verificou-se que não existem diferenças significativas entre os valores de segurança à mãe das crianças primogénitas (M= .46, DP= .21) e não primogénitas (M= .45, DP= .22), ($F(53,1)= .019, p > .05$), nem entre os valores de segurança ao pai nas crianças primogénitas (M= .45, DP= .22) e não primogénitas (M= .37, DP= .18), ($F(53,1)= 2.10, p > .15$). Tal como noutros estudos (e.g., Caldera, 2004; Frosch *et al.*, 2000; Main & Weston, 1981), o género e a ordem de nascimento da criança não estão associadas à segurança, quer na relação com a mãe, quer com o pai.

Comportamentos da criança na interacção com a mãe e o pai

Na análise do modo como a criança organiza os seus comportamentos de base segura face à mãe e ao pai utilizaram-se, ainda, as quatro escalas do AQS (Posada, Waters *et al.*, 1995). As médias e os desvios padrão são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

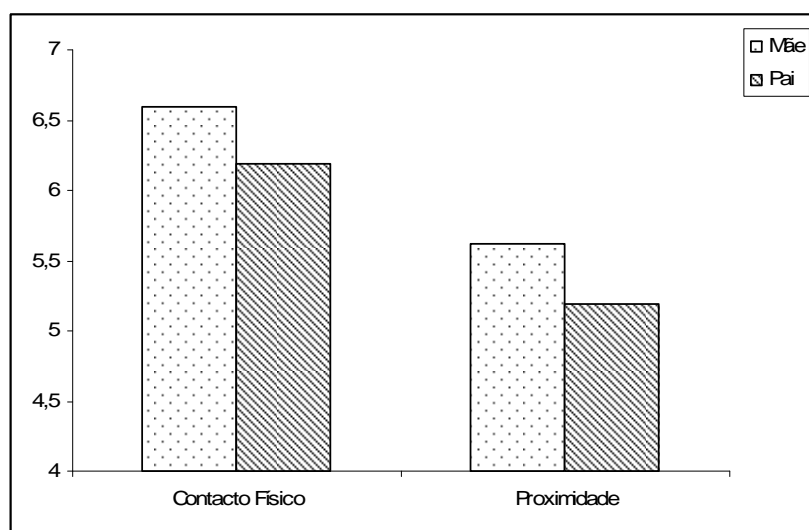
Médias e Desvios Padrão das Escalas do AQS para mãe e pai

Escalas	Mãe		Pai	
	M	DP	M	DP
Interacção Suave	6.44	1.22	6.32	1.02
Proximidade	5.63	1.14	5.08	1.09
Contacto Físico	6.59	1.11	6.13	1.28
Interacção c/ Outros Adultos	5.76	1.38	5.78	1.57

Com base na ANOVA de medições repetidas, compararam-se as escalas do AQS entre mãe e pai, verificando-se a existência de diferenças significativas na Proximidade ($F(110,1)= 6.63, p < .01$), e no Contacto Físico ($F(110,1)= 4.12, p < .05$). Como se pode observar, na figura 1, as crianças têm tendência a manter uma maior proximidade com a mãe (quer seja seguindo-a, permanecendo perto dela e/ou vigiando a sua localização), bem como, a procurar maior contacto físico com ela, comparativamente com o pai.

Figura 1

Médias das Escalas de Proximidade e de Contacto Físico para mãe e pai



Não foram encontradas diferenças significativas entre mãe e o pai nas escalas de Interação Suave ($F(110,1)= .30, p > .05$) e de Interação com Outros Adultos ($F(110,1)= .03, p > .05$). Assim, nem a qualidade das interações consideradas harmoniosas entre a criança e a figura parental, nem as características das interações com os outros adultos, diferenciam as crianças nas suas relações com os progenitores.

Utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*, correlacionou-se o valor de segurança (AQS) da criança à mãe e ao pai com as escalas do AQS, sendo os resultados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Correlações entre os valores de segurança à mãe e ao pai e as escalas do AQS

	Interacção Suave	Proximidade	Contacto Físico	Interacção Outros Adultos
Valor de Segurança/mãe	.87**	.40**	.39**	.25*
Valor de Segurança/pai	.85**	.48**	.49**	.07

** $p < .01$, * $p < .05$

Como se pode observar, na Tabela 3, para as mães as quatro escalas encontram-se positiva e significativamente correlacionadas com o valor de segurança, sendo a correlação de .87 com a escala de Interacção Suave, considerada muito forte. Para o pai, apenas, a escala de Interacção com Outros Adultos não se encontra significativamente correlacionada com o valor de segurança. Tal como para a mãe, o valor da correlação com a escala de Interacção Suave ($r = .85$) é muito forte.

Correlacionaram-se, ainda, as escalas do AQS para a mãe e o pai, sendo os resultados apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Correlações das escalas do AQS para mãe e pai

Escalas	Interacção Suave/mãe	Proximidade de/mãe	Contacto Físico/mãe	Interacção Outros Adultos /mãe	Interacção Suave/pai	Proximidade de/ pai	Contacto Físico/pai	Interacção Outros Adultos/ pai
Interacção Suave mãe								
Proximidade/ mãe	.19							
Contacto Físico/mãe	.03	.66**						
Interacção Outros Adultos/mãe	.19	-.20	-.20					
Interacção Suave/pai	.27*	.06	-.05	.00				
Proximidade/ pai	.04	.35**	.15	-.17	.19			
Contacto Físico/pai	.05	.25	.16	-.22	.21	.62**		
Interacção Outros Adultos/pai	.20	-.27*	-.24	.48**	.07	-.43**	-.43**	

** $p < .01$; * $p < .05$

Como se pode observar, na Tabela 4, tanto na relação com a mãe, como na relação com o pai, quanto mais elevados os valores nas escalas de Proximidade, mais elevados os valores na escala de Contacto Físico. Por outro lado, quanto mais elevado o valor na escala de Interação com Outros Adultos/Pai, menores os valores nas escalas de Contacto Físico e Proximidade com o pai. Verifica-se, ainda, que quanto maior o valor na escala de Interação com Outros Adultos/pai, menor é a Proximidade à mãe. Observa-se, também, que quanto mais elevados os valores nas escalas de Interação Suave, Proximidade e Interação com Outros Adultos/mãe, mais elevados os valores das mesmas escalas para o pai.

Ao nível mais molecular, os itens podem ser analisados individualmente fornecendo informação descritiva importante sobre o modo como se organizam os comportamentos de base segura e outros aspectos dos comportamentos das crianças, relativamente às figuras de vinculação (Waters, 1995). Compararam-se, assim, os itens do *AQS* para a mãe e para o pai. Devido ao número de comparações possíveis (90 itens) apenas as diferenças a um nível de significância de $p \leq .01$ são apresentadas e discutidas. 7 itens apresentam diferenças significativas (ANOVA de medições repetidas), sendo os resultados apresentados na tabela 5.

Tabela 5

Diferenças nos itens do *AQS* entre a mãe e o pai ($p \leq .01$)

Itens do <i>AQS</i>	M Mãe	M Pai	<i>F</i>	<i>p</i>
21 – A criança sabe sempre onde a mãe/pai está, quando brinca em casa	6.95	6.01	8.04	.01
26- A criança chora quando a mãe/pai a deixa em casa com a <i>babysitter</i> , o pai/mãe ou a avó	2.84	3.60	15.80	.00
47 – Enquanto brinca, a criança aceita e aprecia sons barulhentos ou ser balanceada, se a mãe/pai lhe sorrir e mostrar que é divertido	5.44	6.10	10.61	.00
52 – A criança tem dificuldades em segurar pequenos objectos ou em juntar pequenas peças	2.45	3.13	8.61	.00
54 – A criança fica na expectativa que a mãe/pai interfira nas suas actividades, quando esta está simplesmente a tentar dar-lhe uma ajuda	2.70	3.50	7.17	.00
70 – A criança saúda a mãe/pai de imediato com um grande sorriso quando esta entra no quarto.	6.16	5.19	12.06	.00
71 – Ao colo da mãe/pai a criança pára de chorar e acalma-se depressa depois de ter apanhado um susto ou de ter estado aflita	6.11	5.16	16.53	.00

Apesar dos itens 26, 52 e 54 se encontrarem colocados nos mesmos pontos do contínuo do *AQS* (3 – 1) apresentam diferenças significativas, ou seja, estes comportamentos da criança parecem ser mais característicos da sua relação com a mãe

ou com o pai. O mesmo se aplica aos itens 47, 70 e 71, que se encontram no pólo 6 – 4 do contínuo. Apenas o item 21, no caso da mãe, se situa entre o 9 – 7 e no caso do pai entre 6 – 4.

Utilizando ao Coeficiente de *Pearson* correlacionaram-se os 90 itens do *AQS* com os valores de segurança da relação da criança com a mãe e o pai, no sentido de melhor compreender os comportamentos que mais contribuem para a organização destas relações. Seguindo o mesmo critério são, apenas, apresentadas e discutidas as correlações a $p \leq .01$.

Tabela 6

Correlações significativas a $p \leq .01$ entre os valores de segurança à mãe, e ao pai, e os itens do *AQS*.

Itens do <i>AQS</i>	<i>R</i> Mãe	<i>p</i>	<i>R</i> Pai	<i>p</i>
1 – A criança partilha com a mãe/pai objectos quando esta lhe pede.	.66	.00	.43	.00
2 – Quando a criança volta para junto da mãe/pai mostra-se por vezes rabugenta sem nenhuma razão aparente.	-.62	.00	.43	.00
6 – Quando a criança está com a mãe/pai e vê algo com que deseja brincar, fica irrequieta ou tenta levar a mãe à força para através desta alcançar o objecto.	-.43	.00	-.40	.00
18 – A criança segue prontamente as sugestões da mãe/pai, mesmo quando são claramente sugestões e não ordens.	.64	.00	.50	.00
19 – Quando a mãe/pai diz à criança para lhe trazer ou dar algo, ela obedece.	.59	.00	.61	.00
28 – A criança tem prazer em se descontrair ao colo da mãe/pai.	.34	.01	.51	.00
30 – A criança zanga-se facilmente com os brinquedos	-.69	.00	-.43	.00
31 – A criança quer ser o centro da atenção da mãe/pai. Se a mãe/pai está ocupada ou a falar com alguém, ela interrompe-a/o.	-.40	.00	-.40	.00
32 – Quando a mãe/pai diz não ou castiga a criança, esta pára de se portar mal (pelo menos nesse momento). Não é necessário a mãe dizer duas vezes.	.57	.00	.57	.00
33 – Quando está ao colo da mãe/pai, por vezes, a criança indica que quer ser posta no chão (ou pelo menos dá essa impressão). Depois fica rabugenta e quer novamente que a mãe/pai lhe pegue ao colo.	-.60	.00	-.32	.01
36 – A criança utiliza a mãe/pai como base a partir da qual explora: afasta-se para brincar, regressa junto dela, afasta-se para brincar de novo.	.52	.00	.42	.00
38 – A criança é exigente e impaciente com a mãe/pai. Fica irrequieta a não ser que consiga o que quer nesse preciso momento.	-.81	.00	-.67	.00
41 – A criança segue a mãe/pai quando esta lhe pede (não contar com as recusas ou atrasos fingidos que pertençam a um jogo)	.61	.00	.51	.00
44 – A criança pede e tem prazer no facto de a mãe/pai a proteger, abraçar e acariciar	.41	.00	.54	.00
65 – A criança fica facilmente aflita quando a mãe/pai a faz mudar de uma actividade para outra (mesmo quando a nova actividade é algo que a criança habitualmente gosta)	-.46	.00	-.54	.00
69 – A criança raramente pede ajuda à mãe/pai.	-.43	.00	-.36	.00
70 – A criança saúda a mãe/pai de imediato com um grande sorriso quando esta entra no quarto. (Mostra-lhe um brinquedo, faz gestos ou diz “olá mamã)	.36	.01	.46	.00
74 – Quando a mãe/pai não satisfaz imediatamente a vontade da criança esta reage como se a mãe/pai não fosse de todo aceder ao seu pedido (Faz birra, zanga-se, afasta-se para outras actividades)	-.72	.00	-.65	.00
79 – A criança zanga-se facilmente com a mãe/pai	-.85	.00	-.64	.00
81 – A criança chora para que a mãe lhe faça as vontades	-.70	.00	-.48	.00

Na Tabela 6 pode observar-se os comportamentos comuns, que contribuem para a organização das relações de base segura, das crianças, com ambos os pais. Saliente-se que, os itens positivamente correlacionados com o valor de segurança das crianças têm um forte peso no critério de segurança do AQS, definido por Waters (1995), ou seja, encontram-se nos pontos 9 – 7. Os itens negativamente correlacionados com o critério de segurança, na nossa amostra, situam-se entre os itens que apresentam os valores mais baixos (3 – 1) no critério.

Procurando compreender a especificidade das interações criança/mãe e criança/pai analisaram-se, ainda, os itens correlacionados, apenas, com o valor de segurança à mãe (apresentados tabela 7) e os itens correlacionados, apenas, com o valor de segurança ao pai (apresentados na tabela 8).

Tabela 7

Correlações significativas a $p \leq .01$ entre o valor de segurança à mãe e os itens do AQS

Itens do AQS	R Mãe	p	R Pai	p
4 – A criança é cuidadosa e meiga com brinquedos e animais de estimação.	.55	.00	.10	.48
7 – A criança fala muito e sorri facilmente para muitas pessoas.	.40	.00	-.08	.53
9 – A criança é despreocupada e brinca na maior parte do tempo.	.43	.00	.20	.14
15 – A criança aceita falar com pessoas desconhecidas e mostrar os seus brinquedos ou aquilo que consegue fazer a pedido da mãe/pai.	.42	.00	.26	.04
21 – A criança sabe sempre onde a mãe/pai está, quando brinca em casa.	.34	.01	.28	.03
22 – A criança age como uma mãe afectuosa perante bonecas, animais ou crianças mais novas.	.50	.00	-.01	.92
23 – Quando a mãe/pai se aproxima de outros membros da família ou é carinhosa com eles, a criança tenta chama a atenção da mãe/pai.	-.41	.00	-.12	.36
25 – A mãe/pai perde facilmente o rasto à criança quando esta brinca longe da sua vista.	-.41	.00	-.22	.10
48 – A criança, se lhe pedirem, deixa facilmente que adultos desconhecidos peguem ou partilhem coisas que ela tenha.	.36	.01	.22	.09
61 – A criança brinca “à bruta” com a mãe/pai: dá encontrões, arranha ou morde durante uma brincadeira activa (não tem necessariamente intenção de magoar a mãe/pai).	-.45	.00	-.27	.04
62 – Quando a criança está bem disposta é provável que continue todo o dia.	.51	.00	.07	.63

Dos itens que se encontram positiva e significativamente correlacionados com o valor de segurança à mãe, 2 itens (15 e 21) situam-se entre os pontos 9 – 7 do critério de segurança do AQS. Os 3 itens que se encontram negativa e significativamente correlacionados (23, 25 e 61) situam-se nos pontos 3 – 1 do mesmo critério. Os

restantes itens, (7, 9, 22, 48 e 62), encontram-se nos pontos 6 – 4 estando mais associados com traços de temperamento da criança (Waters, 1987).

Tabela 8

Correlações significativas a $p \leq .01$ entre o valor de segurança ao pai e os itens do AQS.

Itens do AQS	R Mãe	p	R Pai	p
11 – A criança acaricia ou abraça frequentemente a mãe/pai sem que esta lhe peça.	.30	.03	.56	.00
24 – Quando a mãe/pai fala firmemente ou levanta a voz à criança, esta fica aborrecida, triste ou envergonhada por ter desagradado a mãe/pai.	.10	.48	.32	.01
26 – A criança chora quando a mãe/pai a deixa em casa com a <i>babysitter</i> , o pai/mãe ou a avó.	-.11	.41	-.35	.00
42 – A criança reconhece quando a mãe/pai está preocupada. Fica calada, tenta confortá-la ou pergunta o que se passa.	-.07	.63	.48	.00
47 – Enquanto brinca, a criança aceita e aprecia sons barulhentos ou ser balanceada, se a mãe/pai lhe sorrir e mostrar que é divertido.	-.10	.46	.33	.01
53 – A criança põe os braços à volta da mãe/pai ou põe a mão no seu ombro quando esta lhe pega.	.31	.02	.38	.00
54 – A criança fica na expectativa que a mãe/pai interfira nas suas actividades, quando esta está simplesmente a tentar dar-lhe uma ajuda	-.20	.14	-.59	.00
64 – A criança gosta de trepar pela mãe/pai enquanto ambas brincam.	.16	.22	.36	.00
67 – Quando a família tem visitas, a criança quer que estas lhe prestem muita atenção.	-.04	.76	-.35	.00
68 – No geral a criança é mais activa do que a mãe/pai.	-.15	.27	-.41	.00
77 – Quando a mãe/pai pede à criança para fazer alguma coisa, esta percebe imediatamente o que a mãe quer. (Pode ou não obedecer).	.28	.03	.35	.00
80 – Perante uma situação arriscada e ameaçadora, a criança olha para a expressão facial da mãe/pai como uma boa fonte de informação.	.23	.09	.41	.00

Dos itens, positiva e significativamente, correlacionados com o valor de segurança ao pai, 6 (11, 42, 47, 53, 64, 77, 80) encontram-se entre os pontos 9 – 7 do critério de segurança do AQS. Os 2 itens (26, 54) que se encontram negativamente correlacionados situam-se nos pontos 3 – 1 do mesmo critério. Os restantes (24, 67, 68) encontram-se nos pontos 6 – 4, e estão mais relacionados com os valores parentais, a sociabilidade ou o temperamento da criança (Waters, 1987).

Análise da concordância entre os valores de segurança da criança nas relações com a mãe e com o Pai

Verificou-se, ainda, que o valor de segurança da criança na relação com a mãe se encontra positiva e significativamente correlacionado com o valor de segurança da

criança na relação com o pai ($r = .35, p < .05$). Assim, as crianças com um valor de segurança mais elevado à mãe apresentam, também, um valor de segurança mais elevado ao pai.

DISCUSSÃO

Este estudo analisou o fenómeno de base segura, aspecto central na teoria da vinculação de Bowlby/Ainsworth (Waters, 2002; Waters & Cummings, 2000), em contexto familiar, centrando-se nas relações criança/mãe e criança/pai. Os resultados obtidos, em meio naturalista e não ansiogénico, indicam que as crianças, nesta amostra de famílias portuguesas, entre os 2 anos e meio e os 3 anos, utilizam a mãe e o pai como base segura. Confirma-se, mais uma vez, a noção de que este fenómeno está presente em crianças provenientes de diferentes grupos sócio-culturais (e.g., Bowlby, 1969/1982; Posada, Goa *et al.*, 1995; van IJzendoorn & Sagi, 1999).

O valor médio de segurança para a mãe é de .45 e para o pai de .41, encontrando-se dentro dos valores médios dos estudos apresentados na meta-análise de van IJzendoorn *et al.* (2004). Deste modo, os resultados obtidos por observadores independentes confirmam e alargam, os efeitos obtidos via auto-relato, referidos na mesma meta-análise, e que indicam que o valor médio de segurança na relação com o pai é comparável ao da mãe. Nos estudos que utilizam a Situação Estranha (e.g., Main & Weston, 1981; Rosen & Rohbaum, 1993) a distribuição das classificações das crianças na relação com o pai é, também, comparável à referida por Ainsworth *et al.* (1978) para a relação criança/mãe.

Apesar de Bowlby e Ainsworth considerarem que, em contextos normativos, a mãe (usualmente, a primeira responsável pelos cuidados à criança) tende a ser a principal figura de vinculação, os resultados obtidos não revelam diferenças significativas entre os valores de segurança da criança à mãe e ao pai, numa fase (2 ½ - 3 anos) de maior interesse e envolvimento do pai com a criança (Easterbrooks & Goldberg, 1984). Há, no entanto, que interpretar estes resultados com cautela, uma vez que as observações foram realizadas de modo independente para a interacção criança/mãe e criança/pai, e não na presença de ambas as figuras. Contudo, Lamb (1977) verificou que, crianças observadas em casa, durante o primeiro ano de vida, com

ambos os pais não apresentavam preferência por nenhum deles na exibição de comportamentos vinculativos. O mesmo autor, referindo-se a diversas observações por si realizadas com outras amostras, afirma que quer a mãe, quer o pai interagem mais com os filhos quando estão sozinhos com eles, do que quando ambos estão presentes, indicando que as crianças eram mais activas em situações diádicas, do que triádicas.

Os resultados obtidos, na faixa etária em estudo, confirmam, ainda, a noção de Bowlby (1969/1982) de que, o uso das figuras de vinculação, se mantém central na organização dos comportamentos e na adaptação da criança ao meio, durante o segundo e a maior parte do terceiro ano. Outras tarefas importantes, do ponto de vista do desenvolvimento, surgem nesta fase, como a progressiva aquisição de autonomia e independência que, segundo Sroufe, Fox e Pancake (1983) são construídas com base na existência de uma relação de vinculação segura na infância. É a utilização da mãe/pai como base segura, que permite à criança, progressivamente, explorar e aprender acerca do seu ambiente, uma vez que está confiante que, em caso de necessidade, eles estarão acessíveis e serão sensíveis às suas necessidades (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982).

Ao considerar a vinculação enquanto um sistema, é a organização dos comportamentos, e não os comportamentos discretos, que é fundamental para se definir o modo como a criança utiliza a mãe ou outra figura como base segura (Sroufe & Waters, 1977), o que no caso do AQS é sintetizado no valor de segurança. Dado a metodologia *Q-sort* permitir uma análise ao nível de escalas (Posada, Waters *et al.*, 1995) e itens (Waters, 1995) procurou-se, ainda, analisar os aspectos comuns e as especificidades na organização destes comportamentos, nas relações com a mãe e o pai. Verificou-se que, para ambas as figuras parentais, os comportamentos relacionados com uma Interação Suave, com a Proximidade e o Contacto Físico estavam significativamente correlacionadas com os valores de segurança. Ambas as relações são, assim, marcadas por uma comunicação harmoniosa e calorosa, em que as crianças partilham e participam num dar e receber afectivo, sugerindo uma relação mutuamente satisfatória entre a criança e a mãe/pai, elemento característico de uma organização segura dos comportamentos. Característico do fenómeno de base segura é, ainda, o regressar periodicamente para junto da mãe/pai ou o manter a noção da sua localização, podendo optar por ficar mais perto ou afastar-se, enquanto explora o ambiente, sabendo que poderá regressar para próximo da mãe/pai quando aflita, aborrecida ou necessitar de ajuda, e que será reconfortada.

Embora estando presentes em ambas as relações, os comportamentos de Proximidade e Contacto físico parecem ser mais salientes na relação com a mãe, comparativamente, com o pai. De acordo com a teoria de Bowlby, diferentes comportamentos por parte das figuras de vinculação podem atingir os mesmos objectivos, ou seja, responder de um modo adequado às necessidades da criança. Também, para a mesma figura, os comportamentos podem variar de acordo com os contextos e situações, mas os resultados para a criança são os mesmos. Do ponto de vista da criança, o importante é que ela aprenda que a mãe e o pai são sensíveis aos seus sinais comunicativos e que estão disponíveis quando o necessita (Posada, Jacobs, Carbonell, Alzate, Bustamante, & Arenas, 1999).

Na amostra em estudo, os comportamentos relacionados com a Interação com Outros Adultos não apresentam diferenças significativas para a mãe e para o pai, mas apenas se encontram correlacionados com a segurança à mãe. As interações com estranhos poderão ter as suas raízes mais no sistema de socialização, do que no sistema de vinculação. Com efeito, os estudos empíricos que relacionam a vinculação com a interação com estranhos são menos consistentes do que, por exemplo, com a interação com os pais (Berlin & Cassidy, 1999). Bridges *et al.* (1998) verificaram que o comportamento das crianças com os pais, mas não com as mães, previa as subsequentes interações da criança com o estranho (Situação Estranha). No entanto, os resultados obtidos por Main e Weston (1981) indicam que a associação entre a segurança da relação da criança à mãe e a sua predisposição para estabelecer interações amigáveis com um adulto (não familiar) é mais forte, comparativamente, com a segurança da relação com o pai (embora as duas relações estejam associadas com as respostas ao adulto, tidas separadamente e em conjunto).

Da análise (ao nível dos itens AQS) dos comportamentos específicos na relação criança/mãe, encontram-se comportamentos associados à disponibilidade para interagir com outros adultos, partilhar ou mostrar objectos a pedido da mãe, de um modo despreocupado. Estes resultados sugerem, ainda, um estilo mais verbal, tranquilo e marcado por afectos positivos. A brincadeira passa, essencialmente, pelos brinquedos, quer numa perspectiva cognitiva, quer de *role-play* (Waters, 1987), (e.g., de imitação do comportamento da mãe, sendo cuidadosa e meiga com os brinquedos, animais ou crianças mais novas). Os comportamentos específicos na interação com o pai estão associados ao contacto físico relacionado com a brincadeira. Esta é tendencialmente,

física, activa e estimulante (e.g., trepar pelo pai enquanto brincam ou aceitar e gostar de sons barulhentos ou de ser balanceada), indo ao encontro da noção da brincadeira como um importante contexto de interacção entre o pai e a criança (e.g., Cox *et al.*, 1992; Easterbrook & Goldberg, 1984; Grossmann *et al.*, 1999), bem como, da existência de diferenças nos estilos de brincadeira parentais (ver Lewis & Lamb, 2003). Estas interacções são, contudo, marcadas pela sensibilidade paterna, nomeadamente, pela capacidade deste interpretar os sinais da criança, sendo capaz de fornecer ajuda à criança de um modo adequado e não intrusivo. Verifica-se, ainda, que perante uma situação considerada arriscada ou ameaçadora, a criança olha para a expressão facial do pai como uma boa fonte de informação. Apesar de encorajar a criança a correr riscos, o pai parece ser capaz de garantir a sua segurança. Para Grossmann *et al.* (1999) e Grossmann *et al.* (2002), uma figura de vinculação sensível durante a exploração será capaz de interpretar as expressões emocionais negativas da criança como um pedido de ajuda, e de aliviar a sua angústia, simultaneamente, apoiando-a de um modo adequado e encorajando-a na realização da actividade e na exploração de novas situações, tornando-as familiares à criança.

Os dados vão, assim, ao encontro do descrito na literatura, especificamente, que tanto a mãe, como o pai, funcionam como base segura, apresentando, contudo, algumas diferenças nos seus estilos de interacção (Lamb, 1977; Lamb & Lewis, 2004; Lewis & Lamb, 2003), o que poderá promover determinadas características ou comportamentos da criança. Os progenitores poderão, assim, estimular características ou comportamentos dos filhos, relacionadas com os seus próprios valores parentais, e que não estão, necessariamente, associados à vinculação, mas à sociabilidade e ao temperamento da criança (Fox *et al.*, 1991; Steele *et al.*, 1996).

Relativamente, à análise da concordância dos valores de segurança da criança (AQS), nas relações com a mãe e com o pai, verifica-se que estes estão significativamente correlacionados ($r = .35$), o que confirma os resultados obtidos por Veríssimo *et al.* (2006), numa amostra de famílias portuguesas, e vai ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos (e.g., Caldera, 2004; Frosch *et al.*, 2000; Rosen & Burke, 1999; Rosen & Rothbaum, 1993; Steele *et al.*, 1996). Na meta-análise realizada por van IJzendoorn e De Wolff (1997) encontrou-se apenas uma correlação modesta (.17), entre a qualidade da vinculação da criança à mãe e ao pai, pelo que, para os autores, a segurança não parece estar, substancialmente, generalizada às diferentes

relações dentro do contexto familiar. A segurança da vinculação deve, assim, ser vista como uma característica da relação e não é como um traço da criança (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1969/1982; Main & Weston, 1981; Sroufe, 1985; Sroufe & Waters, 1977).

A associação obtida, nestas famílias, entre os valores *AQS* das crianças, poderá ser explicada pela semelhança dos cuidados parentais, ou seja, se ambas as figuras são acessíveis e sensíveis aos sinais comunicativos dos seus filhos (como é sugerido pela organização dos comportamentos das crianças), será de esperar uma concordância nos valores de segurança da criança à mãe e ao pai (e.g., Cassidy, 1999; Fox *et al.*, 1991). Esta semelhança nos comportamentos parentais poderá resultar, pelo menos em parte, da concordância nas representações de vinculação no casal (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). Poder-se-á colocar, ainda, a hipótese de um progenitor, nomeadamente a mãe, influenciar a natureza da relação que a criança tem com o outro progenitor (Steele *et al.*, 1996).

Os avanços verificados, nas últimas décadas, na área da psicologia cognitiva, possibilitaram a passagem da investigação da organização dos comportamentos, para as representações de vinculação (Waters, Rodrigues, & Ridgeway, 1998). Tendo-se assistido a um enorme esforço, por parte dos investigadores, com vista ao desenvolvimento de novas metodologias, de que é exemplo "As narrativas de Representação da Vinculação em Adultos" (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004), que avalia, especificamente, o conhecimento e acesso ao *script* de base segura. Deste modo, torna-se possível testar empiricamente, e de um modo mais específico, os processos que podem explicar (pelo menos em parte) a associação obtida entre os valores de segurança, das crianças, nas relações com os progenitores.

Outra explicação poderá, contudo, residir, nas características individuais das crianças, em particular, no temperamento (e.g., Cassidy, 1999; Fox *et al.*, 1991; Steele *et al.*, 1996). Neste sentido, supõe-se que as crianças trazem para os contextos de avaliação características que contribuem para a classificação da vinculação, independentemente da figura parental que estiver presente. Contudo, segundo Sroufe (1985; Vaughn & Bost, 1999), o temperamento não explica a organização geral dos comportamentos de base segura, ou a confiança na disponibilidade da figura de vinculação mas, comportamentos específicos da criança nas interações com as figuras parentais.

A compreensão da organização das relações de base segura na rede familiar, nomeadamente, dos seus processos, permitirá uma compreensão mais integrada e alargada do desenvolvimento sócio-emocional da criança. Este enfoque é fundamental, não só do ponto de vista teórico e empírico, como, também, da intervenção clínica (e.g., Easterbrooks & Goldberg, 1990; Main & Weston, 1981).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S. (1967). In *Infancy in Uganda – chapter 20*. Retrieved (2002) from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/ainsworth/ainsworth_index.
- Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S, Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, *55*, 692-705.
- Belsky, J., Rovine, M., & Taylor, D. (1984). The Pennsylvania infant and family development project: Origins of individual differences in infant-mother attachments: Maternal and infant contributions. *Child Development*, *55*, 718-728.
- Berlin, L. J., & Cassidy, J. (1999). Relations among relationships. Contributions from attachment, theory and research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 688-711). New York: Guilford.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and psychopathology. In S. Greenspan & G. Pollack (Eds.), *The course of life*. Vol. 1: *Infancy* (pp. 229-270). Madison Connecticut: International University Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of the attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, *28* (5), 759-775.
- Bridges, L., Connell, J. P., & Belsky, J. (1988). Similarities and differences in infant-mother and infant-father interactions in the strange situation: A component process analysis. *Developmental Psychology*, *24* (1), 92-100.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. (2001). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, *71* (1), 127-136.
- Caldera, Y. M. (2004). Paternal involvement and infant-father attachment: A Q-set study. *Fathering*, *2* (2), 191-210.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Cox, M., Owen, M., Henderson, V., & Margand, N. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, *28* (3), 474-483.
- Cowan, P. A. (1997). Beyond meta-analysis: A plea for a family systems views of attachment. *Child Development*, *68*, 601-603.
- De Wolff, M., & van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant-attachment. *Child Development*, *68*, 571-591.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, *55*, 740-752.

- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1990). Security of toddler-parent attachment: Relation to children's sociopersonality functioning during kindergarten. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp.221-244). Chicago: University of Chicago Press.
- Fox, N., Kimmerly, N., & Schafer, W. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child development*, *62*, 210-225.
- Frosch, C., Mangelsdorf, S. C., & McHale, J. L. (2000). Marital behaviour and the security. *Journal of Family Psychology*, *14* (1), 144-161.
- Goossens, F. A., & van IJzendoorn, M. H. (1990). Quality of infants' attachments to professional caregivers. Relation to infant-parent attachment and day-care characteristics. *Child Development*, *61*, 832-837.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development*, *11* (3), 307-331.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Zimmermann, P. (1999). A wider view of attachment and exploration: stability and change during the years of immaturity. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 760-786). New York: The Guilford Press.
- Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 395-433). New York: Guilford.
- Lamb, M. E. (1976). Twelve-month-olds and their parents: Interaction in a laboratory play room. *Developmental Psychology*, *12*, 237-244.
- Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interactions in the first year of life. *Child Development*, *48*, 167-181.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. E. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-26). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, *54*, 450-458.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development* (pp. 272-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parents families. *European Journal of Psychology of Education*, *18* (2), 211-228.
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behaviour and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, *52*, 932-940.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 44-67). New York: The Guilford Press.
- NICHD Early Child Care Research Network (1997). The effects of infant child care on infant-mother attachment security: Results of the N.I.C.H.D. Study of Early Child Care. *Child Development*, *68* (5), 860-879.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base

- phenomenon across cultures: Children's behaviour, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 27-47.
- Posada, G., Jacobs, A., Carbonell, G., Alzate, G., Bustamante, M., & Arenas, A. (1999). Maternal care and attachment security in ordinary and emergency contexts. *Developmental Psychology*, 35 (6), 1379-1388.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Rosen, K. S., & Burke, P. B. (1999). Multiple attachment relationships within families: Mothers and fathers with two young children. *Developmental Psychology*, 35 (2), 436-444.
- Rosen, K. S., & Rothbaum, F. (1993). Quality of parental caregiving and security of attachment. *Developmental Psychology*, 29 (2), 358-367.
- Sagi, A., van IJzendoorn, M. H., Aviezer, O., Donnell F., Koren-Karie, N. Joels, T., & Harel, Y. (1995). Attachments in a multiple-caregiver and multiple-infant environment: The case of the Israeli Kibbutzim. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 71-91.
- Schaffer, H. R., & Emerson, P. E. (1964). The development of social attachments in infancy. *Monographs of the Society for research in Child development*, 29 (3).
- Sroufe, L. A. (1985). Attachment classification from the perspective of infant-caregiver relationships and infant temperament. *Child Development*, 56, 1-14.
- Sroufe, L. A., Fox, N. E., & Pancake, V. R. (1983). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, 1615-1627.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-27.
- van IJzendoorn, M. H., & De Wolff, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- van IJzendoorn, M. H., & Sagi, A. (1999). Cross-Cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 713-734). New York: The Guilford Press.

- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development*, 75, 1188-1213.
- Vaughn, B. E., & Bost, K. (1999). Attachment and temperament: redundant, independent, or interacting influences on interpersonal adaptation and personality development? In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 198-225). New York: The Guilford Press.
- Vaughn, B. E., & Waters, E. (1990). Attachment behavior at home and in the laboratory: Q-sort observations and strange situation classifications of one-year-olds. *Child Development*, 61, 1965-1973.
- Veríssimo, M., Blicharsky, T., Strayer, F., & Santos, A. (1995). Vinculação e estilos de comunicação da criança. *Análise Psicológica*, 13 (1-2), 145-155.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Waters, E. (1987). *Attachment Q-Set (version 3)*. Retrieved (2003) from <http://www.johnbowlby.com>.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*, *Monographs Child development*, 60 (2-3), 234 -246.
- Waters, E. (2002). *Live long and prosper*. Retrieved (2006) from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/gallery/live_long/live_long.html
- Waters, E. & Deane, K. (1985). Defining and assessing individual differences in attachment relationships: Q-methodology and the organization of behaviour in infancy and early childhood. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 50 (1-2), 41-65.
- Waters, E. & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, E., Noyes, D., Vaughn, B., & Ricks, M. (1985). Q-sort definitions of social competence and self-esteem: Discriminant validity of related constructs in theory and data. *Developmental Psychology*, 21, 508-522.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71, 211-234.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.

CAPÍTULO III

*OS SCRIPTS DE BASE SEGURA MATERNO E PATERNO, E A ORGANIZAÇÃO DOS
COMPORTAMENTOS DE BASE SEGURA DA CRIANÇA EM CONTEXTO FAMILIAR*

RESUMO

Este estudo dá continuidade ao trabalho iniciado por Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos e Fernandes (*in press*) sobre o fenómeno de base segura, em contexto familiar, alargando a sua análise às representações, *script* de base segura, parentais. Utiliza-se o instrumento “Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos” (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004), testando-se a validade interna e discriminativa, assim como, a sua validade preditiva, ao analisar-se o pressuposto da intergeracionalidade, para mães e pais. Por último, exploram-se as interações destas relações ao nível representativo e comportamental. Os participantes são 56 díades mãe/criança e pai/criança, tendo as crianças em média 31.91 meses (DP= 2.56) de idade. Observadores independentes realizaram visitas domiciliárias, com cada díade, separadamente, utilizando o *Attachment Behavior Q-Set (AQS)* (Waters, 1995), tendo no final aplicado as narrativas da vinculação aos progenitores. Os resultados confirmam a validade do instrumento. Mães e pais têm conhecimento e acesso ao *script* de base segura, estando estes valores significativamente correlacionados com os valores de segurança (*AQS*) das crianças. Análises hierárquicas de regressão indicam que o *script* de base segura, de cada progenitor, é o único preditor de segurança da criança na relação com essa figura. Os valores *script* dos pais estão significativamente correlacionados no casal, explicando a associação encontrada entre os valores *AQS* das crianças, nas relações com a mãe e o pai. Os resultados vão no sentido de uma organização das relações como únicas e específicas no contexto familiar.

Palavras-chave: *Script* de base segura, Organização dos comportamentos de base segura, Rede de vinculação na família

ABSTRACT

This study follows the work done by Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos and Fernandes (in press) about the secure base phenomenon, in the family context, also studying parental attachment representations (secure base script). The “Narrative Assessment of Adult Attachment Representations” (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) was used, and its internal and discriminante validity was accessed, as well as its predictive validity by analyzing the intergenerational concept for mothers and fathers. The participants were 56 Portuguese families (mean age of child = 31.9 months). Observations of the child with each parent were done separately by independent teams of observers, using the *Attachment Behavior Q-Set* (AQS, Waters, 1995), after the attachment script representation task was completed. Results confirmed the validity of the instruments. Both mothers and fathers have knowledge and access to a secure base script. Furthermore, each parent’s secure base script representation significantly predicted AQS security scores at approximately equivalent degrees of association. Hierarchical regressions using parents’ scores on scripts indicated that AQS security with a given parent was uniquely associated with *that* parent’s score and was not mediated by the script score of the other parent. A significant correlation was found between secure base script scores within the couple, explaining the association found between AQS scores for children, with both parents. Results suggest that attachments relations are specific in the family context.

Key words: Secure base script, Organization of secure base behavior, Family attachment network

INTRODUÇÃO

A teoria da vinculação propõe que as representações mentais actuais que os pais têm, acerca das experiências de vinculação, são expressas nos seus comportamentos de cuidados parentais, nomeadamente, na sua sensibilidade, responsividade e na acessibilidade, face aos sinais e comunicações da criança, no decorrer das interacções contínuas entre a díade. Por sua vez, estes comportamentos interactivos têm grande impacto no modo como a criança organiza os seus comportamentos de base segura face à figura de vinculação e constrói o modelo dinâmico interno do *Self* na relação (Bowlby, 1988; Bretherton & Munholland, 1999; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; van IJzendoorn, 1995; Vaughn, Coppola, Veríssimo, Monteiro, Santos *et al.*, 2007).

A noção da transmissão intergeracional da qualidade da vinculação foi, desde cedo, um tema de interesse clínico e teórico para Bowlby (1973). Porém, apenas nos últimos anos, com os avanços verificados na área da psicologia cognitiva, foi possível que a investigação progredisse para o nível das representações mentais (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; Main *et al.*, 1985; Waters, Rodrigues, & Ridgeway, 1998), permitindo testar empiricamente este pressuposto, bem como, analisar a natureza e organização das relações de base segura em contexto familiar.

Modelos Dinâmicos Internos

Central neste processo é o conceito de modelo dinâmico interno, definido como componente integrante do sistema de controlo da vinculação (Bowlby, 1969/1982) e não como “uma nova formulação para o substituir” (Waters & Cummings, 2000). Segundo Bowlby (1973), nos modelos dinâmicos que o indivíduo constrói acerca do mundo são, particularmente, relevantes os modelos das figuras de vinculação (que incluem informação acerca de quem são, onde podem ser encontradas e como se espera que respondam) e do *self* (noção de como se é aceite e visto pela figura de vinculação). Com efeito, estes constructos cognitivos/afectivos são construídos no contexto das interacções contínuas e reais, entre a criança e estas figuras, sendo por isso vistos como complementares. Se a criança vivencia interacções com uma figura que reconhece as suas necessidades de conforto e protecção, sendo acessível e responsiva e que, simultaneamente, respeita as suas necessidades de autonomia e de exploração do meio, é provável que desenvolva um modelo de *self* como valorizado e merecedor de afecto.

Contrariamente, se as necessidades da criança forem rejeitadas, é provável que construa um modelo de *self* como incompetente e como não sendo merecedor de afecto. É com a ajuda destes modelos dinâmicos, que a criança interpreta e prevê os comportamentos esperados da figura de vinculação, e em função dos quais planeia as suas respostas actuais e futuras. Deste modo, o tipo de modelos construído será de grande importância, influenciando comportamentos, sentimentos e cognições (Bowlby, 1973). Estes desenvolvem-se, inicialmente, através de padrões de interacção sensório-motores e afectivos e posteriormente através da comunicação verbal entre criança e figura de vinculação.

Uma vez formados, os modelos tendem a operar ao nível do inconsciente (Bowlby, 1980), esperando-se que permaneçam relativamente estáveis ao longo da vida. Estão, porém, abertos à revisão e mudança face ao desenvolvimento das competências do indivíduo, da própria relação e a experiências de vida relevantes para a vinculação, pelo que devem ser vistos como um processo dinâmico, em vez de fixos e inalteráveis (Bowlby, 1973; 1988; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000; Weinfield, Sroufe, & Egeland, 2000). Segundo Bowlby (1973; 1988) estas representações têm impacto ao longo da vida, servindo de modelo implícito para o estabelecimento e funcionamento nas relações afectivas/íntimas futuras, nomeadamente, onde o fenómeno de base segura está presente, como será o caso das relações românticas e de parentalidade. No entanto, estas relações não devem ser vistas de um modo casuístico, mas antes probabilístico, em que a mudança é sempre possível, embora moldada pela adaptação passada (Sroufe, 2005).

Quando Bowlby introduziu o conceito de modelo interno dinâmico, este não era mais do que uma “metáfora conceptual” (Bretherton, 1985), visto pouco se saber acerca da sua organização, funcionamento e desenvolvimento. Neste sentido, as teorias das representações de acontecimentos (Nelson, 1986; Schank & Abelson, 1977; Schank, 1982) poderão ter um importante contributo na sua clarificação (Bretherton, 1985; 1990; Bretherton & Munholland, 1999).

No contexto actual da teoria da vinculação, estes modelos não são vistos como um conjunto de informação relevante para a vinculação, armazenada na memória episódica ou na semântica (Bowlby, 1973) mas, como redes de esquemas, hierarquicamente organizados e interrelacionados, que variam entre o muito próximo das experiências reais, e o geral e abstracto, não estando todos directamente acessíveis

ao consciente. Embora guiem o processamento e interpretação de novas experiências, os esquemas existentes, estão abertos à mudança e a construção de novos esquemas ocorrerá quando um acontecimento inesperado se repetir de forma sistemática. Esta informação, derivada da memória episódica, será então re-processada, sintetizada e transmitida a outras estruturas que representam informações mais generalizadas de acontecimentos (Bretherton, 1990; Bretherton *et al.*, 1990; Bretherton & Munholland, 1999).

Assim, a um nível mais básico, nos modelos dinâmicos internos, os esquemas incluem informação episódica acerca de situações relevantes para a vinculação, a um nível superior estas informações são sintetizadas em representações mentais relativas a possíveis respostas por parte da figura de vinculação, em diferentes contextos relevantes para a vinculação. Num nível mais generalizado, estes modelos incluem informação geral e abstracta acerca do *self* e das figuras de vinculação, bem como expectativas generalizadas acerca das relações afectivas e, provavelmente, do mundo como um lugar mais ou menos fiável (Bretherton, 1990; Bretherton & Munholland, 1999; Main *et al.*, 1985).

Main *et al.* (1985) definem o modelo interno da vinculação como um conjunto de regras conscientes e/ou inconscientes “*for the organization of information relevant to attachment and for obtaining or limiting access to that information, that is, to information regarding attachment-related experiences, feelings and ideations*” (p. 67). As diferenças individuais nestes modelos deverão estar associadas, não só a diferenças na organização dos comportamentos não verbais mas, também, a padrões de linguagem e de estrutura do pensamento.

Com vista a analisar estes modelos nos adultos, George, Kaplan e Main criaram a *Adult Attachment Interview (AAI)*, ver revisão de Hesse, 1999), uma entrevista semi-estruturada que analisa as descrições das relações iniciais e dos acontecimentos relacionados com a vinculação, assim como, a reflexão que os adultos fazem sobre estas relações e acontecimentos, e o modo como pensam que influenciam a sua personalidade adulta. Estas narrativas verbais reflectem o *state of mind* relativamente à vinculação e por inferência a organização subjacente do modelo dinâmico interno da vinculação na sua generalidade. Três classificações principais resultam da *AAI*: os autónomos (seguros), os desligados e os preocupados (inseguros, mas organizados) podendo os sujeitos ser, ainda, classificados como não-resolvidos/desorganizados. O acesso e a

coerência na organização da informação relevante para a vinculação parecem ser a propriedade mental mais característica dos modelos seguros, enquanto que nos modelos inseguros a informação é de difícil acesso e incoerente, assistindo-se, em alguns casos, a uma clara contradição entre a informação semântica e a episódica (Main *et al.*, 1985).

O script de base segura

Segundo Waters e Waters (2006) uma vez atingindo com sucesso o nível das representações, em particular com a AAI, torna-se necessário, tanto a nível teórico, como empírico, a passagem para um nível de maior especificidade, nomeadamente, na análise da estrutura cognitiva dos modelos dinâmicos e do seu impacto nos comportamentos, cognições e afectos. Neste sentido, e no seguimento da proposta de Bretherton (1985) acerca dos esquemas de acontecimentos, como “... *the raw material from which young children construct internal (affective/cognitive) working models of self and of significant others, including attachment figures*” (p.32), Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) sugerem que a história de interações de base segura são representadas/organizadas na memória sob a forma de um *script* de base segura, semelhante ao conhecimento de tipo *script* relativo, por exemplo, a uma ida a um restaurante ou a uma festa de anos (Nelson, 1986).

Os esquemas de acontecimentos ou *scripts* são representações gerais de acontecimentos, que partem de uma base configurativa, mas que se vão generalizando, atingindo diferentes níveis de abstracção. São estruturas dinâmicas que contêm informação tipo “esqueleto” acerca de quem, o quê, quando, onde, o porquê e o como dos acontecimentos e que preservam aspectos da estrutura causal e espaço-temporal dos acontecimentos reais. Estes são criados no decurso da repetição de experiências de natureza semelhante e mobilizados sempre que uma determinada experiência se aproxima do esquema existente, permitindo ao sujeito prever com maior ou menor sucesso o que irá acontecer, para além do contexto imediato, ajudando a preparar e organizar o seu comportamento. Ainda que, inicialmente, estes *scripts* sejam aplicados de um modo voluntário, à medida que o *script* se torna mais regular, a sua activação torna-se involuntária – conhecimento implícito (Nelson, 1986; Schank & Abelson, 1977; Schank, 1982). Segundo Bretherton (1985), quando um *script* é activado, tal como as componentes perceptivas/cognitivas, também, a componente afectiva é

mobilizada, sendo pois necessário incluir, explicitamente, os afectos no estudo dos esquemas de acontecimentos.

Trabalhos realizados por Waters *et al.* (1998) indicam que as experiências de vinculação, vividas no contexto das primeiras relações, são representadas sob forma de uma estrutura de *script* causal-temporal em torno dos componentes do “fenómeno de base segura”. Baseando-se na tradição de Bowlby/Ainsworth, Waters e Waters (2006) consideram que se o suporte de base segura foi consistente e coerente, o *script* construído deverá ser completo, bem consolidado e rapidamente acessível em situações relevantes. Se, pelo contrário, foi inconsistente, ou ineficaz, o *script* deverá ser menos bem configurado e de mais difícil acesso em situações ou interacções de base segura. A familiaridade e o acesso a este *script*, assumem um papel importante na organização do equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e os comportamentos de exploração durante os primeiros anos de vida, sendo a base dos modelos internos de vinculação que emergem posteriormente. O *script* será activado por objectivos e acontecimentos relevantes para a vinculação e as respostas deverão ser prontas, esperando a pessoa comportamentos consistentes por parte da figura de vinculação (Waters *et al.*, 1998).

Sroufe e Fleeson (1986), no seguimento de Bowlby (1973), referem que no contexto das interacções contínuas com a figura de vinculação, a criança interioriza o conhecimento de ambos os papéis: o de procurar uma base segura e o de fornecer uma base segura, conhecimento, esse, que é transposto para relações afectiva futuras, nomeadamente, nas relações entre o casal e na parentalidade. Assim, na idade adulta, Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) sugerem que o conhecimento de tipo *script*, relativo a ter e/ou ser uma base segura de outra pessoa, contém diversos elementos elaborados na seguinte sequência: interacção construtiva entre os membros da díade de vinculação (adulto/criança ou adulto/adulto); um obstáculo à continuação da interacção; um sinal de que é necessária ajuda, detecção do sinal pelo parceiro; oferta de ajuda efectiva; a ajuda é sentida pelo receptor como reconfortante; resolução e/ou regresso à interacção construtiva com o meio físico ou social. O conhecimento e acesso a este *script* serão uma diferença chave entre os adultos com representações de vinculação seguras e inseguras.

Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) desenvolveram uma metodologia que visa, precisamente, avaliar a organização do conhecimento de base segura, utilizando narrativas produzidas por adultos, em resposta a um conjunto de palavras sugestivas,

que remetem para interações entre adulto/criança e entre adulto/adulto. Espera-se, assim, que os sujeitos utilizem o *script* de base segura, na elaboração das narrativas relacionadas com a vinculação. As autoras, e mais recentemente Coppola, Vaughn, Cassiba e Costantini (2006), Vaughn *et al.* (2007) e Veríssimo, Monteiro, Vaughn e Santos (2005) verificaram que as representações relativas às relações adulto/criança e adulto/adulto, se encontram organizadas num *script* geral e abstracto para as mães. Veríssimo, Monteiro e Santos (2006) alargaram estes resultados a uma amostra de pais portugueses. A estabilidade das classificações dos *scripts* de base segura maternos foi confirmada num intervalo de 12 a 15 meses (Vaughn, Veríssimo, Coppola, Bost, Shin, McBride, *et al.*, 2006).

Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) e Coppola *et al.* (2006) verificaram, ainda, que a escala de coerência da *AAI* reflecte o conhecimento e acesso a um *script* de base segura, sugerindo que a existência de um *script* bem organizado faz parte daquilo que se considera ser pensar de modo coerente acerca da vinculação. Elliott, Tini, Fetten, e Sauders (2003) confirmam estes resultados para adultos do sexo masculino, uma vez que os sujeitos com valores mais elevados de *script* de base segura (com a excepção da história do “Acidente da Susana”) apresentavam, também, valores mais elevados na escala de coerência da *AAI*.

Central para a teoria da vinculação é, ainda, o postulado de que as relações de vinculação são organizadas em torno dos comportamentos de base segura, independentemente da cultura (Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon, Schoelmerich *et al.*, 1995). Neste sentido, diversos estudos comprovaram empiricamente a existência de um *script* de base segura universal, ou seja, mães pertencentes a diferentes grupos culturais e étnicos (e.g., Peru, Suíça, Zimbabué, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Itália) produzem narrativas de base segura detalhadas e explícitas, face aos mesmos conjuntos de palavras sugestivas utilizados nas amostras americanas (Rodrigues-Doolabh, Zevallos, Turan, & Green, 2003; Vaughn *et al.*, 2007; Coppola *et al.*, 2006).

Testar empiricamente a transmissão social da vinculação

Nos estudos que analisam a transmissão intergeracional dos padrões de vinculação, os pais das crianças observadas em situação laboratorial (Situação Estranha, Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) ou naturalista (e.g., *Attachment Behavior Q-Set*, Waters, 1995), são entrevistados acerca das suas próprias experiências de

vinculação, sendo o instrumento mais utilizado a AAI (ver Crowell, Fraley, & Shaver, 1999, para uma revisão das medidas de avaliação nos adultos).

As diferenças individuais nas representações mentais actuais, que os pais têm acerca das suas experiências de vinculação, deverão estar relacionadas com o grau em que a informação relativa às necessidades de vinculação da criança, pode ser processada de um modo livre e sem distorções (a nível da atenção e memória) influenciando, assim, a qualidade da relação que os seus filhos estabelecem com eles. Pensa-se que, pais autónomos tenham tido experiências de vinculação seguras ou que tenham ultrapassado as suas experiências negativas do passado (*earned-secure*), conseguindo integrar de modo coerente os sentimentos e experiências relativos à vinculação, sendo por isso capazes de focalizar a sua atenção nos sinais de vinculação dos filhos, respondendo-lhes de um modo sensível. Pais com representações inseguras têm dificuldade em percepcionar e interpretar adequadamente os sinais e comunicações das crianças, bloqueando ou distorcendo-os, uma vez que a expressão destes poderá desencadear memórias de vinculação penosas levando-os, assim, a rejeitar ou a responder de um modo imprevisível (Hesse, 1999; Main *et al.*, 1985; van IJzendoorn, 1995). Deste modo, diferentes tipos de restrições são colocados na atenção e no processamento da informação relativa à vinculação e que se reflectem, a nível do discurso, na forma de incoerências e a nível comportamental, na insensibilidade. Segundo Main, Hesse, Kaplan (2005), pais classificados como inseguros (organizados) actuam implicitamente no sentido de preservar o seu *state of mind*, desencorajando comportamentos de base segura por parte dos filhos, uma vez que estes são sentidos como ameaçadores de uma organização mental, que lhes permite manter uma relação organizada com os seus próprios pais dando-lhes, assim, um sentimento de segurança, falsa, mas sentida.

Segundo Bretherton (1990), a diferenciação entre os modelos dinâmicos seguros e inseguros não reside, apenas no seu conteúdo mas, também, na sua organização interna e relativa consistência/inconsistência nos e entre os diferentes níveis de esquemas relevantes para a vinculação. A dissociação destes esquemas dará origem a comunicações e comportamentos contraditórios nestas relações, sendo que as dificuldades dos pais na interpretação dos sinais dos seus filhos, leva a que lhes forneçam um feedback desadequado, tornando problemática a construção, por parte da criança, de um modelo dinâmico interno adequado acerca da relação.

Main *et al.* (1985) obtiveram uma forte associação (.62 para as mães, e mais fraca, .37 para os pais), entre as classificações das representações parentais, avaliadas pela AAI, e a qualidade da relação de vinculação da criança, avaliada na Situação Estranha. Estes resultados foram confirmados na meta-análise de van IJzendoorn (1995), onde a magnitude do efeito obtido fornece um forte suporte empírico à hipótese da transmissão intergeracional da qualidade da vinculação. A correspondência entre a AAI e a Situação Estranha é comparável a 75% ($k = .49$, $n = 661$). Contudo, tal como, no estudo inicial de Main *et al.* (1985) a associação é mais forte nas díades mãe/criança ($r(654) = .50$), do que nas díades pai/criança ($r(196) = .37$), para a divisão seguro/inseguro. No mesmo sentido, vão os resultados obtidos por Steele, Steele e Fonagy (1996) e Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-English e Zimmermann (2002). van IJzendoorn (1995) refere, ainda, que esta relação é mais fraca para as crianças em idade pré-escolar, do que para as crianças mais novas.

Utilizando a AAI e o AQS, Posada, Waters, Crowell e Lay (1995) verificaram que crianças, em idade pré-escolar (observadas em casa), cujas mães foram classificadas como seguras, apresentam valores no critério de segurança do AQS mais elevados, do que as crianças cujas mães foram classificadas como inseguras. Estudos recentes, utilizando o novo instrumento de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001; 2004), demonstraram que o conhecimento materno, tipo *script*, de base segura se encontra associado com as classificações dos filhos na Situação Estranha (Tini, Corcoran, Rodrigues-Doolabh, & Waters, 2003), e com a organização dos comportamentos de base segura (AQS) das crianças em casa (Veríssimo *et al.*, 2005; Vaughn *et al.*, 2007). O mesmo se confirmou em díades pai/criança portuguesas (Veríssimo *et al.*, 2006). Assim, pais cujas histórias pessoais se caracterizam por vinculações seguras, tendo por isso tido diversas oportunidades de receber suporte de base segura e provavelmente de ter servido de base segura a um parceiro de interação (criança e/ou adulto), possuem um *script* completo e de fácil acesso em situações relevantes para a vinculação (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001).

Representações de vinculação parentais, e organização dos comportamentos de base segura das crianças: a organização da rede de vinculação em contexto familiar

A investigação da transmissão social da vinculação de geração para geração, utilizando medidas representativas, tornou possível estudar empiricamente questões

relacionadas com a concordância (ou não) das classificações de vinculação, nas relações criança/mãe e criança/pai. Do ponto de vista empírico, em que a organização dos comportamentos de base segura se encontra fortemente correlacionada com as representações de vinculação parentais, será de esperar que a concordância das classificações da criança à mãe e ao pai possa ser explicada ou, pelo menos, melhor compreendida, através da análise destas representações mentais (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996; van IJzendoorn & De Wolff, 1997).

De acordo com a meta-análise realizada por van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996), a distribuição das classificações na AAI (amostras não-clínicas) é muito semelhante para mães e pais, revelando-se independente da cultura. No entanto, estes resultados não implicam a existência de concordância nas classificações de vinculação no casal. A meta-análise realizada, pelos autores, com 226 casais, revelou uma correspondência significativa para a divisão da classificação seguro/inseguro (efeito comparável a $r(224) = .28$; $K=4$ estudos). Mulheres e homens com representações de vinculação seguras casam com mais frequência, do que é explicado pelo acaso, sendo o mesmo verdade para indivíduos com representações inseguras. Porém, o valor obtido indica que existem parceiros com representações inseguras que casam com parceiros com representações seguras. Este resultado, poderá ajudar a explicar a associação modesta ($r = .17$; $K=14$; $N=950$ famílias) obtida na meta-análise de van IJzendoorn e De Wolff (1997) entre a qualidade da relação de vinculação da criança à mãe e ao pai.

No estudo de Steele *et al.* (1996), 79% das mães e 80% dos pais classificados como autónomos tinham crianças (12 e 18 meses) com classificações seguras na Situação Estranha. Contudo, apesar da semelhança encontrada nas classificações de vinculação das crianças a ambos os pais, esta não podia ser explicada pela concordância das representações no casal. Embora levantando a questão do temperamento, os autores consideram a hipótese da influência das representações de vinculação maternas nos comportamentos/modelos da criança, que são transpostos para as suas interações com os outros, dentro e fora do contexto familiar. Tal poderá ser interpretado como um efeito da principal figura de vinculação, a mãe.

Objectivos

Este estudo empírico dá continuidade ao trabalho iniciado por Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos e Fernandes (*in press*) sobre o fenómeno de base segura em famílias portuguesas, alargando a sua análise às representações parentais acerca da vinculação. As narrativas maternas e paternas são analisadas, quanto à presença e qualidade do *script* de base segura, utilizando o instrumento de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) que define claramente a sua ligação ao fenómeno de base segura (Waters & Cummings, 2000). Apesar de se tratar de um instrumento recente, a sua validade interna tem sido confirmada em diversos trabalhos (e.g., Rodrigues-Doolabh *et al.*, 2003; Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2006). Saliente-se que, tal como na análise da qualidade da vinculação da criança na relação com o pai, ao nível comportamental, também, ao nível representativo, o número de estudos que utiliza a AAI, em amostras de pais, é muito inferior ao das mães (van IJzendoorn, 1995; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). Na mesma linha, apenas o estudo de Veríssimo *et al.* (2006), que utiliza o instrumento das narrativas de vinculação, inclui os pais nas suas análises. Este trabalho procura, assim, confirmar a validade interna do instrumento para os pais e ampliar os dados já existentes para as mães.

Procura, também, contribuir para testar a validade discriminativa do instrumento analisando as duas histórias neutras, cujo conteúdo não se refere a interações de base segura, para ambos os pais. Apenas Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) reportam a existência deste tipo de validade, verificando que os valores *script* das narrativas maternas Neutras, não se encontram significativamente correlacionados com os valores *script* das histórias Adulto/criança e Adulto/adulto, que possuem conteúdo de base segura.

Na continuidade do trabalho de Vaughn *et al.* (2006) sobre os aspectos estilísticos das narrativas maternas, este estudo tem, igualmente, como objectivo alargar a análise às narrativas de mães e pais portugueses, nomeadamente, quanto ao número de palavras sugestivas e ao número total de palavras utilizadas nas histórias, e verificar se existe associação entre os aspectos organizadores na narrativa, enquanto texto, e o *script* de base segura.

Monteiro *et al.* (*in press*) verificaram, nas famílias em estudo, que as crianças organizam os seus comportamentos de base segura em torno das figuras parentais, em magnitudes semelhantes, sendo o valor médio de segurança (AQS) na relação

criança/mãe de .45 e de .41 na relação criança/pai. Dada a existência de medidas representativas, para ambos os pais, este estudo visa compreender a relação entre o conhecimento e acesso ao *script* de base segura materno e paterno e a organização dos comportamentos de base segura das crianças em casa (ao nível do critério de segurança e das escalas AQS). Pretendemos, assim, testar a hipótese da intergeracionalidade para as mães e para os pais, bem como, a validade preditiva do instrumento de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001).

Monteiro *et al.* (*in press*) encontraram, ainda, uma associação significativa entre o valor de segurança da criança na relação com a mãe e com o pai ($r = .35$), considerando que a segurança não parece estar, substancialmente, generalizada às diferentes relações dentro do sistema familiar (van IJzendoorn & De Wolff, 1997). No presente estudo, procura-se clarificar a concordância encontrada, analisando o *script* de base segura no casal. Mais, os dados permitem analisar as relações conjuntas das representações da mãe e do pai, e a organização dos comportamentos de base segura da criança, com cada uma das figuras parentais. Pelo que se tenta compreender se o *script* materno contribui para a segurança da relação criança/pai, para além do que seria previsível a partir do *script* paterno, ou se o *script* do pai contribui para a previsão da segurança da relação criança/mãe, para além do que seria previsível a partir do *script* materno. Procura-se, assim, contribuir para uma clarificação da organização da rede de vinculação da criança na família.

MÉTODO

Participantes

Os participantes são 56 díades mãe/criança e pai/criança. À data das observações do AQS as crianças tinham idades compreendidas entre os 29 e os 38 meses ($M = 31.91$, $DP = 2.56$), sendo 29 do sexo feminino e 27 do sexo masculino. As crianças são provenientes de famílias bi-parentais, à excepção de 2 crianças que vivem com as mães tendo, contudo, um contacto regular com os pais. Destas, 28 são filhos primogénitos e 39 têm irmãos. As idades de entrada na Creche/Jardim-de-Infância variam entre os 4 e os 30 meses ($M = 8.67$, $DP = 6.59$), passando as crianças entre 3 a 10 horas/dia ($M = 7.56$, $DP = 1.53$) nesse contexto. As mães tinham idades entre os 26 e 48 anos ($M =$

34.95, DP= 4.33) e os pais entre 28 e os 63 anos (M= 37.48, DP= 6.08). As habilitações literárias das mães variam entre os 7 e os 23 anos de escolaridade (M= 15.46, DP= 3.34) e as dos pais entre os 7 e os 23 anos (M= 14.77, DP= 3.17). 51 das mães trabalham fora de casa, assim, como 55 dos pais. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio/médio alto, tendo sido recrutadas para o projecto através das Creches/Jardins-de-infância de ensino particular que as crianças frequentam. Os participantes fazem parte de um projecto longitudinal que analisa o desenvolvimento sócio-emocional das crianças entre os 2 anos e meio e os 5 anos.

Instrumentos

Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado).

Quatro grupos de palavras sugestivas foram desenvolvidos com vista a guiar a produção de narrativas, relacionadas com cenários importantes para a vinculação e, deste modo, analisar o conhecimento e acesso ao *script* de base segura, nos adultos, em contextos de rotina e ansiogénicos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Os dois primeiros, “A manhã do bebé” e “No consultório médico”, referem-se às interações adulto/criança, enquanto que, “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana” referem-se às interações adulto/adulto (casal). São, ainda, utilizados dois cenários, baseados em actividades familiares “O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”, considerados neutros, uma vez que não são relevantes para o fenómeno de base segura. Para os pais, e nas histórias adulto/criança substitui-se a palavra mãe, por pai (Veríssimo *et al.*, 2006). As palavras sugestivas apresentadas em cada história dão apenas um possível enquadramento para a elaboração da narrativa, pelo que, o mesmo conjunto pode desencadear um diverso número de histórias, igualmente bem elaboradas, em torno do *script* de base segura (Waters & Waters, 2006).

As quatro narrativas são cotadas, numa escala de 7 pontos, indicando a extensão em que a narrativa se encontra organizada em torno do *script* de base segura e a sua riqueza/detalhe relativa à relação entre as personagens da história. Um valor global sintetiza tanto a presença, como a qualidade do *script* para cada uma das narrativas. Os valores inferiores a 4 indicam a ausência geral do *script* de base segura. Os valores mais baixos (1- 2) são reservados para histórias em que, não só há ausência do *script* como, também, se verifica a existência de conteúdos bizarros (e.g., a criança que se magoou

tranquiliza o pai, que está transtornado com a ferida). Os valores de 4 ou acima na escala de 7 pontos, indicam a presença do *script* de base segura. Os valores mais elevados são atribuídos quando o *script* é elaborado, revela conhecimento e sensibilidade face ao estado emocional do outro, reformula o significado do obstáculo/conflito de um modo favorável e/ou integra a interação actual no contexto da relação entre os sujeitos (ver Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004; Waters & Waters, 2006). A média das 4 histórias, com conteúdo de base segura, indica o valor *script* de base segura para cada sujeito. As duas histórias neutras são, também, cotadas utilizando a escala de 1 – 7, com base nos *scripts* referentes a um passeio no parque e a uma tarde nas compras.

De acordo com Waters e Waters (2006), na cotação das narrativas não devem ser tidos em consideração, por exemplo, detalhes relativos à linguagem (e.g., os tempos verbais, ou as repetições) e à veracidade da história (uma vez que todas as histórias são fictícias,) devendo evitar-se as inferências acerca dos estados mentais e as interpretações psicodinâmicas. Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) verificaram, ainda, que o *Q.I.* das mães não se encontra significativamente correlacionado com os valores *script* de base segura, pelo que, este método não avalia de modo significativo as competências verbais gerais dos sujeitos. Os resultados de Elliot *et al.* (2003) confirmam este resultado para adultos do sexo masculino.

Attachment Behavior Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995)

O instrumento avalia a qualidade do comportamento de base segura da criança, face à mãe ou a outras figuras, em contexto ecologicamente válido (Vaughn & Waters, 1990). No *AQS* o comportamento de base segura é definido como a organização harmoniosa e o equilíbrio adequado, entre a procura de proximidade e a exploração do meio (Posada, Goa *et al.*, 1995), permitindo a descrição pormenorizada dos comportamentos da criança e do seu desenvolvimento (Veríssimo, Blicharski, Strayer, & Santos, 1995). Este é um instrumento de classificação, de observação sistemática, baseado na metodologia do *Q-Sort*, sendo preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. Os 90 itens do *AQS* são distribuídos pelo observador numa escala de nove níveis, que variam do “extremamente típico” até ao “extremamente atípico”, tendo em consideração a sua saliência ou relevância, para a criança observada. Esta descrição é, então, comparada com o valor critério de segurança

da criança ideal, definido por Waters (1995), o que permite obter o valor de segurança do sujeito, que representa o lugar ocupado pela criança num contínuo, sendo que as crianças mais capazes de utilizar a mãe, ou outra figura, como base segura recebem valores mais elevados, enquanto que, as menos capazes de o fazer recebem valores mais baixos. Este valor varia entre - 1.0 e 1.0, sendo que valores abaixo de - .25 ou acima de .80 são raros. A existência do fenómeno de base segura não é presumida por esta técnica, antes a sua presença ou ausência é inferida a partir do perfil (Posada, Goa *et al.*, 1995).

As quatro escalas criadas por Posada e Waters (Posada, Waters *et al.*, 1995), derivadas do AQS são: Interação Suave com a Mãe/Pai; Proximidade com a Mãe/Pai; Contacto Físico com a Mãe/Pai e Interação com Outros Adultos (ver Monteiro *et al.*, *in press*, para uma descrição das escalas). Os Alfas de Cronbach obtidos nas quatro escalas para a mãe foram de .87, .90, .83, .78, respectivamente, e para o pai de .86, .92, .84, .78. Estes valores traduzem níveis aceitáveis de fiabilidade das escalas, para ambos os pais, e são comparáveis aos obtidos por Posada, Waters *et al.* (1995).

A validade do AQS realizado por observadores foi, claramente, confirmada na meta-análise de van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg e Riksen-Walraven (2004), e em amostras portuguesas (e.g., Veríssimo *et al.*, 2005; Veríssimo *et al.*, 2006).

Procedimento

Narrativas de vinculação

As narrativas foram recolhidas no final da visita domiciliária, que tinha como objectivo observar a interacção da criança com cada progenitor, separadamente. Quando as observações terminavam, era pedido à mãe/pai que acompanhasse um dos observadores a outra divisão da casa, de modo a realizar as narrativas, enquanto o segundo observador brincava com a criança.

As mães e os pais responderam a seis conjuntos de palavras sugestivas, cada um com um título da narrativa a contar (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) e que foram apresentados, um de cada vez, por um investigador. Assim, para cada história é apresentado um conjunto de palavras organizadas em três colunas, na primeira, as palavras apresentadas sugerem um possível cenário e os actores iniciais; na segunda alguns conteúdos e actividades; e na última sugerem uma possível conclusão para a

história. Foi pedido às mães/pais que lessem cada coluna, de cima para baixo, da esquerda para a direita, de modo a terem uma ideia acerca de uma possível história a contar sendo, no entanto, os pais fossem livres de utilizar as palavras como entendessem. Foram, ainda, informados que as histórias seriam gravadas e que, se assim o entendessem, poderiam parar de contar a história e reiniciá-la.

Apenas quatro das histórias visam desencadear temas relacionados com a vinculação, duas referem-se explicitamente a conteúdos da relação Adulto/criança (A manhã do bebé, O consultório do médico) e duas à temática Adulto/adulto (O acampamento da Joana e do Pedro; O acidente da Susana). As restantes histórias (O passeio no parque; Uma ida às compras, remetem para interações adulto/criança e adulto/adulto, respectivamente) são consideradas neutras. À medida que os conjuntos de palavras foram sendo apresentados, um por um, o investigador identificava o tema da história e se as personagens eram mãe/pai e criança, ou adultos. Estes foram apresentados em seis sequências diferentes, de modo a controlar possíveis efeitos de ordem. As três histórias relativas à interação Adulto/criança foram sempre apresentadas como um bloco e as referentes aos adultos como outro bloco, isto é, as mães/pais realizavam todas as três histórias de um bloco, antes de lhes ser apresentada uma história do outro bloco. A maioria dos pais realizou a tarefa em 15-20 minutos. As histórias foram, posteriormente, transcritas de forma a serem cotadas.

Três a quatro investigadores (em que apenas um tinha conhecimento de informações relativas ao *AQS*, para cerca de metade dos participantes) leram e cotaram cada história, utilizando a escala de 7 pontos definida por Waters e Rodrigues-Doolabh (2004). As histórias foram agrupadas por temas, por exemplo, todas as histórias de “A Manhã do bebé” foram colocadas num grupo e cotadas na mesma sessão. O mesmo procedimento foi utilizado para as restantes histórias, cotadas em dias diferentes, de modo a minimizar a possibilidade dos investigadores identificarem as histórias de um único sujeito. Três investigadores receberam treino intensivo na cotação das narrativas por parte de H. Waters. O quarto foi treinado, por um dos outros investigadores, utilizando as narrativas de H. Waters, até valores de fiabilidade satisfatória terem sido atingidos. Para as histórias maternas os valores de correlação entre os investigadores (calculadas como correlações entre classes) variam entre .64 e .85, com cerca de 85% dos valores a situarem-se dentro de 1 ponto na escala de 1 – 7. Os valores *Spearman-Brown*, de fiabilidade para cada história, variam entre .82 e .93. Para os pais as correlações entre investigadores (calculadas como correlações entre classes) variam

entre .74 e .96, com cerca de 87% dos valores a situarem-se dentro de 1 ponto na escala de 1 – 7. Os valores *Spearman-Brown*, de fiabilidade para cada história, variam entre .85 e .95.

O valor final para cada narrativa foi obtido através da média dos valores dados pelos investigadores que cotaram as histórias, tendo sido retiradas as cotações do investigador que possuía informação acerca do AQS para metade da amostra. Efectuou-se a média das cotações das histórias Adulto/criança obtendo-se um valor para este grupo, realizando-se o mesmo para as histórias Adulto/adulto. Um valor global foi obtido através do cálculo da média das 4 histórias com conteúdo de base segura.

Observações do AQS

As visitas domiciliárias, de cerca de 2 – 3 horas, foram combinadas com a mãe e o pai, separadamente, de modo a observar as interações da criança com cada progenitor. Estas foram efectuadas obedecendo ao princípio de contra-balanceamento, de modo a controlar possíveis efeitos de ordem. O intervalo das visitas foi em média de 1 mês. Cerca de 82% das observações realizadas com as mães, e 64% das realizadas com os pais, ocorreram durante a semana, após a mãe/pai terem ido buscar as crianças à escola, as restantes observações decorreram no fim-de-semana.

Foi dito aos pais que o objectivo da visita era conhecer a criança e a mãe/pai na sua rotina e experiências diárias, pelo que lhes foi pedido que estas fossem mantidas inalteradas. As observações foram realizadas por dois investigadores, que se comportaram como se de visitas sociais da casa se tratassem procurando, no entanto, não interferir com as actividades e interações em curso, mas participando das brincadeiras da criança, quando solicitados, e conversando informalmente com a mãe/pai. Quando se tornava oportuno e na sequência da conversa com a mãe/pai foram-lhe colocadas questões acerca de itens que não se podem observar e/ou não foram observados na visita. Os dois observadores que realizaram as visitas às mães, não foram os mesmos a efectuar as observações com os pais.

No final de cada visita, os observadores realizaram a distribuição dos itens do AQS relativos ao sujeito, de modo totalmente independente. Os 90 itens foram distribuídos por uma escala de nove pontos (10 itens em cada categoria), em que os itens mais característicos da criança ou como a criança são colocados nas categorias mais elevadas (9 – 7), e os itens menos característicos ou os que não são como a criança

observada são colocados nas categorias mais baixas (3 – 1). Os itens que não são nem característicos, nem incharacterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (6 – 4). O perfil do sujeito observado é, então, correlacionado com o critério de segurança fornecido por Waters (1995), obtendo-se um valor que reflecte o lugar ocupado pela criança, num contínuo de segurança (ver Monteiro *et al.*, *in press*, para uma descrição mais pormenorizada do procedimento). A média das correlações inter-observadores para as díades mãe/criança foi de .72 e de .73 para as díades pai/criança. O *Q-Sort* de cada criança é o compósito (média) das duas descrições-Q realizadas pelos observadores.

RESULTADOS

Validade interna

Utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson* analisaram-se as relações intra histórias Adulto/criança e Adulto/adulto e entre estes dois compósitos, para ambas as figuras parentais. Os valores são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Correlações intra e inter histórias com conteúdo de base segura para mães e pais

	Mãe	Pai
Adulto/criança	.65*	.60*
Adulto/adulto	.54*	.63*
Adulto/criança vs Adulto/adulto	.73*	.74*

* $p < .001$

Os resultados obtidos encontram-se dentro dos valores de correlação dos estudos iniciais de Waters e Rodrigues-Doolabh *et al.* (2001), e são consistentes com os obtidos por Veríssimo *et al.* (2005) e Veríssimo *et al.* (2006) para mães e pais portugueses. O valor do Alfa de *Cronbach* para as histórias, com *script* de base segura, maternas é de .84 e de .86 para as paternas, valores que traduzem níveis aceitáveis de consistência interna do instrumento, sendo comparáveis aos obtidos em trabalhos anteriores (e.g., Elliott *et al.*, 2003; Veríssimo *et al.*, 2006; Rodrigues- Doolabh *et al.*, 2003)

Validade discriminativa – histórias neutras

De modo a testar a validade discriminativa do instrumento, correlacionou-se (Pearson) os valores *script* do compósito das histórias Adulto/criança e Adulto/adulto com os das histórias Neutras maternas e paternas. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Correlação entre os compósitos das histórias com *script* de base segura e as histórias neutras para mães e pais

	Adulto/criança/Mãe	Adulto/adulto/Mãe	Adulto/criança/Pai	Adulto/Adulto/Pai
Neutras/Mãe	.01	.07		
Neutras/Pai			- .01	.08

Como se pode observar, na Tabela 2, não existem correlações significativas entre os compósitos das histórias com *script* de base segura e as histórias Neutras, quer para as mães, quer para os pais, o que confirma os resultados de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001), ampliando-os para uma amostra, de mães e pais, portuguesa.

Aspectos estilísticos das narrativas maternas e paternas

Analisou-se o número de palavras sugestivas e o número total de palavras utilizados por mães e pais na elaboração das suas narrativas. As Médias e os Desvios Padrão são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Médias e Desvios Padrão do nº de palavras sugestivas e do nº total de palavras para as histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e Neutras

Aspectos Estilísticos	Adulto/criança	Adulto/adulto	Neutras
Nº palavras sugestivas/mãe	22.64 (DP=8.96)	18.42 (DP=5.86)	19.28 (DP=7.96)
Nº palavras sugestivas/pai	20.72 (DP=7.03)	19.07 (DP=6.73)	18.40 (DP=5.67)
Nº total palavras/mãe	153.42 (DP=94.06)	155.95 (DP=95.47)	132.01 (DP=80.91)
Nº total palavras/pai	141.55 (DP=69.51)	163.06 (DP=76.08)	137.18 (DP=72.75)

A realização de ANOVAs indica que não existem diferenças significativas para o número de palavras sugestivas ($F(109,1) = 1,16, p > .05$), e para o número total de palavras ($F(109,1) = .06, p > .05$) utilizadas por mães e pais, no total das 4 histórias com conteúdo de base segura.

Script de base segura materno e paterno

As narrativas das mães e dos pais foram analisadas quanto à presença e qualidade do *script* de base segura, nas histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e no Total (média das 4 histórias, que fornece o valor *script* de base segura para os sujeitos). As Médias e os Desvios Padrão são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Médias e Desvios Padrão para os valores de *script* de base segura materno e paterno

	Adulto/criança	Adulto/adulto	Total
Mãe	4.10 (DP=1.18)	3.60 (DP= .91)	3.81 (DP= .99)
Pai	3.59 (DP=1.18)	3.31 (DP= .18)	3.32 (DP= .88)

Utilizando o Teste *t-student* para amostras emparelhadas comparou-se as médias das mães e dos pais para os valores Totais ($t(55) = 3.42, p < .001$), histórias Adulto/criança ($t(55) = 3.58, p < .001$), e Adulto/adulto ($t(55) = 2.35, p < .05$), verificando-se a existência de diferenças significativas, em todas as análises realizadas. Nesta amostra, as histórias contadas pelos pais tendem a receber valores *script* de base segura mais baixos, comparativamente com as histórias contadas pelas mães.

Análise das variáveis descritivas

Analisaram-se as relações (Correlação de *Pearson*) entre as variáveis descritivas e o valor *script* de base segura, para ambos os pais. Os resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Correlação entre as variáveis descritivas e os valores *script* de base segura para mães e pais

Descritivos	<i>Script</i> /mãe	<i>Script</i> /pai
Idade/criança	- .12	- .18
Idade entrada Creche/J.I.	- .10	.00
Nº horas Creche/J.I	.20	.14
Idade/mãe	.03	- .01
Idade/pai	.11	- .00
Hab. Literárias/mãe	.03	- .11
Hab. Literárias/pai	.01	.11

Os valores apresentados, na Tabela 5, indicam a ausência de correlações significativas entre as diferentes variáveis descritivas e os valores *script* de base segura (Total) de ambos os pais.

Após a realização da ANOVA para medições repetidas não foram encontradas diferenças significativas entre os valores *script* de base segura das mães e dos pais para raparigas ($F(54,1) = .00, p > .05$) e rapazes ($F(54,1) = .75, p > .05$); e para a ordem de nascimento, primogénitos ($F(53,1) = .78, p > .05$) e não primogénitos ($F(53,1) = .03, p > .05$).

Análise das relações entre os aspectos estilísticos e o script de base segura parental

Analisaram-se, ainda, as narrativas maternas e paternas quanto ao número total de palavras utilizadas nas histórias (Tabela 6), e ao número total de palavras sugestivas (Tabela 7) e a sua associação com o *script* de base segura nas histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e no Total, utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*.

Tabela 6

Correlação entre o número total de palavras e os *scripts* de base segura parentais

Nº total de palavras	<i>script</i> base segura/mãe	<i>script</i> base segura/pai
Adulto/criança/mãe	.05	
Adulto/adulto/ mãe	.23	
Total/mãe	.13	
Adulto/criança/pai		.23
Adulto/adulto/ pai		.19
Total/ pai		.22

Como se pode observar, na Tabela 6, não foram encontradas correlações significativas entre o número total de palavras, utilizadas pelas mães e pelos pais, nas histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e Total, e os valores *script* de base segura.

Tabela 7

Correlação entre o número total de palavras sugestivas e os *scripts* de base segura parentais

Nº Palavras sugestivas	<i>script</i> base segura/mãe	<i>script</i> base segura/pai
Adulto/criança/mãe	.02	
Adulto/adulto/ mãe	.14	
Total/mãe	.07	
Adulto/criança/pai		.29*
Adulto/adulto/ pai		.25
Total/ pai		.29*

* $p < .05$

Relativamente ao número total de palavras sugestivas utilizadas pelas mães nas histórias Adulto/criança, Adulto/adulto e Total não se existem correlações significativas com o valor *script* de base segura, como se pode observar na Tabela 7. Para os pais obtiveram-se correlações significativas entre o número total de palavras sugestivas utilizadas nas histórias Adulto/criança e no Total, e os valores *script* de base segura.

Relação entre o script de base segura materno e paterno, e a organização dos comportamentos de base segura das crianças

Testou-se a noção da intergeracionalidade, analisando-se (Correlação de *Pearson*) as relações entre o *script* de base segura materno e a organização dos comportamentos de base segura da criança ($r = .30, p < .05$), e o *script* de base segura paterno e a organização dos comportamentos de base segura da criança ($r = .32, p < .05$). Para ambos os pais, as associações obtidas são significativas, e vão no sentido previsto. Assim, mães e pais que utilizam o *script* de base segura, na construção de narrativas produzidas a partir de palavras sugestivas, tendem a ter crianças com valores de segurança mais elevados no AQS.

Analisou-se, ainda, a relação entre os valores *script* de base segura das figuras parentais e as escalas do AQS (Posada, Waters *et al.*, 1995) para as crianças. Os valores são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Correlação entre os valores *script* de base segura e as escalas *AQS*, na relação com a mãe e o pai

Escalas <i>AQS</i>	<i>Script</i> Mãe	<i>Script</i> Pai
Interacção Suave	.13	.19
Proximidade	.14	.18
Contacto Físico	.20	.23
Interacção com Outros Adultos	-.20	-.04

Como se pode verificar, na Tabela 8, os valores *script* de base segura (Total) de mães e pais não se encontram significativamente correlacionados com nenhuma das escalas do *AQS* dos seus filhos.

Análise dos scripts de base segura no casal

As correlações entre mães e pais para os valores do compósito Adulto/criança ($r = .38, p < .02$), Adulto/adulto ($r = .28, p < .05$) e Total ($r = .38, p < .02$) são significativas. Assim, pais com valores *script* de base segura mais elevados estão casados com parceiros que possuem, também, *scripts* de base segura com valores mais elevados.

Predição conjunta da organização dos comportamentos de base segura da criança

As análises realizadas consideraram a predição conjunta da segurança do *AQS* utilizando os valores globais do *script* de base segura da mãe e do pai. Para estas análises, o *AQS* com o pai (ou com a mãe) foi a variável critério e os valores *script* de base segura de ambos os pais, introduzidos como preditores num modelo de regressão hierárquico.

Quando o valor de segurança do *AQS* com o pai foi o critério, o primeiro passo da regressão (i.e., o valor *script* do pai como preditor) foi significativo ($F(2, 53) = 9.1, p < .01$), ($\beta = .38, p < .01$). Acrescentar o valor do *script* materno, no segundo passo da regressão, não aumenta o R^2 geral, e o valor *beta* para o *script* materno não obteve um efeito significativo ($F(2, 53) = 2.69, p > .05$), ($\beta = .07, p > .05$). Quando o valor de segurança do *AQS* com a mãe foi o critério, o primeiro passo da regressão (i.e., o valor *script* da mãe como preditor) foi significativo ($F(2, 53) = 5.0, p < .05$), ($\beta = .29, p < .05$). Acrescentar o valor do *script* paterno, no segundo passo da regressão, não aumenta o R^2

geral e valor *beta* para o *script* paterno não foi significativo ($F(2, 53) = 2.9, p > .05$), ($\beta = .12, p > .05$).

Em nenhuma das regressões, os pesos estandardizados da regressão, para o valor do *script* de base segura da outra figura parental, se aproximou de valores significativos, quando introduzido como segundo passo. Estes resultados sugerem, assim, que o *script* de base segura de cada pai é o único (específico) preditor de segurança da criança na relação com essa figura parental, e não um preditor global de uma característica da criança.

Concordância dos scripts parentais e concordância dos valores AQS das crianças

Calculou-se uma correlação *canônica*, com o par dos valores AQS como variável dependente e o par dos valores *script* dos pais como variável preditora. Os variatos canônicos representam a variância comum que existe entre o conjunto de variáveis preditoras e o conjunto de variáveis dependentes, e a correlação canônica dá-nos informação acerca de como a variância comum ao conjunto de preditores se sobrepõe com a variância comum ao conjunto de variáveis dependentes. A correlação canônica para o primeiro variato, no que respeita aos conjuntos de variáveis preditoras e variáveis critério foi de .38 ($p < .05$). Os dados vão no sentido de que a correlação entre os valores AQS da criança se deve, pelo menos em parte, à correspondência entre os valores *script* de base segura parentais.

DISCUSSÃO

A introdução do conceito de modelo dinâmico interno (Bowlby, 1973), na teoria da vinculação, tornou possível a análise do fenómeno de base segura ao longo da vida, permitindo compreender as mudanças que ocorrem nas suas expressões, assim como, o seu impacto no desenvolvimento e adaptação psicossocial do indivíduo (Crowell *et al.*, 1999). Razões pelas quais, um enorme esforço empírico tem sido realizado, nos últimos 20 anos, com vista à construção e validação de instrumentos que permitam avaliar (quantitativa e qualitativamente) os modelos internos de crianças, adolescentes e adultos (e.g., Bretherton *et al.*, 1990; Main *et al.*, 1985; Hesse, 1999;

Waters *et al.*, 1998). Neste sentido, a AAI teve um profundo impacto no estudo da vinculação, nomeadamente, nos adultos, estando a sua validade claramente confirmada (Bakermans-Kranenburg & van IJzendoorn, 1993; van IJzendoorn, 1995) pelo que, o desenvolvimento de um novo instrumento, que avalia aspectos das representações de vinculação enfrenta, segundo Bakermans-Kranenburg (2006), a suspeição de ser apenas mais um da mesma família, que procura evitar um processo moroso e trabalhoso de treino, realização, transcrição e cotação dos protocolos.

Recentemente, Waters e Rodrigues-Doohlab (2001; 2004) criaram um instrumento que procura, explicitamente, avaliar as diferenças individuais no conhecimento e acesso ao *script* de base segura, mantendo desta forma a ligação ao conceito central da teoria da vinculação: o fenómeno de base segura (Waters & Cummings, 2000). Para Waters (2003), tal não significa que, as estruturas do tipo *script* sejam o único modo pelo qual as experiências iniciais são representadas. Significa, apenas que, estas são adequadas para representar as interacções de vinculação, têm características de funcionamento conhecidas e são empiricamente acessíveis. Sendo este *script* de base segura activado por objectivos e acontecimentos relevantes para a vinculação (Waters *et al.*, 1998), espera-se que, face a um conjunto de palavras sugestivas que remetem para contextos de interacção, de rotina e ansiogénicos, os sujeitos utilizem o *script* no sentido de construírem e organizarem as suas narrativas.

Este estudo empírico insere-se no trabalho já iniciado (e.g., Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2006; Waters & Waters, 2006) de validação do instrumento das “Narrativas de Representação de Vinculação em Adultos” (Waters & Rodrigues-Doohlab, 2001), confirmando a validade interna, discriminativa e preditiva do instrumento. Análises realizadas ao nível da validade interna, indicam que as correlações intra e inter histórias Adulto/criança e Adulto/adulto são semelhantes às apresentadas por Rodrigues-Doohlab *et al.* (2003) e Vaughn *et al.* (2007), assim como, por Veríssimo *et al.* (2006) numa amostra de mães e pais portugueses. Os valores de fiabilidade do compósito de base segura são aceitáveis para ambas as figuras parentais ($\alpha > .80$), sendo comparáveis aos resultados obtidos anteriormente para mães (e.g., Rodrigues-Doohlab *et al.*, 2003; Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2005), para pais (Veríssimo *et al.*, 2006), e adultos do sexo masculino (Elliott *et al.*, 2003). Os

resultados sugerem, assim, que esta metodologia desencadeia histórias paternas, que são tão fiáveis, como as histórias maternas.

Relativamente à validade discriminativa do instrumento, os resultados confirmam os valores do estudo inicial de Waters e Rodrigues-Doohlab (2001), e ampliam-nos para uma amostra de pais, portugueses, indicando que este instrumento não avalia, pelo menos de um modo significativo, a capacidade dos adultos de produzir narrativas (os valores *script* das narrativas com conteúdo de base segura não estão correlacionados com os das histórias neutras). Refira-se, ainda, que não existem correlações significativas entre as habilitações literárias de mães e pais e os valores *script* de base segura. Se por um lado, o facto das histórias serem produções orais ajuda a minimizar as possíveis diferenças individuais em termos de estilos e competência de produção escrita (Waters & Waters, 2006), por outro, os participantes deste estudo têm, na sua maioria, habilitações literárias elevadas. Em amostras onde se verifica uma maior diversidade nas habilitações académicas dos sujeitos (e.g., Vaughn *et al.*, 2007; Coppola *et al.*, 2006) foram encontradas correlações significativas entre estas duas variáveis.

As análises realizadas indicam que mães e pais têm conhecimento e acesso ao *script* de base segura, confirmando os resultados de estudos anteriores, com mães oriundas de diversos grupos sócio-culturais (e.g., Rodrigues-Doohlab *et al.*, 2003; Vaughn *et al.*, 2007), nomeadamente, o português (Veríssimo *et al.*, 2005), e com pais portugueses (Veríssimo *et al.*, 2006). Assim, face a diferentes conjuntos de palavras sugestivas, as crenças e expectativas de mães e pais, relacionadas com o *script*, são activadas e guiam as suas produções narrativas. Alguns adultos, têm expectativas diferentes ou menos consistentes acerca destas interações, não vendo a implicação do conhecimento de base segura, mesmo ao longo dos diversos conjuntos de palavras sugestivas (Waters & Waters, 2006). A ideia implícita ao uso das narrativas é que os processos mentais variam, tal como os processos comportamentais, em função dos diferentes modelos internos, o que se reflecte na linguagem (Main *et al.*, 1985; Crowell *et al.*, 1999).

Na comparação dos valores *script* de base segura de mães e pais encontraram-se diferenças significativas, ao nível do compósito Adulto/criança, Adulto/adulto e Total (apesar dos valores *script* serem igualmente fiáveis para mães e pais). Este resultado pode ser considerado inesperado, uma vez que do ponto de vista da teoria da vinculação

não serão de esperar diferenças de género. De acordo com a meta-análise de van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996), a distribuição das classificações de adolescentes e pais, na *AAI*, é consideravelmente semelhante à distribuição das mães (amostras não clínicas). No mesmo sentido, numa amostra de adolescentes, não foram encontradas diferenças de género, para nenhum dos valores *script* de base segura (Dykas, Woodhouse, Cassidy, & Waters, 2006). O estudo de Veríssimo *et al.* (2006), que analisa mães e pais portugueses não apresenta esta informação, o mesmo sucedendo no trabalho de Elliott *et al.* (2003), que analisa uma amostra de adultos do sexo masculino. Assim, os dados existentes não fornecem uma explicação para este resultado, pelo que estudos adicionais, utilizando este instrumento, serão necessários.

A análise dos aspectos estilísticos das narrativas maternas e paternas não revelou diferenças significativas quanto ao número de palavras sugestivas e ao número total de palavras utilizadas na elaboração das narrativas. Não se encontraram, ainda, correlações significativas entre o número total de palavras utilizadas por mães e pais e os *scripts* de base segura, o que não seria, necessariamente, espectável, uma vez que os valores *script* não são função da dimensão da história contada, o que confirma os dados de Vaughn *et al.* (2007). Ou seja, histórias muito longas podem não ter conteúdo de base segura, ou este ser muito incompleto, enquanto que, histórias relativamente curtas podem conter elementos de base segura e serem cotadas com “4”. Contudo, convém referir que histórias com menos de 75 palavras recebem, normalmente, cotações de “3” ou menos, uma vez que não conseguem estabelecer a relação entre as personagens e fornecer algum detalhe acerca do significado do acontecimento da história. Histórias que recebem o valor mais elevado “7” fornecem um detalhe considerável acerca da relação entre os elementos da díade, do estado emocional e dos comportamentos dos mesmos, no contexto da situação sugerida. Tal é difícil de demonstrar numa história com menos de 250 palavras. Apenas para os pais se encontraram correlações significativas entre os valores das histórias Adulto/criança, Total e o número de palavras sugestivas utilizadas nas narrativas. Vaughn *et al.* (2006) interpretam a mesma associação por eles encontrada, numa amostra de mães americanas, referindo a possibilidade dos sujeitos que utilizam o *script* de base segura, na construção das histórias, serem capazes de reconhecer nas palavras sugestivas, incorporando-as nas suas narrativas. Porém, isso não se verifica nas narrativas maternas que apresentam valores *script* superiores aos dos pais, pelo que estudos adicionais são aconselháveis.

A análise empírica da transmissão intergeracional da qualidade da vinculação, (testando a validade preditiva do instrumento), indica que existe uma associação significativa e positiva, de magnitude aproximadamente equivalente, para mães e pais ($r = .30$, $r = .32$, respectivamente), sendo os valores comparáveis aos de outros estudos (e.g., Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2006). Embora as correlações tendam a ser positivas para as escalas do AQS (Interacção Suave, Proximidade e Contacto Físico) nenhum valor atingiu a significância, para ambos os pais. Assim, as diferenças nas representações tipo *script* de base segura dos adultos estão relacionadas com diferentes organizações dos comportamentos de base segura das crianças, do modo previsto. Segundo Waters e Waters (2006), pais com um *script* de base segura completo, coerente e facilmente acessível utilizam esse conhecimento implícito, no sentido de organizarem o seu comportamento, no contexto das interacções de base segura, fomentando a organização harmoniosa e coerente dos comportamentos de base segura dos filhos e de modelos internos adequados e organizados. Pais que não têm acesso a este *script*, ou com um *script* incompleto e, possivelmente, mais dificilmente acessível, terão maior dificuldade em fornecer um suporte de base segura sensível, consistente e eficaz, no contexto destas interacções, o que se reflectirá na organização dos comportamentos (e das representações) de base segura dos seus filhos.

Parece-nos, ainda, interessante referir que os resultados obtidos apresentam um padrão algo distinto dos da meta-análise de van IJzendoorn (1995), onde as representações de vinculação maternas (AAI) estão mais fortemente correlacionadas com a segurança da criança, comparativamente com as representações paternas ($r = .50$ e $r = .37$, respectivamente). Nas famílias analisadas, e utilizando o *script* de base segura, os pais parecem moldar os comportamentos dos filhos, via representações, na mesma magnitude que as mães ($r = .32$ e $r = .30$, respectivamente).

Por último, o estudo tinha como objectivo esclarecer a associação encontrada, por Monteiro *et al.* (*in press*), entre os valores de segurança (AQS) das crianças nas relações com os progenitores ($r = .35$). Uma das hipóteses explicativas poderia residir na semelhança das representações de vinculação de ambos os pais (e.g. Cassidy, 1999; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996; van IJzendoorn & De Wolff, 1997). Assim, analisou-se o conhecimento e acesso ao *script* de base segura no casal, verificando-se a existência de uma associação positiva e significativa entre as representações de marido e mulher ($r = .38$), o que vai no sentido dos resultados da

meta-análise de van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996). Deste modo, os adultos parecem escolher parceiros cuja capacidade de servir como base segura é semelhante à sua. Porém, o valor da correlação é, ainda, indicativo que existem casais em que um dos parceiros possui um *script* de base segura generalizado e completo, e o outro não, o que poderá ajudar a explicar a correlação encontrada entre a segurança da criança à mãe e ao pai. Este resultado será, também, indicador que outros aspectos, para além da vinculação, são importantes na selecção e manutenção dos parceiros na idade adulta (ver Hazan & Zeifman, 1999).

Os nossos dados permitiam, ainda, explorar se a organização dos comportamentos de base segura da criança na interacção com o pai estava, de algum modo, a ser influenciada pelo modelo interno da mãe (Steele *et al.*, 1996), o que confirmaria a noção da mãe como figura de vinculação mais saliente, face ao pai, numa hierarquia de figuras vinculativas (Bowlby, 1969/1982; Bretherton, 1985; Main *et al.*, 1985). Os resultados obtidos não vão, no entanto, nesse sentido, uma vez que as análises, hierárquicas de regressão, realizadas indicam que a relação entre o *script* de base segura do pai e o *AQS* da criança não é mediada ou suprimida pelo *script* de base segura da mãe. Do mesmo modo, o *script* de base segura do pai não explica variância no *AQS* da criança com a mãe, para além da já explicada pelo *script* de base segura materno. Estas relações são, assim, caracterizadas pela sua especificidade.

Com base na correlação Canónica (.38, $p < .05$) verificou-se, ainda, que nestas famílias, a concordância entre os valores dos *scripts* parentais pode explicar, pelo menos em parte, a concordância encontrada entre os valores de segurança da criança nas relações com a mãe e o pai. Este resultado confirma a hipótese apresentada por van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996), e vai ao encontro do *Data-based model of the family attachment network*, elaborado van IJzendoorn e De Wolff (1997), com base em dados combinados de diversas meta-análises.

Porém, mesmo estabelecendo relações únicas e específicas com a mãe e com o pai é, ainda, assim, possível que a criança mantenha uma hierarquia de figuras que se poderá salientar em diferentes contextos e níveis de *stress* (Ainsworth, 1967; ver Lamb, Frodi, Hwang, & Frodi, 1983), e ao nível do seu impacto no desenvolvimento sócio-emocional da criança (ver Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005). Estas hipóteses deverão ser exploradas em estudos longitudinais.

Considera-se, ainda, que uma análise da ecológica familiar (e.g., Tarabulsky *et al.*, 2005; van IJzendoorn, 1995), poderá contribuir para uma compreensão mais alargada e integrada da organização da rede de vinculação da criança, no micro-sistema familiar. Nas famílias analisadas, 51 das mães trabalham fora de casa e a tempo inteiro, frequentando as crianças cuidados não-maternos, várias horas por dia. Nas últimas décadas, particularmente, após os anos 70, estas famílias têm vindo a tornar-se a norma e não a excepção na sociedade portuguesa (Torres, 2004), o que conduziu (entre outros factores) a uma mudança na estrutura tradicional familiar e nas expectativas acerca dos papéis parentais (e.g., Parke, 1996). Espera-se, actualmente, uma maior participação do pai na vida dos seus filhos, não só nas actividades de brincadeira/lazer (mais características das interacções pai/criança) como, também, nas tarefas de cuidados (características das interacções maternas). Coloca-se a hipótese de, nestas famílias, os pais terem uma maior participação ou mesmo partilhem com as mães as rotinas e actividades relacionadas com a criança havendo, assim, maiores oportunidades de interacção em contextos que suportam a construção das relações de base segura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S. (1967). In *Infancy in Uganda – chapter 20*. Retrieved (2002) from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/ainsworth/ainsworth_index.
- Ainsworth, M. D. S, Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Bakermans-Kranenburg, M. J. (2006). Script-like attachment representations: Steps towards a secure base for further research. *Attachment and Human Development, 8* (3), 275 - 281.
- Bakermans-Kranenburg, M. J., & van IJzendoorn, M. H. (1993). A psychometric study of the adult attachment interview: reliability and discriminant validity. *Developmental Psychology, 29*, 870-880.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect, In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research, Monographs of the society for research in child development, 50* (1-2), pp. 3-39.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, Internal working models and the Intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant mental Health Journal, 11-3*, 237-252.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: Guilford.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story-completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 272-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Costantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Associations with Adult Attachment Interview scales and maternal sensitivity. *Attachment and Human Development, 8*, 209-219.
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 434-465). New York: Guilford.
- Dykas, M. J., Woodhouse, S. S., Cassidy, J., & Waters, H. S. (2006). Narrative assessment of attachment representations: Links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment and Human Development, 8*, 221-240.

- Elliott, M., Tini, M., Fetten, E., & Saunders, A. (2003). *Attachment scripts in adult man and adolescent males*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11* (3), 307-331.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds.) (2005). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies*. New York: The Guilford Press.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments. Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York: Guilford.
- Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 395-433). New York: Guilford.
- Lamb, M., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development, 54*, 450-458.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2), pp. 66-104.
- Main, M., Hesse, E., & Kaplan, N. (2005). Predictability of attachment behaviour and representational processes at 1, 6, and 19 years of age. The Berkeley longitudinal study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.) *Attachment from infancy to adulthood, The major longitudinal studies* (pp.245-304). New York: The Guilford Press.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A. J., & Fernandes, M. (*in press*). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações Criança/Mãe e Criança/pai. *Psicologia*.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood. The developing child*. Harvard University Press.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development, 60* (2-3), 27-47.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development, 60* (2-3), 133-145.
- Nelson, K. (1986). *Event knowledge: Structure and function in development*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). *Attachment scripts across cultures: Further evidence for a universal secure base script*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Schank, R. C. (1982). *Dynamic memory: A theory of reminding and learning in computers and people*. New York: Cambridge University Press.
- Schank, R. C., & Abelson, R.P. (1977). *Scripts, plans, goals and understanding*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7 (4), 349-367.
- Sroufe, L. A., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup & Z. Rubin (Eds.), *The nature and development of relationships*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Tarabulsky, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, H., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission or attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Developmental Psychology*, 41, 212-224.
- Tini, M., Corcoran, D., Rodrigues-Doolabh, L., & Waters, E. (2003). *Maternal attachment scripts and infant secure base behavior*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-27.
- van IJzendoorn, M. H., & De Wolff, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M. J. L., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development*, 75, 1188-1213.
- Vaughn, B. E., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., & Posada, G., et al. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three socio-cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 31, 65-76.
- Vaughn, B. E., Veríssimo, M., Coppola, G., Bost, K. K., Shin, N., McBride, B., Krzysik, L., & Korth, B. (2006). Maternal attachment script representations:

- Longitudinal stability and associations with stylistic features of maternal narratives. *Attachment and Human Development*, 8, 199-208.
- Veríssimo, M., Blicharsky, T., Strayer, F., & Santos, A. (1995). Vinculação e estilos de comunicação da criança. *Análise Psicológica*, 13 (1-2), 145-155.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, 23 (2), 7 – 17.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*, *Monographs Child development*, 60 (2-3), 234 -246.
- Waters, E. (2003). *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development*, 71, 684-689.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001, April). *Are attachment scripts the building blocks of attachment representations? Narrative assessment of representations and the AAI*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71, 211-234.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working model concept: among other things, we built script-like representations of secure base experiences. *Attachment and Human Development*, 8, 185 – 197.
- Weinfield, N. E., Sroufe, A., & Egeland, B. (2000). The stability of attachment security from infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71 (3), 695-702.

CAPÍTULO IV

ENVOLVIMENTO PATERNO E ORGANIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE BASE SEGURA DA CRIANÇA, EM CONTEXTO FAMILIAR

RESUMO

Estuda-se, numa amostra de famílias bi-parentais, em que as mães trabalham a tempo inteiro, e as crianças frequentam cuidados não-maternos, várias horas por dia, o envolvimento paterno nas actividades de organização/cuidados (Práticas) e de brincadeira/lazer (Lúdicas). Analisam-se, os correlatos (variáveis sócio-demográficas) e as consequências da participação paterna, ao nível da organização dos comportamentos de base segura, com o pai e com a mãe. Os participantes são 44 díades mãe/criança e pai/criança, tendo as crianças em média 31.91 meses (DP= 2.56). Aplicou-se, a ambos os pais, (de um modo independente), um questionário sobre o seu envolvimento (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006), e utilizou-se o *Attachment Behavior Q-Set* (Waters, 1995), na análise das relações de base segura da criança com a mãe e com o pai. Os resultados indicam que *é quase sempre a mãe* a realizar as Tarefas Práticas e que *tanto a mãe como o pai* participam nas Actividades Lúdicas. A participação dos pais, nas Actividades Práticas, está significativamente correlacionada com o modo como a criança organiza os seus comportamentos de base segura, na relação com o progenitor, enquanto que, nas Actividades Lúdicas este valor é marginalmente significativo. Apenas a participação paterna, nas Actividades Lúdicas, se encontra significativamente correlacionada com o valor de segurança da criança na relação com a mãe. Nesta amostra a quantidade do envolvimento paterno tem consequências positivas para o desenvolvimento sócio-emocional da criança.

Palavras-chave: Envolvimento Paterno, tipo de actividades, relações de base segura, contexto familiar

ABSTRACT

Paternal involvement in organizational/care tasks and play/leisure activities was studied in a sample of dual-earner Portuguese families, with children that attend day-care for several hours a day. Socio-demographic variables were analysed in relation to involvement, as well as the impact of father's participation in children's organization of secure base behaviour in mothers and fathers relationships. 44 mother/child and father/child dyads participated in the study, children's average age was 31.91 months (DP= 2.56). To assess paternal involvement, (relative measure), both parents answered separately a questionnaire (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). The quality of the children's secure base behavior was assessed with the Attachment Behavior Q-Set (Waters, 1995). Mother/child and father/child dyads were observed, separately, in their homes, by different teams of observers. A traditional division in organization/care and a shared participation in the play activities emerged. No significant correlations were found between socio-demographic variables and fathers participation. Fathers that shared caregiving and play activities with mothers have children with higher security scores. In this sample the quantity of father's participation showed positive consequences for the child socio-emotional development.

Key words: Paternal involvement, type of activities, secure base relationships, family context

INTRODUÇÃO

Nas sociedades Ocidentais, a visão tradicional da mãe como o elemento mais afectivo e responsável pelos cuidados e educação dos filhos, e do pai como suporte financeiro da família levou a que, até há poucas décadas, os pais fossem encarados, por alguns autores, como um mero acidente social (Parke, 1996). Porém, uma visão estereotipada dos papéis parentais corre o risco de ser demasiado simplista, devendo estes ser considerados como multi-dimensionais, podendo variar de sociedade para sociedade, bem como, dentro da mesma sociedade, de um modo subtil ou substancial, desafiando uma concepção universal dos mesmos (Lamb, 1987a).

Profundas transformações económicas, sócio-demográficas e culturais ocorridas nas últimas décadas (onde a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho é apontada como o factor mais saliente) conduziram a uma mudança na estrutura tradicional da família e nas expectativas acerca dos papéis a desempenhar pelas figuras parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Parke, 1996; Torres, 2004). Seja por motivos económicos ou de desejo de autonomia e realização pessoal, o número de mulheres com trabalho remunerado, em Portugal, tem aumentado significativamente nas últimas décadas, em particular, a partir dos anos 70. Em 2006, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2007), a taxa de actividade feminina foi de 55.8%, face a 69% dos homens, o que comparativamente com os países da União Europeia coloca Portugal com uma das percentagens mais elevadas de mulheres no mercado de trabalho, em particular, no caso de mulheres com crianças em idade pré-escolar (Amâncio & Wall, 2004). Este aumento foi acompanhado por um crescimento substancial do número de crianças em cuidados não-maternos, durante várias horas por dia (e.g., o número de crianças na educação pré-escolar subiu de 12,6% no final dos anos 70, para 77% em 2004/2005, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2007). Adicionalmente, o aumento do número de divórcios, de famílias mono-parentais, de coabitações e de famílias resultantes de segundos casamentos, tem contribuído, também, para a alteração da estrutura familiar tradicional (ver INE, 2007).

Um novo ideal de co-parentalidade ou partilha parental

A par da mudança na imagem da mulher que, no presente, assume, simultaneamente, responsabilidades na esfera familiar e profissional, a imagem do

homem tem vindo a alterar-se, colocando-se a tónica num pai afectuoso e activamente envolvido no quotidiano dos filhos. Em vez da atribuição de papéis específicos e complementares, surge um novo ideal de co-parentalidade em que ambos os pais partilham responsabilidades e tarefas nos domínios financeiro, doméstico e nos cuidados das crianças, pelo que, a divisão baseada no género é diluída (Deutsch, 2001; Cabrera *et al.*, 1999; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Numa análise acerca das representações da paternidade, de avós e pais portugueses, Balancho (2004) verificou que as representações dos primeiros vão ao encontro da imagem do pai como figura de autoridade e disciplinadora, pouco envolvido emocionalmente e pouco presente na vida da criança. A actual geração, por oposição, considera como mais importante a capacidade de ser sensível, compreensivo e dialogante, de estar presente na vida da criança, partilhar a autoridade, ser descontraído e lúdico, o que vai ao encontro da noção do “novo pai”. Neste sentido, Gouveia, Baptista, Lopes, Barreto, Lacerda *et al.* (1991) verificaram, numa amostra de pais portugueses, que estes tinham um elevado grau de participação nos cuidados prestados aos filhos no 1º ano de vida. No entanto, Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006), constataram que, na perspectiva de mães e pais portugueses, com crianças entre 1 e 6 anos de idade, é quase sempre a mãe a responsável pela realização das actividades relacionadas com as rotinas de cuidados à criança, assumindo o pai um papel de suporte ou de ajuda quando é necessário. Apesar da crescente atenção dada a este “novo pai”, os resultados indicam que, na prática, as diferenças tendem a permanecer.

A imagem cultural da mulher como primeira prestadora de cuidados e do pai como figura substituta, ou apenas como companheiro de brincadeira parece ser, ainda, uma crença bastante enraizada na sociedade Ocidental (Deutsch, 2001; Parke, 1996; Rohner & Veneziano, 2001). Na realidade, até há aproximadamente uma década atrás, era visto como pouco masculino, para o homem, passar muito tempo envolvido nos cuidados das crianças, com excepção do apoio temporário à mãe (Rohner & Veneziano, 2001). Provavelmente, pais que optam por desempenhar papéis desiguais acreditam que as crianças têm um laço afectivo especial com a mãe e que não podem cuidar delas do mesmo modo (Beitel & Parke, 1998; Russell, 1983). Por outro lado, as pressões sociais vão no sentido de não se esperar que seja o homem, por exemplo, a ficar em casa quando os filhos estão doentes, dado que dele se espera um investimento total no trabalho, enquanto que, para a mulher as expectativas de desempenho são menores uma

vez que, socialmente, é assumido ser ela a responsável directa pela família (Torres, 2004).

A representação da paternidade parece, assim, alternar entre uma perspectiva modernista e conservadora. Embora alguns pais desempenhem, no presente, um papel mais activo na vida dos filhos, comparativamente com os seus próprios pais, ou com os seus pares, no global poucas mudanças se verificaram. Este tem sido um processo de mudança lento, porém, contínuo, nomeadamente, nas famílias em que ambos os pais trabalham. A mudança é, porém, mais modesta do que as crenças populares poderiam eventualmente indicar (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004; Parke, 1996; Pleck & Masciadrelli, 2004).

Envolvimento nas actividades relacionadas com a criança: complementaridade ou partilha

Embora, muitos dos estudos na área da parentalidade se tenham centrado nos efeitos da ausência da figura paterna, no desenvolvimento da criança, o interesse tem vindo, progressivamente, a centrar-se na compreensão do que os pais fazem quando estão presentes, como é que as suas actividades variam e o qual o seu impacto no desenvolvimento da criança e na família.

De acordo com o modelo de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (ver Lamb, 1987b; Pleck & Masciadrelli, 2004) distinguem-se três componentes do envolvimento: (1) a participação, interacção directa com a criança no contexto da prestação de cuidados e de actividades partilhadas; (2) a acessibilidade à criança, quer ocorra ou não interacção, os pais estão vigilantes de modo a responder se e quando for necessário; (3) a responsabilidade que cada progenitor assume pelo bem-estar da criança, o que envolve lembrar-se, planear e marcar por exemplo, uma consulta médica, o que não implica a presença da criança.

Segundo Parke (1996) duas distinções devem, ainda, ser claramente efectuadas. A primeira, ao nível do envolvimento nas tarefas de cuidados à criança e nas actividades de brincadeira/lazer diferenciando, deste modo, os contextos e tipos de interacção. Tal distinção possibilita uma análise mais específica dos papéis parentais e dos seus efeitos no desenvolvimento da criança. A segunda, ao nível do envolvimento absoluto e relativo, considerando que famílias onde o envolvimento relativo de mães e pais é

semelhante, constituem ambientes muito distintos para as crianças, comparativamente com aquelas em que o nível relativo de envolvimento é muito desigual.

Estudos comparativos entre mães e pais são consistentes quanto às diferenças nos estilos parentais, nomeadamente, no facto da componente mais saliente nas interacções mãe/criança ser a dos cuidados, enquanto que, nas interacções com os pais a componente mais saliente é a da brincadeira. Desde os primeiros meses de vida, os estilos comunicativos e de brincadeira apresentam características distintas, com as mães, por exemplo, a terem maior tendência a pegar ao colo dos seus bebés no decurso da realização dos cuidados diários e os pais a fazê-lo quando solicitados ou no decurso das brincadeiras. Estas são mais imprevisíveis e estimulantes do ponto de vista físico com os pais, e mais tranquilas e mediadas por objectos com as mães. As diferenças existem, mesmo quando os pais consideram que devem partilhar responsabilidade e participação nos cuidados à criança, contudo, são mais salientes, quando a divisão das tarefas é tradicional (ver revisão Lamb & Lewis, 2004; Lewis & Lamb, 2003). Porém, estas diferenças não são tão claras noutras culturas, nomeadamente, nos Aka Pigmeus da República Central Africana (Hewlett, 1987), nos Kibbutzim israelitas (Sagi, Lamb, Shoham, Vira, & Lewkowicz, 1985), ou na Suécia (Lamb, Frodi, Hwang, & Frodi, 1983). Ao salientar as características específicas dever-se-á, também, reconhecer a existência de semelhanças nos padrões de interacção das figuras parentais, por exemplo, o facto de ambos serem sensíveis às características e competências dos filhos, ajustando os seus comportamentos nas interacções com os mesmos (Lewis & Lamb, 2003).

No entanto, quando os pais participam nas actividades relacionadas com as crianças, fazem-no, com maior probabilidade, nas de brincadeira e lazer (e.g., Lamb, 1987b; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Parke, 1996; Russell, 1983). Estas são mais flexíveis em termos de rotinas e horários (Craig, 2003) e são, provavelmente, onde os pais se sentem mais à vontade, dado que, a componente dos cuidados parece ser, culturalmente, menos bem definida para o pai (Peitz, Fthenakis, & Kalicki, 2001). Monteiro *et al.* (2006) verificaram a existência de diferentes padrões de responsabilidade e participação paterna, consoante o tipo de actividade. Assim, é quase sempre a mãe que realiza as tarefas de organização/cuidados (Práticas), enquanto que, as actividades de brincadeira/lazer (Lúdicas) são partilhadas por ambos os pais, este padrão observa-se noutras amostras de crianças, em idade pré-escolar (e.g., Bailey, 1994; Peitz *et al.*, 2001).

Factores relacionados com o envolvimento paterno

Na revisão dos diversos factores que têm impacto no envolvimento paterno são, normalmente, referidos: (1) as características psicológicas dos pais (e.g., a motivação, a auto-confiança, as atitudes face aos papéis dos géneros ou a idade em que se foi pai); (2) as características das crianças (e.g., o temperamento, a idade ou o género); (3) os aspectos relacionados com o suporte familiar (e.g., as atitudes da mãe face ao envolvimento do pai, ou a qualidade da relação do casal); (4) os factores sócio-institucionais (e.g., o estatuto socio-económico, o emprego materno ou as barreiras impostas pelo próprio local de trabalho dos pais); (5) as influências culturais (valores, normas e crenças relacionados com a parentalidade) (Arendell, 1996; Lamb, 1987b; Parke, 1996). No presente estudo, apenas alguns destes aspectos serão analisados.

O grau de envolvimento paterno em famílias bi-parentais, varia consoante a mãe trabalha ou não, na infância, idade pré-escolar e escolar (Lewis & Lamb, 2003). Bailey (1994) refere que o trabalho materno está associado com o grau da participação dos pais nas actividades de organização e cuidados, quer na infância, quer no pré-escolar, mas apenas se encontra relacionado com o envolvimento social aos 5 anos. Peitz *et al.* (2001) verificaram que as horas que ambos os pais trabalham estão associadas com o envolvimento do pai mas, apenas para os cuidados à criança e não para as actividades de lazer (que são partilhadas). Dados do *NICHD* (2005) indicam que os pais assumem mais responsabilidades (não diferenciam o tipo de actividades), quando trabalham menos horas e as mães trabalham mais horas, verificando-se, ainda, que quando as mães trabalham a tempo inteiro, os pais participam nestas actividades não obstante as suas crenças serem tradicionais ou irem no sentido da partilha. Numa análise sociológica, Torres (2004) refere que, independentemente do facto das mulheres trabalharem ou não, são elas quem continua a assegurar o essencial dos cuidados, considerando que a partilha destas tarefas está longe de ser igualitária, contudo, verifica-se que a participação do pai é mais expressiva nas actividades lúdicas. Apesar das estatísticas revelarem um aumento do envolvimento do pai, comparativamente com a mãe, não revelam as razões ou a qualidade do mesmo, podendo este, na realidade, reflectir um decréscimo no tempo absoluto que as mães passam com os seus filhos. Assim, os pais estão, proporcionalmente, mais envolvidos quando as mães trabalham, embora em termos absolutos, o aumento seja modesto (e.g. Cabrera *et al.*, 2000; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004).

Relativamente ao estatuto socio-económico, um maior envolvimento paterno parece ocorrer, essencialmente, nas classes média e média alta (Paquette, 2004). Gouveia *et al.* (1991) verificaram, numa amostra portuguesa, que a participação dos pais é menor tanto nas classes sociais mais altas, como nas mais baixas. Porém, Grossman, Pollack e Golding (1988) salientam que o constructo de classe social é complexo e por vezes vago, comportando importantes distinções em dimensões económicas e psicológicas. O nível educativo dos pais, aspecto importante na definição do estatuto socio-económico, parece ser um factor preditivo constante da participação paterna, embora nem sempre esta relação seja simples. Por exemplo, alguns estudos (ver Arendell, 1996) indicam que o nível educativo das mães encontra-se positivamente correlacionado com a participação paterna, quer os pais tenham habilitações literárias superiores ou não. Torres (2004) refere que a participação dos homens, nas tarefas de cuidados, aumenta com o nível de escolaridade, em particular, se compararmos pais com o ensino básico, e pais com habilitações de secundário e superiores, contudo, a participação apenas se aproxima da igualdade nas actividades de brincadeira. No mesmo sentido, Monteiro *et al.* (2006) referem que, quando as mães e os pais têm habilitações literárias superiores, os pais participam mais, quer nas Actividades Lúdicas (brincadeira/lazer), quer nas Práticas (organização/cuidados), embora estas últimas não sejam partilhadas. Outros estudos recentes indicam, no entanto, que a associação entre o estatuto socio-económico e participação/interacção paterna é fraca ou marginal (Pleck & Masciadrelli, 2004).

O momento temporal em que se assume a condição de pai é, também, uma variável a ter em consideração, tendo este sofrido alterações nas últimas décadas. De acordo com o INE (2007), as mulheres têm vindo a retardar a idade da primeira maternidade, e a maternidade de um modo geral. Este aspecto está certamente inserido num contexto do ciclo de vida do indivíduo, nomeadamente, a nível da educação, do emprego e muitas vezes do casamento mais tardio. Alguns estudos (ver Parke, 1996) indicam que pais que optam por o ser mais tardiamente, estão mais envolvidos nos cuidados diários dos filhos, parecendo que diferentes estilos de interacção emergem, nomeadamente, quanto ao tipo de brincadeira. Contrariamente, no estudo do *NICHD* (2005), verificou-se que os pais assumiam maior responsabilidade nos cuidados quando eram mais novos, assim, como as suas mulheres. Monteiro *et al.* (2006), não encontram

correlações significativas entre a idade do pai e da mãe, e uma maior responsabilidade e participação nas Actividades Práticas e Lúdicas.

As características da criança, nomeadamente a idade e o género podem, também, estar relacionadas com o envolvimento do pai. Segundo Arendell (1996), o género está associado com os níveis de envolvimento paterno, desde o nascimento. Os pais tendem a passar mais tempo e estão mais envolvidos com os rapazes, do que com as raparigas, independentemente da idade (Easterbrooks & Goldberg, 1984, Grossman *et al.*, 1988; NICHD, 2005). O tratamento diferencial dos pais parece ser maior nas actividades de brincadeira, do que nas de cuidados (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Contrariamente, Bailey (1994), e Monteiro *et al.* (2006) verificaram que os pais não estão envolvidos de modo diferente, com raparigas e rapazes, durante os anos pré-escolares. Segundo Pleck e Masciadrelli (2004), o género exerce, actualmente, menor influência sobre o envolvimento paterno, do que em décadas passadas. Quanto à idade, as mudanças que ocorrem são as mesmas, tanto para os pais, como para as mães, verificando-se que os pais passam mais tempo nas tarefas de cuidados quando as crianças são mais pequenas (Lamb, 1987b). Mas se as necessidades de cuidados básicos vão diminuindo com a idade, o envolvimento nas actividades de brincadeira e fora de casa mantêm-se estáveis (Laflamme, Pomerleau, & Malciut, 2002). No entanto, Bailey (1994) verificou que o envolvimento paterno aumenta com a idade das crianças (entre 1 e os 5 anos) na área dos cuidados, enquanto que, as interacções sociais se mantêm estáveis ao longo do tempo, e nas quais os pais se encontram igualmente envolvidos (face à mãe). Monteiro *et al.* (2006) não encontram, numa amostra portuguesa, qualquer associação entre a idade das crianças (1-6 anos) e uma maior participação do pai, nas Actividades Práticas e Lúdicas.

Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura da criança

A construção de relações de vinculação na infância é tida como uma tarefa normativa do desenvolvimento sócio-emocional. Durante o segundo e terceiro ano de vida, o uso das figuras vinculativas mantém-se central na organização dos comportamentos da criança, num mundo físico e social em rápida expansão (e.g., Bowlby, 1969/1982; Marvin & Britner, 1999). Embora a criança organize os seus comportamentos em torno das figuras que com ela interagem regularmente, independentemente do seu envolvimento nos cuidados físicos (Schaffer & Emerson,

1964), quanto mais experiências de interação social a criança tiver com estas, mais salientes elas se tornam (Bowlby, 1969/1982).

A composição tradicional da família implica que, para além da mãe e do pai, irmãos mais velhos ou avós possam funcionar como base segura da criança. Será, no entanto, de esperar que a principal figura nos cuidados à criança, nos primeiros anos de vida, seja, com maior probabilidade, a principal figura de vinculação, e aquela que exercerá maior influência, inicial, no seu desenvolvimento (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby 1969/1982). Na cultura ocidental, esse papel é, tradicionalmente, assumido pela mãe, sendo o pai, essencialmente, visto como um companheiro de brincadeira ao qual as crianças dirigem, preferencialmente, comportamentos de carácter afiliativo. Embora não se possa assumir que os pais são menos capazes de cuidar dos seus filhos, esta não parece ser a componente mais saliente do seu comportamento (e.g., Bowlby, 1969/1982; Lamb & Lewis, 2004; Parke, 1996).

As diferenças individuais na organização dos comportamentos de base segura estão, de acordo com a teoria da vinculação, fortemente relacionadas com os comportamentos maternos, nomeadamente, com a sua sensibilidade, aceitação, cooperação e acessibilidade nas interações diárias com as crianças (Ainsworth *et al.*, 1978). Apesar das crianças se encontrarem vinculadas aos pais (e.g., Bowlby, 1969/1982; Main & Weston, 1981; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, *in press/a*), a meta-análise de van IJzendoorn e De Wolff (1997) revela que a sensibilidade paterna tem um efeito médio de .13, cerca de 50% inferior ao efeito encontrado nas amostras maternas (.24). Pelo que, alguns autores (e.g., Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992; Goossens & van IJzendoorn, 1990) sugerem que as origens da segurança da vinculação criança/pai podem residir em diferentes tipos de interações e contextos. Segundo Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch e Zimmermann (2002), a sensibilidade no contexto de brincadeira, por parte do pai, será central na relação de vinculação criança/pai, do mesmo modo que a sensibilidade na prestação de cuidados é central na relação criança/mãe, uma vez que parece ser nestes domínios que estas figuras são mais salientes e onde interagem preferencialmente.

E se *“both parents share equally in the care of the infant or young child, does he become equally attached to both, and what influence does this pattern have on his subsequent social development?”* (Ainsworth *et al.*, 1978, p.30). Embora popular, a

imagem de um pai activamente envolvido, nem sempre encontra confirmação empírica, sendo que as famílias onde se verifica uma co-parentalidade ou partilha parental são, ainda, uma excepção (e.g., Monteiro *et al.*, 2006; Parke, 1996; Pleck & Masciadrelli, 2004; Torres, 2004).

Um aumento da participação do pai, nas actividades diárias relacionadas com as crianças, parece fortalecer a relação de base segura com o progenitor, indicando que a experiência nos cuidados poderá facilitar o modo como os pais interpretam e respondem aos sinais das crianças. Embora o pai possa ter capacidade para ser sensível aos sinais comunicativos do filho(a), se a criança e o pai têm pouca experiência de interacção, esta capacidade poderá fazer pouca diferença (Cox *et al.*, 1992). No entanto, quando a mãe assume o principal papel nos cuidados à criança é, com maior probabilidade, preferida como figura de vinculação, independentemente das crianças estarem vinculadas a ambos os pais (Lamb & Lewis, 2004).

Lamb *et al.* (1983) referem que a qualidade da relação criança/pai poderá não estar associada com a quantidade global do envolvimento, mas com um tipo particular de envolvimento, nomeadamente, na brincadeira. Sugerindo, ainda, que estas interacções poderão tornar os pais mais salientes, do ponto de vista afectivo e, assim, facilitar o desenvolvimento destas relações diádicas, mesmo quando os pais não passam muito tempo com os filhos, ou participam pouco nas tarefas de cuidados. Easterbrooks e Goldberg (1984) verificaram que a participação paterna nas actividades de cuidados não se encontra relacionada com a qualidade da vinculação estabelecida com o progenitor, contrariamente ao tempo passado sozinho com a criança e em brincadeira. Porém, Caldera (2004) verificou que pais com maior nível de participação nos cuidados (e.g., mudar fraldas, dar banho) tinham crianças com valores mais elevados na segurança (*AQS*), o mesmo não se observando para a participação nas actividades de brincadeira/leitura.

Objectivos

Este estudo tem como objectivo analisar o envolvimento parental, centrando a sua análise no tipo de actividades realizadas por pais e mães (organização/cuidados e brincadeira/lazer), numa perspectiva relativa. Dado que esta informação foi obtida de modo independente, é possível analisar o nível de concordância entre as respostas

parentais, o que será indicador de uma percepção partilhada ou divergente das suas responsabilidades e participação nas diferentes actividades relacionadas com a criança.

Estudos com famílias portuguesas (Monteiro *et al.*, 2006; Torres, 2004) indicam que, mesmo quando as mulheres trabalham são elas quem continua a assegurar o essencial dos cuidados físicos (Práticas) às crianças, sendo a divisão destas tarefas, ainda, baseada no género. Um padrão distinto surge nas actividades de brincadeira/lazer (Lúdicas), onde a participação dos pais é mais expressiva ou mesmo partilhada. Assim, analisa-se, numa amostra de famílias bi-parentais, em que as mães trabalham e as crianças frequentam cuidados não-maternos, várias horas por dia, se existe uma partilha parental (co-parentalidade) ou uma divisão tradicional, baseada no género, nas Actividades Práticas e nas Lúdicas.

Diversos factores estão relacionados com o envolvimento paterno. Neste estudo, são analisadas variáveis sócio-demográficas como: a idade e habilitações literárias de ambos os pais, o género da criança, a sua posição na fratria, a idade de entrada para Creche/Jardim-de-Infância e o número de horas que passam na escola.

Segundo Lamb e Lewis (2004), nos últimos 30 anos os investigadores têm demonstrado que, não só os pais têm um impacto directo nas crianças ao interagirem com elas como, também, indirecto, pelo impacto que têm, por exemplo, nas mães. Centrando-se nas relações de base segura, no contexto familiar, este estudo surge na continuidade dos trabalhos de Monteiro *et al.* (*in press/a*) e Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost (*in press/b*). Na análise das díades criança/mãe e criança/pai, Monteiro *et al.* (*in press/a*) verificaram que as crianças organizam os seus comportamentos de base segura em torno de ambas as figuras parentais, e em magnitudes semelhantes. Apesar de não existirem diferenças significativas entre os valores de segurança à mãe e ao pai, os autores encontraram algumas características específicas nos estilos de interacção das díades (ao nível das escalas e itens AQS). Observou-se, ainda, uma associação significativa, mas modesta, entre os valores de segurança da criança nestas duas relações (Monteiro *et al.*, *in press/a*), que poderá ser explicada, pelo menos em parte, pela concordância entre o *script* de base segura materno e paterno (Monteiro *et al.*, *in press/b*). Refira-se, ainda, que o *script* do pai, assim como, o *script* da mãe, é o único preditor da segurança da criança na relação com cada um dos progenitores. Os resultados vão no sentido de uma organização das relações como únicas e específicas no contexto familiar.

A análise de alguns aspectos da ecologia familiar poderá contribuir para uma melhor compreensão da organização das relações de vinculação da criança, neste micro-sistema. Deste modo, analisa-se se um maior envolvimento, isto é, uma maior participação paterna nas Tarefas Práticas e nas Actividades Lúdicas, está associado à qualidade da organização dos comportamentos de base segura da criança com o progenitor, ao nível do valor de segurança e das escalas *AQS* (benefícios directos do envolvimento). Para Bowlby (1988; 2002), o pai exerce, também, um papel de apoio emocional e instrumental à mãe ajudando-a a manter um clima harmonioso e propício ao desenvolvimento da criança. Neste sentido, Goossens (1987) verificou que pais que partilham com as mães as actividades de cuidados e de brincadeira funcionam como suporte à figura materna. Tendo em consideração que, na amostra em estudo, as relações criança/mãe e criança/pai são específicas e únicas, explora-se se uma maior participação do pai, nos cuidados e nas brincadeiras, estará relacionada com a organização dos comportamentos de base segura da criança com a mãe, estando, assim, o pai a funcionar como suporte à figura materna (benefícios indirectos).

MÉTODOS

Participantes

Os participantes são 44 díades mãe/criança e pai/criança. À data das observações *AQS*, as crianças tinham idades compreendidas entre os 29 e os 38 meses ($M= 31.75$, $DP= 2.56$), sendo 23 do sexo feminino e 21 do sexo masculino. Destas, 24 são filhos primogénitos e 31 têm irmãos. As idades de entrada na Creche/Jardim-de-Infância variam entre os 4 e os 30 meses ($M= 8.63$, $DP= 6.22$), passando entre 3 a 10 horas/dia ($M= 7.47$, $DP= 1.50$) neste contexto. As mães tinham idades entre os 26 e 48 anos ($M= 34.95$, $DP= 4.33$) e os pais entre os 28 e os 63 anos ($M= 37.32$, $DP= 6.08$). As habilitações literárias maternas variam entre os 7 e os 23 anos de escolaridade ($M=15.48$, $DP=3.45$) e as paternas entre os 7 e os 23 anos ($M= 14.61$, $DP= 3.29$). Todas as mães e pais trabalham a tempo inteiro. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio/médio alto, tendo sido recrutadas para o projecto através das Creches/Jardins-de-infância de ensino particular que as crianças frequentam. Estas famílias participam num projecto longitudinal que analisa o desenvolvimento sócio-

emocional de crianças entre os 2 anos e meio e os 5 anos. Das 56 díades analisadas nos trabalhos empíricos já realizados (ver Monteiro *et al.*, *in press/a*; Monteiro *et al.*, *in press/b*), 8 foram retiradas por não reunirem as condições necessárias ao estudo, designadamente, as situações em que os pais estavam divorciados e/ou não trabalhavam, ou nos casos em que os questionários não foram entregues.

Instrumentos

Envolvimento parental

O envolvimento parental é avaliado como a participação na organização e realização de diferentes actividades, relacionadas com as crianças, que ocorrem no contexto das vivências familiares. O questionário, elaborado por Monteiro e Veríssimo (Monteiro *et al.*, 2006), é constituído por 17 itens, organizados em duas dimensões: Actividades Práticas, composta por 11 itens (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17), relacionados com a organização e realização de cuidados à criança (e.g., “Quem fica em casa quando o seu filho está doente” ou “Quem dá banho ao seu filho”). A dimensão das Actividades Lúdicas é composta por 6 itens (8, 9, 10, 11, 12, 13), relacionados com a brincadeira e o lazer (e.g., “Quem lê histórias ao seu filho” ou “Quem leva o seu filho ao parque infantil”). O Alfa de *Cronbach* para as Actividades Práticas, na perspectiva das mães é de .68 e, na dos pais de .70; para as Actividades Lúdicas, os Alfas são .84 e .70, para mães e pais, respectivamente. Estes valores indicam níveis de fiabilidade aceitáveis, e encontram-se dentro dos valores apresentados por Monteiro *et al.* (2006).

O envolvimento é avaliado numa perspectiva relativa, ou seja, como é que as actividades são divididas ou partilhadas em relação à outra figura parental. É pedido aos pais que respondam a cada item numa escala de 5 pontos: Sempre a mãe (1); Quase sempre a mãe (2); Tanto a mãe como o pai (3); Quase sempre o pai (4); Sempre o pai (5), apenas para a criança alvo e não para todas as crianças do agregado familiar. Não existe, assim, uma medida separada de envolvimento, *per se*, para o pai e para a mãe, sendo o envolvimento da mãe (pai) a porção de envolvimento que não é atribuída ao pai (mãe). Por exemplo, se o pai realiza usualmente uma actividade, a mãe quase nunca realiza essa mesma actividade, ou se a mãe realiza sempre essa tarefa, o pai nunca o faz (Bailey, 1994). Os valores mais elevados representam uma maior participação do pai.

Embora tivesse sido pedido aos pais que indicassem o tempo passado nas actividades de organização/cuidados e de brincadeira/lazer com os filhos, (durante a semana e no fim-de-semana) alguns pais não responderam, outros indicaram tempo em comum com os dois tipos de actividades, pelo que se considerou esta informação pouco fiável, não sendo por isso incluída nas análises realizadas.

Attachment Behavior Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995)

O AQS avalia a organização do comportamento de base segura da criança, definido como a organização harmoniosa e o equilíbrio adequado entre a procura de proximidade e a exploração do meio (Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon *et al.*, 1995), face à mãe ou a outras figuras, em contexto ecologicamente válido. Este é um instrumento de classificação e observação sistemática, baseada na metodologia do *Q-Sort*, sendo preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. Os 90 itens são distribuídos pelo observador numa escala de 9 níveis que vai do “extremamente típico” até ao “extremamente atípico”, tendo em consideração a sua saliência ou relevância para a criança observada. Esta descrição é, então, comparada com o valor critério de segurança da criança ideal, definido por Waters (1995), o que permite obter o valor de segurança do sujeito. Este valor representa o lugar por si ocupado num contínuo de segurança, sendo que as crianças mais capazes de utilizar a mãe, ou outra figura, como base segura recebem valores mais elevados, enquanto que, as menos capazes de o fazer recebem valores mais baixos.

Posada e Waters (Posada, Waters, Crowell, & Lay, 1995) criaram quatro escalas a partir do AQS: Interação Suave com a Mãe/Pai; Proximidade com a Mãe/Pai; Contacto Físico com a Mãe/Pai e Interação com Outros Adultos (ver Monteiro *et al.*, *in press/a*, para uma descrição das escalas). Os Alfas de *Cronbach* obtidos nas escalas para a mãe são de .87, .90, .83, .78, respectivamente, e para o pai de .86, .92, .84, .78. Valores que traduzem níveis aceitáveis de fiabilidade das escalas, para ambos os pais, e são comparáveis com os resultados obtidos por Posada, Waters *et al.* (1995).

A validade do AQS, realizado por observadores, foi claramente confirmada na meta-análise de van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg e Riksen-Walraven (2004), assim como, em amostras portuguesas com crianças, em idade pré-escolar (e.g. Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters, 2005; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006).

Procedimento

Questionário

Os questionários foram entregues a mães e pais, em dois momentos distintos, e preenchidos separadamente por estes, tendo sido devolvidos aos investigadores que realizaram as observações do *AQS* e, ocasionalmente, às educadoras das salas que as crianças frequentavam.

Observações do AQS

As visitas domiciliárias, de cerca de 2 – 3 horas, foram combinadas com a mãe e o pai, separadamente, de modo a observar as interações da criança com cada progenitor. Estas obedeceram ao princípio de contra-balanceamento, com um intervalo médio de 1 mês. Cerca de 82% das observações realizadas com as mães, e 64% das realizadas com os pais, ocorreram durante a semana, após os pais terem ido buscar as crianças à escola, as restantes observações foram efectuadas no fim-de-semana.

Foi dito aos pais que o objectivo da visita era conhecer a criança e a mãe/pai nas suas rotinas e experiências diárias, pelo que lhes foi pedido que mantivessem as suas actividades do dia-a-dia inalteradas. As observações foram realizadas por duas equipas de observadores independentes que se comportaram como se de visitas sociais da casa se tratassem, procurando não interferir nas interações em curso, mas participando nas brincadeiras da criança quando solicitados e conversando informalmente com a mãe/pai. Quando se tornava oportuno, e na sequência da conversa com a mãe/pai, foram colocadas questões acerca de itens que não se podem observar ou que não foram observados na visita.

No final, os observadores realizaram a distribuição dos itens do *AQS* relativos ao sujeito, de modo totalmente independente. Os 90 itens foram distribuídos por uma escala de nove pontos (10 itens em cada categoria), em que os itens mais característicos da criança são colocados nas categorias mais elevadas (9 – 7) e os itens menos característicos, ou os que não são como a criança observada são colocados nas categorias inferiores (3 – 1). Os itens que não são, nem característicos, nem incharacterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (6 – 4). O perfil do sujeito observado é, então, correlacionado com o critério de segurança (Waters, 1995), obtendo-se um valor que reflecte o lugar ocupado

pela criança num contínuo de segurança (ver Monteiro *et al.*, *in press/a*, para uma descrição mais pormenorizada do procedimento). A média das correlações inter-observadores para as díades mãe/criança foi de .72 e de .73 para as díades pai/criança. O *Q-Sort* de cada criança é o compósito (média) das duas descrições-Q realizadas pelos observadores.

RESULTADOS

Análise das representações de mães e pais sobre o envolvimento – participação

Numa primeira análise descritiva obteve-se a Moda para cada item do questionário, separadamente para a mãe e pai, como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1
Análise dos 17 itens, como base na Moda, na perspectiva da mãe e do pai

	Mãe	Pai
1 Quem dá as refeições ao seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
2 Quem dá banho ao seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>
3 Quem veste o seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
4 Quem vai deitar o seu filho	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
5 Quem é responsável pela ida ao médico do seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
6 Quem fica em casa quando o seu filho está doente	<i>Quase sempre a mãe</i>	<i>Sempre a mãe</i>
7 Quem costuma comprar as roupas do seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Sempre a mãe</i>
8 Quem costuma comprar os brinquedos do seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
9 Quem leva o seu filho às actividades, por e.g. natação	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
10 Quem leva o seu filho às festas de anos	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
11 Quem brinca com o seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
12 Quem lê histórias ao seu filho	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
13 Quem leva o seu filho ao parque infantil	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
14 Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
15 Quem leva e traz o seu filho da escola	<i>Tanto a mãe como o pai</i>	<i>Tanto a mãe como o pai</i>
16 A quem telef. a escola se algo se passar c/ o seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Sempre a mãe</i>
17 Quem costuma ir às reuniões de escola do seu filho	<i>Sempre a mãe</i>	<i>Quase sempre a mãe</i>

De acordo com as mães, 9 das actividades descritas são *tanto a mãe como o pai* a realizá-las, 5 são *quase sempre a mãe*, e 3 são *sempre a mãe*. Na perspectiva dos pais, 10 das actividades são realizadas *tanto pela mãe como pelo pai*, 4 são *quase sempre a*

mãe e, 3 são *sempre a mãe* a realizá-las. A discordância entre os pais e as mães situa-se nos itens 3 (Quem veste o seu filho) e 4 (Quem vai deitar o seu filho) que os pais consideram ser *tanto a mãe como o pai* a realizá-los, enquanto que, as mães consideram ser *quase sempre a mãe*. No item 6 (Quem fica em casa quando o seu filho está doente) os pais consideram ser *sempre a mãe* e, as mães ser *quase sempre a mãe*; no item 17 (Quem costuma ir às reuniões de escola do seu filho) os pais indicam ser *quase sempre a mãe* e, as mães, *sempre a mãe*.

Concordância entre as representações parentais

A análise da concordância entre as respostas maternas e paternas para as duas dimensões do questionário é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2

Concordância entre mãe e pai nas Actividades Práticas e Lúdicas

	Actividades Práticas			Actividades Lúdicas		
	1 (M)	2 (M)	3 (M)	1 (M)	2 (M)	3 (M)
1 (P)	4	0	0	0	0	0
2 (P)	0	26	0	0	11	0
3 (P)	0	0	14	0	0	33

Legenda: M= mãe; P= pai; 1=Sempre a mãe; 2= Quase sempre a mãe; 3= Tanto a mãe como o pai

O valor do $Kappa = 1$, para as Actividades Práticas e Lúdicas, significa que os pais não subestimam ou sobrestimam o seu envolvimento nas diferentes actividades. Do ponto de vista estatístico a concordância entre ambos é perfeita, tendo-se optado por realizar um compósito (média) dos valores de envolvimento, na perspectiva das mães e dos pais, para as Actividades Práticas e Lúdicas, utilizados nas análises seguintes.

Análise da participação com base no tipo de actividades

A análise das duas dimensões do questionário indica que é *quase sempre a mãe* a realizar as tarefas de organização/cuidados físicos (M= 2.18, DP= .39) e que *tanto a mãe como o pai* (M= 2.70, DP= .32) participam nas actividades de brincadeira/ lazer. Uma análise *t-student*, para amostras emparelhadas, indica que as figuras parentais partilham significativamente mais as Actividades Lúdicas, do que as Práticas ($t(42) = -10.1, p < .01$).

Factores associados com o envolvimento – variáveis sócio-demográficas

As relações entre variáveis sócio-demográficas e os valores de envolvimento nas Actividades Práticas e Lúdicas são analisadas utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3
Correlações entre variáveis sócio-demográficas e valores de participação

	<i>Actividades Práticas</i>	<i>Actividades Lúdicas</i>
Idade da criança	.07	- .11
Idade da mãe	.14	- .12
Idade do pai	.16	- .12
Habilitações Literárias/ mãe	.17	.18
Habilitações Literárias/pai	.12	.40**
Idade entrada/ cuidados não-maternos	- .12	.04
Nº horas na escola	.32	.02

** $p < .01$

Como se pode observar, na Tabela 3, apenas foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as habilitações literárias do pai e o valor de participação nas Actividades Lúdicas, ou seja, quanto mais elevadas as habilitações literárias do pai, maior a sua participação nas actividades de brincadeira/lazer.

Utilizando a ANOVA não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de participação dos pais nas Actividades Práticas para as raparigas (M= 2.23, DP= .35) e para os rapazes (M= 2.14, DP= .45), ($F(42,1)= .57, p > .05$); e nas Actividades Lúdicas para raparigas (M= 2.76, DP= .31) e rapazes (M= 2.67, DP= .33), ($F(42,1)= .57, p > .05$). O mesmo verificou-se para a ordem de nascimento das crianças, ou seja, não existem diferenças significativas entre os valores de participação para as crianças primogénitas (M= 2.25, DP= .37) e não primogénitas (M= 2.09, DP= .42), ($F(41,1)=1.68, p > .05$) nas Tarefas Práticas, nem entre os valores de participação nas Actividades Lúdicas para primogénitos (M= 2.72, DP= .32) e não primogénitos (M= 2.07, DP= .33), ($F(41,1)= .02, p > .05$).

Participação paterna e organização dos comportamentos de base segura na díade criança/pai

Utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*, verificou-se que a participação dos pais nas Tarefas Práticas está positiva e significativamente correlacionada com o modo como a criança organiza os seus comportamentos de base segura, na relação com o progenitor ($r = .44$, $p < .01$), enquanto que, nas Actividades Lúdicas este valor é marginalmente significativo ($r = .26$, $p < .08$). Assim, quanto maior a participação dos pais nas tarefas de organização/cuidados à criança mais elevado o valor de segurança da criança na relação com o pai.

Correlacionaram-se, ainda, os valores de participação nos dois tipos de actividades com as quatro escalas *AQS*, relativas à relação da criança com o pai. Os resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Correlações entre as Actividades Práticas e Lúdicas e as escalas do *AQS/Pai*

	Interacção Suave	Proximidade	Contacto Físico	Interacção Outros Adultos
Actividades Práticas	.26	.37**	.45**	.07
Actividades Lúdicas	.06	.36*	.35*	-.09

** $p < .01$; * $p < .05$

As escalas de Proximidade e Contacto Físico encontram-se positiva e significativamente correlacionadas com a participação dos pais nas Actividades Práticas e Lúdicas. Na Interacção Suave e, apenas para as Actividades Práticas, o valor é marginalmente significativo $p < .08$.

Participação paterna e organização dos comportamentos de base segura na díade criança/mãe

O valor da participação paterna, nas Tarefas Práticas, não se encontra significativamente correlacionado com o valor de segurança da criança, na relação com a mãe ($r = .12$, $p > .45$), enquanto que, nas Actividades Lúdicas há uma correlação positiva e significativa com o valor de segurança da criança ($r = .32$, $p < .05$).

Correlacionaram-se, ainda, os valores de participação nos dois tipos de actividades com os valores das escalas AQS, relativas à relação da criança com a mãe.

Tabela 5

Correlações entre as Actividades Práticas e Lúdicas e as escalas do AQS/mães

	Interacção Suave	Proximidade	Contacto Físico	Interacção Outros Adultos
Actividades Práticas	.03	.13	.07	.07
Actividades Lúdicas	.22	.19	.12	-.06

Como se pode observar, na Tabela 5, nenhuma das escalas do AQS se encontra significativamente correlacionada com os valores de participação nas Actividades Práticas e Lúdicas.

DISCUSSÃO

A presença da mulher como elemento central nos cuidados à criança levou, segundo Cabrera *et al.* (2000), à crença de que a relação com o pai teria pouco impacto no desenvolvimento infantil. Porém, nas últimas décadas, associado a mudanças socio-económicas, assistiu-se a um crescente interesse pela figura paterna, nomeadamente, ao nível da sua participação e impacto na vida da criança, e no sistema familiar, conduzindo a uma re-conceptualização dos papéis parentais, a nível popular e académico.

Analisou-se o envolvimento com base na participação nas tarefas de organização/cuidados (Práticas), e nas actividades de brincadeira/lazer (Lúdicas), uma vez que estudos anteriores indicam que o envolvimento do pai varia consoante o contexto e as actividades (e.g., Bailey, 1994; Monteiro *et al.*, 2006; Parke, 1996). Embora um elevado número de trabalhos utilize a mãe como fonte de informação acerca do pai, a visão que este tem da sua própria responsabilidade e participação é tão importante como a da figura materna (Beitel & Parke, 1998). Assim, pediu-se que, mães e pais descrevessem, de modo independente, o seu nível de participação relativamente à outra figura parental. A concordância obtida nas respostas é de $Kappa=1$, tanto nas Actividades Práticas, como nas Lúdicas, o que do ponto de vista metodológico confirma

a validade da informação obtida via auto-relato (Pleck & Masciadrelli, 2004). É, ainda, indicador que ambos os pais têm uma percepção partilhada da sua responsabilidade e participação nas actividades analisadas, o que é particularmente importante, se considerarmos que vivem e cuidam juntos da criança.

Mas, até que ponto este novo ideal de partilha parental corresponde a um maior envolvimento real do pai, em particular, nas famílias bi-parentais, onde a mãe, também, trabalha? Os resultados obtidos replicam os de outras amostras (e.g., Bailey, 1994; Peitz *et al.*, 2001), nomeadamente, portuguesas, com crianças em idade de Creche/Jardim-de-Infância (Monteiro *et al.*, 2006). Embora a mulher acumule responsabilidades na esfera familiar e profissional, continua a ser a principal responsável ($M= 2.18$, *quase sempre a mãe*) pela realização das Tarefas Práticas, assumindo o pai um papel de suporte, ajudando quando necessário, pelo que neste domínio assiste-se, ainda, a uma divisão tradicional de papéis. Contrariamente, nas Actividades Lúdicas existe uma participação igualitária ($M= 2.70$, *tanto a mãe como o pai*), pelo que, a brincadeira/lazer surge como a dimensão mais saliente nas interações pai/criança, embora não a única. Assim, apesar de, na sociedade portuguesa, as representações do papel paterno, face a gerações anteriores, parecerem estar a mudar (Balancho, 2004), os dados obtidos vão no sentido de existir, ainda, num padrão específico, baseado no género. Embora alguns pais desempenhem, no presente, um papel mais activo na vida dos seus filhos, poucas mudanças se verificaram, nomeadamente, na área dos cuidados. Este tem sido um processo de mudança lento, porém contínuo, em particular nas famílias em que ambos os pais trabalham (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Parke, 1996; Pleck & Masciadrelli, 2004).

Contudo, mesmo com um número reduzido de participantes ($n=44$), é possível encontrar alguma diversidade, no modo como a divisão e partilha das actividades é realizada, nas famílias analisadas. Existem pais que assumem uma co-parentalidade, partilhando as diversas actividades com as mães, enquanto que, outros têm uma participação limitada na vida das crianças (nas actividades analisadas), enquadrando-se no estereótipo do “pai não envolvido”. No entanto, cerca de metade dos pais assume um papel temporário ou de ajuda às mães nas tarefas de organização/ cuidados, partilhando as de brincadeira/lazer indo, assim, ao encontro da imagem de pai, essencialmente, como companheiro de brincadeira (e.g., Lamb, 1987b; Parke, 1996; Russell, 1983). Este tipo de actividades tem horários mais flexíveis, e podem ser adequadas à

disponibilidade dos pais e intervaladas com outras, contrariamente às actividades definidas como práticas que são rotineiras e orientadas pelas necessidades imediatas das crianças. Deste modo, as mães terão de gerir o seu tempo e disponibilidade entre as diversas actividades, realizando com maior frequência tarefas em simultâneo, de modo a preservar o tempo passado em actividades mais valorizadas, como por exemplo, conversar, brincar ou ler, enquanto que, os pais passam mais tempo a realizar estas actividades em exclusivo (Craig, 2003; 2006).

Pleck e Masciadrelli (2004), analisando os dados do *PSID* (1997) referem que entre os 3 – 5 anos, a componente de brincadeira/companheirismo é a mais saliente (em termos de tempo de interacção), tanto para os pais, como para as mães, seguida da componente de cuidados. Assim, a brincadeira é, também, a actividade de interacção mais frequente para as mães, embora, este facto seja por vezes ofuscado pela importância da brincadeira nas interacções pai/criança. Nas famílias em que as mães trabalham, estas tendem a estimular mais os filhos, comparativamente, com as que não trabalham e, inclusivamente, a serem mais activas do que os pais (ver Lamb & Lewis, 2004). No entanto, Russell (1983) indica que os pais participam mais em brincadeiras divertidas e “de rua”, e menos frequentemente na leitura de histórias e em brincadeiras convencionais “em casa”. A análise realizada ao nível dos itens, na nossa amostra, indica que tanto o pai, como a mãe participam, na brincadeira, leitura ou nas idas ao parque infantil com os seus filhos. Uma descrição mais detalhada dos itens, nomeadamente, no tipo de brincadeira poderá esclarecer a existência, ou não, de diferenças nestas actividades.

Os resultados obtidos são, ainda, indicadores de que, em famílias onde ambos os pais trabalham a tempo inteiro e as crianças frequentam Creche/Jardim-de-Infância várias horas por dia, o emprego, *per se*, poderá não ser uma explicação suficiente para o grau e tipo de participação paterno (e.g., Manlove & Vernon-Feagans, 2002). Diversos autores (e.g., Cabrera *et al.*, 2000; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Parke, 1996) salientam, entre outros aspectos, a importância das atitudes e representações que mães e pais têm acerca dos seus papéis e competências, em particular, nos cuidados à criança, que do ponto de vista cultural, têm um *script* menos bem definido, para o pai, comparativamente com as brincadeiras (Peitz *et al.*, 2001). Na realidade, os pais poderão preferir ajudar as mães quando estas necessitam, por considerarem que elas desempenham melhor as tarefas de cuidados, optando por ser

mais activos noutros domínios. Ou, as próprias mães poderão incentivar pouco a sua participação, uma vez que percebem estas tarefas como sendo da sua responsabilidade, podendo, inclusivamente, considerar que os maridos têm menos competências para as realizar (e.g., Beitel & Parke, 1998; Russell, 1983). Assim, apesar de trabalharem, as mães podem estar pouco disponíveis para abdicar da sua posição no contexto familiar, agindo com *gatekeepers*, na gestão que fazem das actividades e tempos em que esperam que o pai participe. Ainda, do ponto de vista social e institucional o local de trabalho parece manter-se organizado para uma estrutura familiar mais tradicional, parecendo haver maior intolerância quando as responsabilidades familiares interferem no desempenho profissional dos homens, do que no das mulheres (Lamb *et al.*, 1988). Na realidade, o trabalho/rendimento permanecem uma importante componente na definição do papel do homem (e.g., Torres, 2004), pelo que, será de esperar que seja a mãe a ficar em casa quando o filho está doente, ou ser ela quem recebe os telefonemas da escola, quando algo se passa com a criança (Monteiro *et al.*, 2006). O que se verifica, nesta amostra, na análise realizada ao nível dos itens do questionário.

Diversas variáveis sócio-demográficas têm sido empiricamente relacionadas com o envolvimento paterno, contudo, os resultados obtidos indicam que apenas as habilitações literárias do pai se encontram positiva e significativamente correlacionadas com a sua participação nas actividades de brincadeira/lazer. Estas são vistas, cultural e socialmente, como mais características dos comportamentos paternos, sendo este o contexto em que os pais, eventualmente, se sentem mais à vontade para estarem próximos e dar suporte afectivo, bem como, estimularem as aprendizagens cognitivas e sociais dos seus filhos. Não foram, ainda, encontradas diferenças na participação, em função do tipo de actividades para as raparigas e rapazes, nem para a ordem de nascimento, o que confirma os resultados de estudos anteriores (e.g., Bailey, 1994; Monteiro *et al.*, 2006; Russell, 1983). De acordo com Pleck e Masciadrelli (2004), actualmente, o género parece exercer menor influência sobre o envolvimento paterno, do que em décadas passadas.

Um maior envolvimento do pai está associado a benefícios directos e indirectos para a criança (ver Lamb, 2004; Parke, 1996), neste trabalho, centramo-nos nas relações de base segura da criança, com o pai e com a mãe. Segundo Monteiro *et al.* (*in press/a*) as crianças, participantes no estudo, organizam os seus comportamentos de base segura

em torno de ambas as figuras parentais, não havendo diferenças significativas entre os valores de segurança (AQS) nestas duas relações. Sendo estas co-construídas, no contexto das interações únicas e contínuas, entre os elementos das díades (Ainsworth *et al.*, 1978; Monteiro *et al.*, *in press/b*), a presença e participação dos pais, nas diferentes actividades relacionadas com as crianças, deverá ser analisada, permitindo compreender melhor os contextos de interação e a sua relação com a organização dos comportamentos de base segura. Os estudos empíricos realizados apresentam, no entanto, resultados contraditórios (e.g., Caldera, 2004; Cox *et al.*, 1992, Easterbrook & Goldberg, 1984; Lamb *et al.*, 1983).

Os dados obtidos, nesta amostra, indicam que, quanto maior o valor de participação paterna nas Tarefas Práticas, mais elevado o valor de segurança da criança na relação com o pai. Nas Lúdicas, o valor é marginalmente significativo ($p < .08$), ou seja, existe uma tendência para que quanto maior a participação dos pais nestas tarefas, mais elevado o valor de segurança da criança. No único estudo encontrado que utiliza o AQS, mas sob a forma de auto-relato, Caldera (2004) verificou que, os pais que participavam com maior regularidade, nas tarefas de cuidados, tinham crianças com valores de segurança superiores, às crianças de pais menos envolvidos. Nenhuma correlação foi obtida para a participação na brincadeira/leitura.

Considerando domínios mais específicos dos comportamentos, verifica-se que as escalas de Contacto Físico e Proximidade se encontram positiva e significativamente associadas com a participação do pai, nas tarefas de organização/cuidados (Práticas), e nas actividades de brincadeira/lazer (Lúdicas). Apenas para as primeiras, e na escala de Interação Suave, se encontra uma correlação marginalmente significativa. Assim, os resultados sugerem que uma maior participação nos cuidados à criança parece facilitar uma comunicação harmoniosa entre os elementos da díade, as crianças aceitam sugestões, participam num dar e receber marcado por um tom emocional positivo. Associados com a participação, nos dois tipos de actividades analisadas, encontram-se comportamentos relacionados com o manter a noção da localização do pai, e com o regressar para junto deste quando arreliada, aborrecida ou a necessitar de ajuda. Estas relações são, ainda, caracterizadas pela satisfação da criança no contacto físico com a figura paterna e pela capacidade do pai a reconfortar, numa situação de aflição ou ansiedade, sendo marcadas por uma partilha afectiva entre os elementos da díade, aspectos que são centrais numa relação de base segura.

Os resultados vão no sentido dos pais serem tão capazes, como as mães, de cuidar dos seus filhos, sendo competentes e sensíveis nas interações com os mesmos, parecendo que à medida que as crianças se desenvolvem, e os pais se tornam mais experientes, estes se sentem mais à vontade no seu papel (Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984). Contrariando a crença popular, de que as mães estão instintivamente predispostas para cuidar melhor dos filhos, tanto as mães, como os pais, parecem adquirir as suas competências “*on the job*” (Lamb, 1987b; Parke, 1996).

Os resultados indicam, também, a importância do contexto de brincadeira/lazer nas relações criança/pai (e.g., Cox *et al.*, 1992; Grossmann *et al.*, 2002). Lamb *et al.* (1983) consideram que a brincadeira poderá servir para aumentar a saliência dos pais, nomeadamente, através de um estilo e tipo de brincadeira activo e diferenciado da mãe. Neste estudo não são analisados os comportamentos das figuras parentais, contudo, uma análise ao nível dos itens do AQS realizada por Monteiro *et al.* (*in press/a*), indica que os comportamentos das crianças nas interações com a mãe sugerem um estilo mais verbal, tranquilo e mediado por brinquedos. Enquanto que, alguns comportamentos nas interações criança/pai estão associados com o contacto físico relacionado com a brincadeira, tendencialmente, física e estimulante (e.g., o trepar pelo pai enquanto brincam, o aceitar e gostar de sons barulhentos ou ser balanceada). As crianças poderão beneficiar das interações com dois pais envolvidos, com diferentes estilos de comportamentos (Cabrera *et al.*, 2000), mas em que ambos parecem ser sensíveis aos seus sinais e aos seus comportamentos e competências próprias da fase de desenvolvimento em que se encontram (Belsky *et al.*, 1984). Na realidade, quando mães e pais utilizam cuidados não maternos passam menos tempo nas tarefas de cuidados físicos, mas parecem manter o seu tempo em actividades como conversar, ler ou brincar com as crianças, o que é indicativo do valor atribuído, por ambos, a este tipo de actividades (Bittman, Craig, & Folbre, 2004).

Embora alguns autores (e.g., Bridges, Connell, & Belsky, 1988) salientem o papel afiliativo do pai, considerando as interações com este, particularmente, importantes para as relações sociais da criança fora do contexto familiar, a escala de Interação com Outros Adultos, não se encontra relacionada com a participação dos pais, em nenhum dos dois tipos de actividades analisadas. No entanto, nas relações das crianças com os seus pares, o impacto das relações, quer com o pai, quer com a mãe,

tem sido empiricamente comprovado (ver Parke, Dennis, Flyr, Morris, Killian, *et al.*, 2004).

O pai poderá, ainda, desempenhar um importante papel de apoio emocional e instrumental à mãe (e.g., Bowlby, 1988; 2002; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004; Parke, 1996). Deste modo, analisou-se se uma maior participação nas tarefas de organização/cuidados e de brincadeiras/lazer, poderia funcionar como suporte à figura materna, permitindo que esta estivesse mais disponível nas interações com a criança, o que se reflectiria na qualidade desta relação. Não foi encontrada nenhuma associação entre a participação nas Tarefas Práticas e o valor de segurança com a mãe ou com as escalas/AQS. Estas poderão ser vistas pelas mães como, essencialmente, da sua responsabilidade, esperando que o pai apenas ajude, quando necessário. Na realidade, alguns estudos (e.g., Hochschild, 1995) indicam que um elevado número de mulheres parece estar satisfeita, não só com a extensão do envolvimento como, também, com o tipo de actividades nas quais os pais participam. Nas Actividades Lúdicas encontrou-se uma correlação significativamente positiva, mas apenas para o valor de segurança. Um maior envolvimento do pai, nestas actividades, poderá permitir que ambas as figuras parentais façam o que para elas é recompensador e as realiza, possibilitando ao pai satisfazer os seus desejos de maior proximidade com a criança e às mães manter, simultaneamente, relações harmoniosas com os seus filhos e satisfazer os seus objectivos pessoais (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004).

Será, contudo, um erro assumir que um maior envolvimento paterno tenha sempre consequências positivas para a criança (Lamb, 1987b). Há pais que se vêem forçados a assumir a responsabilidade pelos cuidados dos filhos (e.g., quando o pai perde o emprego e a mãe o mantém), sem que isso seja desejado por si, ou pela sua mulher, não resultando daí benefícios para a criança, podendo, inclusivamente, ter consequências negativas (Russell, 1983). Cox *et al.* (1992) encontraram uma relação negativa entre o tempo passado com a criança e a segurança da vinculação ao pai (controlando variáveis relacionadas com as atitudes e interacção), sugerindo que os pais poderão passar mais tempo com as crianças devido a pressões do contexto familiar, sendo por isso indicador de stress familiar. Outros estudos (e.g., Grossman *et al.*, 1988) não encontraram qualquer associação entre quantidade e qualidade do envolvimento. Contudo, nas famílias portuguesas analisadas, uma maior participação do pai está relacionada com a qualidade das relações de base segura da criança, pelo que se sugere

que os pais, provavelmente, consideraram importante e optaram por estar mais envolvidos com os filhos, apresentando características comportamentais positivas nas interações com os mesmos.

Segundo Easterbrooks e Goldberg (1984) é a interação entre um maior envolvimento e as características positivas do pai que explicam a maior parte da variância no desenvolvimento da criança, nomeadamente, da vinculação (embora a qualidade, *per se*, tenha um peso maior). Deste modo, em estudos futuros será importante não só analisar o modo como as diferentes actividades são divididas/partilhadas entre mães e pais como, também, as representações dos pais acerca dos seus papéis, e o suporte materno, incluindo uma medida da qualidade dos comportamentos parentais. Uma análise, em contexto ecologicamente válido, por exemplo, em casa e/ou no parque, poderá permitir observar o estilo e a qualidade dos comportamentos dos pais, na interação com os seus filhos, em diferentes contextos.

A avaliação do tempo que a mãe e o pai passam na realização das diversas actividades foi uma questão que, embora colocada aos pais, não foi por estes compreendida. Uma clarificação da instrução, e/ou a utilização de uma metodologia como a dos diários temporais (Pleck & Masciadrelli, 2004), poderá ser aconselhável em estudos futuros. Este trabalho ultrapassa, no entanto, uma limitação importante de diversas investigações que utilizam apenas uma única fonte de informação sobre o envolvimento do pai e o seu impacto na criança (Pleck & Masciadrelli, 2004). Assim, mães e pais avaliaram, via auto-relato e de modo independente, o seu envolvimento (relativamente à outra figura parental), e equipas de dois observadores, independentes, analisaram as relações de base segura da criança com cada progenitor.

A definição do papel do pai e do que deste se espera, em termos do seu envolvimento, é claramente menos definida, do ponto de vista cultural, do que o da mãe, não existindo uma norma que defina o que este envolvimento deverá ser. Assim, os novos papéis dos pais estão aptos a ser negociados, em vez de prontamente adoptados (Manlove & Veron-Feagans, 2002; Parke, 1996). O mais importante, é que as famílias tenham oportunidade de tomar as decisões que melhor se acomodem aos seus valores, necessidades e objectivos (Lamb, 1996), devendo essa diversidade ser reconhecida, quer social, quer cientificamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S, Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Amâncio, L., & Wall, K. (2004). *Famílias e papéis de gênero: Alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP)*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais. Coimbra. Portugal.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*, 1-57. Consultado (2005) <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev.htm>
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 377-386.
- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: the role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12 (2), 268-288.
- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, 55, 692-705.
- Bittman, M., Craig, L., & Folbre, N. (2004). Packaging care: What happens when parents utilize non-parental child care? In M. Bittman and N. Folbre (Eds.) *Family time: the social organization of care*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1 Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes (4ª Ed.)
- Bridges, L., Connell, J. P., & Belsky, J. (1988). Similarities and differences in infant-mother and infant-father interactions in the strange situation: A component process analysis. *Developmental Psychology*, 24 (1), 92-100.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999, August). *Measuring father involvement in the early Head Start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Paper presented at the National Conference on health Statistics, Washington, D. C., EUA.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R.H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Caldera, Y. M. (2004). Paternal involvement and infant-father attachment: A Q-set study. *Fathering*, 2 (2), 191-210.
- Cox, M., Owen, M., Henderson, V., & Margand, N. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28 (3), 474-483.
- Craig, L. (2003, February). *Do Australians share parenting? Time-diary evidence on father's and mother's time with children*. Paper presented at the Conference of the Australian Institute of Family Studies. Melbourne, Australia.
- Craig, L. (2006). Does father care mean father share? A comparison of how mothers and fathers in impact families spend time with children. *Gender & Society*, 20 (2), 259-281.

- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, 10 (1), 25-28.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W.A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, 55, 740-752.
- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação do Ministério da Educação (GEPE). *Séries cronológicas – 30 anos de estatísticas da educação*. Retirado (2007) de <http://www.gepe.min-edu.pt/np3/14.html>.
- Goossens, F. A. (1987). Maternal employment and day care: effects on attachment. In L. W. C. Tavechio, & M. H. van IJzendoorn (Eds.), *Attachment in social networks: Contributions to the Bowlby-Ainsworth attachment theory* (pp.135-182). Amsterdam: Elsevier Science, Ltd.
- Goossens, F. A., & van IJzendoorn, M. H. (1990). Quality of infants' attachments to professional caregivers. Relation to infant-parent attachment and day-care characteristics. *Child Development*, 61, 832-837.
- Gouveia, R., Baptista, M., Lopes, M., Lopes, A. I., Barreto, C., Lacerda, N. Torgal-Garcia, F., & Gomes Pedro, J. (1991). Cuidados do pai português nos cuidados ao seu filho no 1º ano de vida. *Revista Portuguesa de Pediatria*, 22, 246-249.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11 (3), 307-331.
- Grossman, F. K., Pollack, W. S., & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology*, 24 (1) 82-91.
- Hewlett, B. S. (1987). Intimate fathers: Patterns of paternal holding among Aka Pygmies. In M.E. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.295-330). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hochschild, A. R. (1995). Understanding the future of fatherhood: The "daddy hierarchy" and beyond. In M. C. P. van Dongen, G. A. B. Frinking, & M. J. G. Jacobs (Eds.), *Changing fatherhood: An interdisciplinary perspective* (pp. 219-230). Amsterdam: Thesis.
- Instituto Nacional de Estatística (2007). *Dia internacional da mulher – 32 anos (1975-2007)*. Ano Europeu da igualdade de oportunidades para todos. Retirado (2007) de <http://www.ine.pt>.
- Laflamme, D., Pomerleau, A., & Malciut, G. (2002). A comparison of fathers' and mothers' involvement in childcare and stimulation behaviors during free-play with their infants at 9 and 15 months. *Sex Roles*, 47 (11/12), 507-518.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1987a). *The father's role: Cross-cultural perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (1987b). Introduction: The emergent American father. In M.E. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-26). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (1996, April). *What are fathers for?* Paper presented at the IPPR Conference "Men and their children". London, U.K.
- Lamb, M. E. (Ed.) (2004). *The Role of the Father in Child Development*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458.

- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development* (pp. 272-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development* (pp.1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: some further exploration. *Developmental Psychology*, *24*, 434-440.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parents families. *European Journal of Psychology of Education*, *18* (2), 211-228.
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, *52*, 932-940.
- Manlove, E. E., & Vernon-Feagans, L. (2002). Caring for infant daughters and sons in dual-earner households: maternal reports of father involvement in weekday time and tasks. *Infant and Child Development*, *11*, 305-320.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 44-67). New York: The Guilford Press.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A. J., & Fernandes, M. (*in press/a*). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações Criança/Mãe e Criança/pai. *Psicologia*.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A. J., & Bost, K. (*in press/b*). Secure Base Representations of both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment and Human Development*.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, *42*, 213-229.
- NICHD Early Child Care Research Network (2005). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. In The NICHD Early Child Care Research Network (Ed), *Child Care and child Development* (pp. 395-406). New York: The Guilford Press.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, *47*, 193-219.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood. The developing child*. Harvard University Press.
- Parke, R. D., Dennis, J., Flyr, M. L., Morris, K. L., Killian, C., McDowell, D. J., & Wild, M. (2004). Fathering and children's peer relationships. In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development* (pp.307-340). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Peitz, G., Fthenakis, W. E., & Kalicki, B. (2001). *Determinants of paternal involvement during the child's third year of life: child-care tasks versus pleasure activities*. Poster presented at the Society for Research in Child Development, Minneapolis, USA.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential fathers. Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed), *The Role of the Father in Child Development* (pp.222-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada & Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 27-47.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada & Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Rohner, R. P. & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5 (4), 382-405.
- Russell, G. (1983). *The changing role of fathers?* St. Lucia, Queensland: University of Queensland Press.
- Sagi, A., Lamb, M. E., Shoham, R., Dvir, R., & Lewkowicz, K. (1985). Parent-infant interaction in families on Israeli kibbutzim. *International Journal of Behavioral Development*, 8, 273-284.
- Schaffer, H. R., & Emerson, P. E. (1964). The development of social attachments in infancy. *Monographs of the Society for research in Child development*, 29 (3).
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- van IJzendoorn, M. H., & De Wolff, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M. J. L., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development*, 75, 1188-1213.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, 23 (2), 7 – 17.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada & Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 234 -246.

CAPÍTULO V
DISCUSSÃO GERAL

Actualmente, diversos são os desafios que se colocam à teoria da vinculação, e à investigação decorrente desta, nomeadamente: (1) a sua capacidade para integrar os avanços verificados, permanecendo coerente com os seus conceitos fundamentais (em particular, o fenómeno de base segura); (2) a actualização das perspectivas tradicionais do desenvolvimento da vinculação, das suas funções e dos modelos dinâmicos internos; (3) a focalização da análise na família, no percurso ao longo da vida e em diferentes contextos culturais, de modo a testar os postulados centrais da teoria (Waters & Cummings, 2000).

Este projecto procurou contribuir, para a investigação na área da vinculação, ao testar empiricamente, numa amostra de famílias portuguesas, com crianças no início da idade pré-escolar, conceitos como: o fenómeno de base segura, modelo dinâmico interno, a especificidade das relações, ou a transmissão social da vinculação. Foram analisadas as relações diádicas criança/mãe e criança/pai e as suas interacções ao nível comportamental e representativo, assim como, alguns aspectos da ecologia familiar, com vista a uma melhor compreensão da organização da rede de vinculação da criança, neste micro-sistema (Cowan, 1997; van IJzendoorn & De Wolff, 1997).

Em síntese, os resultados indicam que, nas 56 famílias portuguesas observadas, em contexto ecologicamente válido, as crianças utilizam ambos os pais como base segura, confirmando a noção do fenómeno como característico da espécie e, independente da cultura e dos contextos socio-económicos (Bowlby, 1969/1982; Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon *et al.*, 1995; van IJzendoorn & Sagi, 1999; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006). Simultaneamente, na perspectiva de Bowlby (1969/1982), a sua natureza universal não implica que diferentes estratégias, nomeadamente, modos de sinalizar acessibilidade e responsividade, comportamentos específicos, ou objectivos de socialização, não possam variar inter e intra culturalmente. Embora Portugal seja um país da União Europeia, a sua cultura é distinta do estereótipo da “cultura Ocidental” em diversos aspectos. Numa meta-análise compreensiva acerca do colectivismo *vs* individualismo, em diferentes culturas, Oyserman, Coon e Kimmelmeier (2002) identificaram a cultura portuguesa como sendo mais colectivista e menos individualista do que a cultura Norte Americana dominante. Contudo, e apesar destas diferenças, o fenómeno de base segura está presente, indicando que, relativamente, às relações de vinculação da criança com as figuras parentais, os humanos tendem a ser mais semelhantes, do que diferentes.

Na análise das relações de vinculação das crianças, nomeadamente, a ambos os

progenitores, verifica-se que, comparativamente à mãe, e enquanto figura de vinculação, o pai tem sido visto num contexto temporal e ecológico diferente, ocupando uma posição secundária em importância (Bowlby, 1969/1982; Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, & Zimmermann, 2002). Aspecto que se tem repercutido, quantitativamente, nos trabalhos que analisam as interações criança/pai, ao nível dos seus antecedentes, correlatos e consequências. Esta menor atenção dada à figura paterna poderá, segundo Cowan (1997), ter consequências negativas, não só para a teoria como, também, para aquilo que se transmite ao público em geral, nomeadamente, a ideia de que os pais não serão importantes num domínio central do desenvolvimento sócio-emocional da criança.

O presente trabalho procura contribuir no sentido de “... *go some way to correct the balance*” (Bowlby, 1988). Os resultados obtidos sugerem que as crianças organizam os seus comportamentos de base segura em torno de ambos os pais, e em magnitudes semelhantes. Os aspectos centrais que caracterizam este tipo de relação não só estão presentes, como são, também, organizadores das interações da criança com duas figuras parentais. Uma análise ao nível das escalas e itens do AQS é, também, indicativa da existência de diferenças nos estilos de interação, nomeadamente, na Proximidade e Contacto Físico, mais salientes na relação com a mãe, e nos comportamentos específicos (itens) relacionados com a segurança; no caso do pai, estes estão associados com a brincadeira física e activa, o que vai no sentido do que é descrito na literatura (e.g., Grossmann *et al.*, 2002; Lewis & Lamb, 2003; Lamb & Lewis, 2004). Diferentes comportamentos por parte das figuras de vinculação podem, assim, servir a mesma função, ou seja, uma mãe ou um pai sensível estarão disponíveis e responderão adequadamente aos sinais do filho, esperando-se que comportamentos específicos possam variar de acordo com o contexto, ou situações particulares em que a díade se encontra (e.g. ansiogénico *vs.* de rotina), bem como de figura para figura. É, deste modo, plausível que as crianças possam desenvolver diferentes expectativas e aprendam diferentes padrões de comportamentos, nas interações com cada figura parental. Do ponto de vista da criança, o fundamental é que os seus sinais sejam adequadamente interpretados e respondidos, de modo a que se sinta segura, ou seja, mais uma vez, a função da vinculação não deverá ser confundida com a sua expressão (e.g., Posada, Jacobs, Carbonell, Alzate, Bustamante, & Arenas, 1999).

A utilização do AQS, na análise dos comportamentos de base segura das crianças, possibilitou captar diferentes tipos interações, em contexto de cuidados e de

brincadeira/lazer, uma vez que durante as 2-3 horas de observação se pediu aos pais que mantivessem as suas rotinas diárias inalteradas, não tendo sido colocadas quaisquer restrições durante este período. Tal permitiu a obtenção de uma enorme riqueza de informação acerca da qualidade da organização dos comportamentos de base segura, no dia a dia, no contexto das actividades realizadas pelos pais e nas quais, provavelmente, se sentem mais à vontade. Refira-se que os observadores, informalmente, relataram que houve pais que realizaram tarefas relacionadas com os cuidados físicos (e.g., higiene e alimentação) à criança, parecendo bastante à-vontade nas mesmas, para além das actividades de brincadeira. Outros optaram, essencialmente, pelas interacções de brincadeira e lazer (e.g., uma ida ao parque infantil durante parte da visita). O AQS poderá, deste modo, ser mais adequado para o estudo da relação criança/pai, do que a Situação Estranha (Ainsworth, *et al.*, 1978) que, segundo van IJzendoorn (1995), poderá não ser a metodologia mais adequada para captar os aspectos essenciais desta relação.

A perspectiva de desenvolvimento é central na teoria de Bowlby (1969/1982; 1973; 1988). O autor (1969/1982) descreve quatro fases de desenvolvimento da vinculação, que deverão ser consideradas como o início e não como fim desta análise. O enfoque nos primeiros anos de vida (em particular no 1º ano) conduz, por vezes, à ideia errónea de um período crítico, e conseqüentemente, à perda de oportunidades de análise, por exemplo, das mudanças que ocorrem na organização dos comportamentos de base segura, produto do desenvolvimento e das circunstâncias actuais de vida do indivíduo (Cicchetti, Cummings, Greenberg, & Marvin, 1990; Waters & Cummings, 2000). Na caracterização que Bowlby (1969/1982) faz do estabelecimento e organização da vinculação, salienta o papel activo da criança na manutenção da proximidade e contacto físico com a figura materna, especialmente, na presença de “pistas naturais de perigo” (Bowlby, 1973). Segundo Marvin e Britner (1999) apesar de algumas mudanças em termos de desenvolvimento, a manutenção de um grau razoável de proximidade permanece como o maior objectivo da criança em relação à mãe, até por volta do terceiro ano. Por esta altura, assiste-se a uma progressiva complexificação dos modelos dinâmicos internos do *self* e da figura de vinculação, resultado da aquisição de novas competências cognitivas e comunicativas, que conduzirão a uma relação de verdadeira parceria (Bowlby, 1969/1982), caracterizada por uma interacção harmoniosa entre os elementos da díade.

Análises ao nível das escalas AQS, indicam que a Interação Suave, quer para mãe, quer para o pai, apresenta as correlações mais fortes com a segurança ($r = .87; .85$),

o que vai ao encontro da sequência de desenvolvimento descrita por Bowlby. Numa fase de progressiva autonomia e independência (2 ½, 3 anos), os comportamentos de Contacto Físico e Proximidade estão presentes e significativamente associados com a segurança à mãe e ao pai, mesmo que (esses domínios do comportamento) não sejam um indicador tão forte das diferenças na organização dos comportamentos de base segura. Simultaneamente, uma comunicação verbal, “franca” e fluida, acerca das experiências e emoções (positivas e negativas) relacionadas com a vinculação, permitirá construir uma realidade partilhada e uma interacção “suave” entre os parceiros da díade (Bowlby, 1988; Bretherton, 2005).

Os resultados obtidos são, assim, indicadores da importância de se realizarem, também, análises ao nível dos domínios específicos dos comportamentos, permitindo uma melhor compreensão da reorganização no equilíbrio entre a proximidade aos outros e a autonomia e independência. Considerando a vinculação como um aspecto significativo do desenvolvimento, após a infância, é central compreender como esta é integrada, num todo coerente, com as novas tarefas de desenvolvimento que vão emergindo, nomeadamente, no período pré-escolar (Cicchetti *et al.*, 1990; Marvin & Britner, 1999), bem como, ao longo da vida. Apenas estudos longitudinais com informação obtida na infância, idade pré-escolar, idade escolar, na adolescência e na idade adulta, poderão ajudar a clarificar e alargar uma abordagem de desenvolvimento, intrínseca à teoria de Bowlby, integrando comportamentos, cognições e emoções, à medida que o indivíduo se vai adaptando continuamente ao seu meio ambiente (ver Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005a).

Uma das questões centrais, que se coloca na análise da rede de vinculação das crianças, remete para a concordância, ou não, da qualidade das relações estabelecidas com as diversas figuras (Cassidy, 1999; Howes, 1999; van IJzendoorn & Sagi, 1992). No presente estudo, encontrou-se uma associação significativa, modesta, entre os valores de segurança (AQS) às mães e aos pais. Uma das hipóteses explicativas, para este resultado, assenta no pressuposto de que, sendo a qualidade da vinculação uma característica da relação e não um traço da criança (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Sroufe, 1985), a concordância obtida, poderá residir na semelhança dos cuidados parentais e nas experiências de interacção entre a criança e os progenitores.

Na perspectiva da teoria da vinculação os comportamentos de cuidados parentais, nomeadamente, a sua responsividade e acessibilidade, face aos sinais e

comunicações da criança, são guiados, pelo menos em parte, pelas representações mentais que os pais têm, acerca das suas experiências de vinculação (e.g., Bretherton & Munholland, 1999; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; van IJzendoorn, 1995; Vaughn, Coppola, Veríssimo, Monteiro, Santos *et al.*, 2007). Assim, analisaram-se as representações de vinculação de mães e pais, testando o princípio de intergeracionalidade, as representações no casal e as possíveis interações existentes, com vista a uma melhor compreensão da organização dos comportamentos de base segura das crianças, no contexto familiar (van IJzendoorn & De Wolff, 1997; Steele, & Fonagy, 1996).

Bowlby (1969/1982; 1973; 1988) definiu os modelos internos ou representações mentais da vinculação, como um produto real e específico do funcionamento do sistema comportamental de vinculação, construído no contexto das interações contínuas entre a díade. Embora certo da importância destas representações, e utilizando os conhecimentos disponíveis na época, Bowlby não definiu especificamente a estrutura, organização e desenvolvimento destes modelos. Os avanços verificados, nas últimas décadas, na área da psicologia cognitiva permitiram a passagem da investigação do nível comportamental, para o das representações, onde *AAI* tem um papel central na avaliação dos adultos. Interpretando os modelos internos como estruturas cognitivas específicas, e no seguimento das propostas de Bretherton (1985), Waters e Waters (2006) consideram ser, agora, necessária a passagem para um nível de maior especificidade, na avaliação das representações de vinculação.

Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) propuseram que as histórias das experiências de base segura são representadas na memória, sob a forma de *script*, tendo desenvolvido as “Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos”, que avaliam explicitamente a presença e qualidade do *script* de base segura. No processo de validação do instrumento, os resultados obtidos, neste trabalho, confirmam e ampliam a sua validade interna, discriminativa e preditiva, quer para as mães, quer para os pais, reforçando, ainda, a noção da existência de um *script* de base segura em diferentes grupos culturais (e.g., Coppola, Vaughn, Cassibba, & Costantini, 2006; Rodrigues-Doolabh, Zevallos, Turan, & Green, 2003; Vaughn, Coppola, Veríssimo, Monteiro, Santos, Posada, *et al.*, 2007).

Os resultados obtidos indicam que a organização dos comportamentos de base segura da criança, na relação com a mãe e com o pai, pode ser prevista (numa

magnitude equivalente) a partir do conhecimento tipo *script* de base segura das figuras parentais (e.g., Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006). Contrariamente ao *Data-based model of the family attachment network* de van IJzendoorn e De Wolff (1997), nestas famílias os pais parecem moldar as relações de vinculação dos filhos, numa extensão semelhante à das mães. Assim, mães e pais com um *script* de base segura completo, coerente e facilmente acessível, utilizam esse conhecimento implícito, no sentido de organizarem o seu comportamento, no contexto das interações de base segura, fomentando uma organização harmoniosa e coerente dos comportamentos e de modelos internos adequados e organizados, dos seus filhos (Waters & Waters, 2006).

Saliente-se que, a confirmação da transmissão social da qualidade da vinculação, utilizando diferentes metodologias, em diferentes contextos e grupos sócio-culturais (e.g., Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon, Schoelmerich, *et al.*, 1995; Tini, Corcoran, Rodrigues-Doolabh, & Waters, 2003; Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2006), sugere que este é um dado robusto. Deixa, contudo, espaço para a descontinuidade na transmissão da vinculação, de geração para geração (e.g., Posada, Waters, Crowell, & Lay, 1995; van IJzendoorn, 1995). A análise da qualidade da relação do casal, o suporte social ou os factores *stressores* da vida familiar (e.g., Belsky, 1984; Cowan & Cowan, 2007; Tarabulsky, Bernier, Provost, Maranda, Larose, *et al.*, 2005), poderão ajudar a uma compreensão mais integrada destes processos.

A análise realizada, ao nível das representações, tipo *script*, no casal, indica que os adultos parecem escolher parceiros cuja capacidade para servir como base segura é semelhante à sua. Porém, a associação encontrada é, também, indicadora de que existem casais, nos quais um dos parceiros possui um *script* de base segura generalizado e completo e o outro não (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). Adicionalmente, análises hierárquicas de regressão indicam que o *script* de base segura, de cada progenitor, é o único preditor de segurança da criança na relação com essa figura (especificidade das relações). A correlação entre os valores *AQS* das crianças, para ambos os pais é, assim, passível de ser explicada pela semelhança das representações de base segura das mães e dos pais (correlação canónica de .38, $p < .05$), (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996; van IJzendoorn & De Wolff, 1997), e não pelo impacto do modelo materno na relação criança/pai, como sugerido por Steele *et al.*, (1996). Deste modo, os resultados confirmam a especificidade das relações e sugerem que nestas famílias, a figura materna não parece exercer maior influência, face

ao pai, na organização dos comportamentos de base segura da criança.

A entrada massiva da mulher no mercado de trabalho tem sido apontada, por diversos autores, como um dos factores estruturantes da sociedade contemporânea, tendo tido impacto na reorganização da estrutura tradicional familiar, e na criação de novas expectativas acerca dos papéis a desempenhar pelas figuras parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Parke, 1996; Torres, 2004). Portugal é um dos países da União Europeia com uma das percentagens mais elevadas de mulheres no mercado de trabalho, com crianças em idade pré-escolar. Paradoxalmente, parece ser o país mais conservador, na visão que tem sobre o impacto do trabalho feminino na criança (Amâncio & Wall, 2005). Neste sentido, parece importante salientar que, nas famílias analisadas, não foram encontradas correlações significativas entre o emprego materno, o início da frequência de cuidados não-maternos ou o número de horas que as crianças passam na escola, e o valor de segurança *AQS* na relação com a mãe e com o pai. Estes valores encontram-se, inclusivamente, dentro dos valores médios apresentados na meta-análise de van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg, & Riksen-Walraven (2004). Os resultados indicam, deste modo, que não é o trabalho materno, *per se*, nem a frequência de Creche/Jardim-de-infância que constituem factores de risco para a segurança da vinculação (e.g., Easterbrooks & Goldberg, 1985; Goossens, 1987; *NICHD*, 2005). Por outro lado, esta realidade social coloca novos desafios à teoria da vinculação, nomeadamente, sobre o desenvolvimento (simultâneo ou sequencial) de relações de base segura com outras figuras, fora do contexto familiar, e do seu impacto no desenvolvimento sócio-emocional da criança (Howes, 1999; van IJzendoorn, Sagi, & Lambermoon, 1992; Veríssimo, Duarte, Monteiro, Santos, & Menezes, 2003).

Nas 44 famílias bi-parentais analisadas, a paternidade parece, ainda, alternar entre uma perspectiva modernista e conservadora, pelo que a imagem contemporânea de um pai extremamente envolvido, não encontra uma correspondência directa no plano das práticas (e.g., Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006; Parke, 1996; Pleck & Masciadrelli, 2004). Embora as mães trabalhem a tempo inteiro, os pais que assumem um papel equitativo, nomeadamente, nos cuidados às crianças são, ainda, uma minoria. Os resultados indicam que, nas Tarefas Práticas (organização/cuidados) assiste-se a uma divisão tradicional, onde a mãe é quase sempre a responsável pela realização das mesmas, e onde o pai assume uma posição de apoio temporário ou de ajuda, quando necessário, enquanto que, as Actividades Lúdicas (brincadeira/lazer) são realizadas

tanto pela mãe, como pelo pai. Os dados confirmam, ainda, que o contexto de brincadeira parecer ser o mais saliente e característico nas interacções criança/pai, comparativamente com o de cuidados (e.g., Bailey, 1984; Lamb & Lewis, 2004; Monteiro *et al.*, 2006; Parke, 2006), aspecto que deverá ser considerado quando se investiga os comportamentos paternos e as interacções criança/pai (e.g., Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992; Grossmann *et al.*, 2002). Contudo, os pais, tal como as mães, não desempenham um papel unidimensional e universal na vida dos seus filhos, pelo que, essa diversidade deverá ser, também, reconhecida (Lamb, 1987).

Os pais têm um impacto directo na vida dos filhos, através dos seus comportamentos, atitudes e mensagens que lhes transmitem, e que segundo Lamb *et al.*, (1983) poderá ser mais saliente se as interacções forem marcadas, também, por características específicas e diferenciadoras face à mãe. Têm, ainda, um impacto indirecto, através do efeito que exercem noutras pessoas, nomeadamente, na figura materna (e.g., Bowlby, 1988; 2002; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004, Parke, 1996). Nas famílias analisadas, os pais que têm um papel mais activo na vida dos seus filhos, em particular, aqueles que mais participam, nas Tarefas Práticas (organização/cuidados), têm crianças com valores mais elevados de segurança, sendo o valor marginalmente significativo para a Actividades Lúdicas (brincadeira/lazer). As experiências de interacção, em diferentes contextos, parecem facilitar o modo como os pais interpretam e respondem adequadamente aos sinais dos seus filhos, e como estes os utilizam como base segura, tornando-os, provavelmente, mais salientes na rede de vinculação. O papel de suporte do pai, à mãe, reflecte-se na sua participação nas actividades de brincadeira/lazer, provavelmente, sentida pela mãe como adequada, e permitindo-lhe realizar os seus objectivos pessoais, mantendo, simultaneamente, uma relação próxima e afectuosa com a sua criança, estando disponível e acessível nas interacções que mantém com ela. A concordância (processos de negociação) entre a mãe e o pai acerca dos papéis a desempenhar, deverá ser um factor crucial na harmonia familiar e no impacto que o envolvimento paterno tem no desenvolvimento da criança (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004).

A imagem da paternidade não é tão simples e consistente como por vezes se assume (e.g., Lamb, 1987), e mesmo numa amostra de dimensões reduzidas, encontram-se múltiplas realidades e não apenas uma forma de envolvimento na vida das crianças. Das 44 famílias analisadas, em 9 é *sempre ou quase sempre* a mãe quem realiza as diversas actividades, ou seja, o pai ou nunca as realiza ou usualmente não o faz, nem

mesmo as de brincadeira/lazer. Em 22 famílias, *é sempre ou quase sempre* a mãe a realizar as tarefas de organização/cuidados, e *tanto a mãe, como o pai* realizam as de brincadeira/lazer. Nas restantes 13 famílias, as Actividades Práticas e Lúdicas são partilhadas pelos pais (*tanto a mãe, como o pai*), assim, a co-parentalidade, embora presente nestas famílias é, ainda, uma excepção. Estudos futuros deverão procurar compreender as características e dinâmicas específicas existentes nestas famílias, bem como, o seu impacto no desenvolvimento sócio-emocional da criança. Será que a qualidade da relação com o pai tem uma maior capacidade explicativa e preditiva do desenvolvimento sócio-emocional das crianças, nas famílias em que este passa mais tempo e está mais envolvidos com os filhos? Esta questão parece-nos especialmente pertinente, se consideráramos que os grandes estudos longitudinais utilizam, essencialmente, amostras em que a mãe é a principal responsável pela casa e pelos cuidados às crianças, e os pais são o único sustento financeiro da família ou se as mães trabalham, fazem-no apenas em tempo parcial (ver Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005).

A questão das amostras, analisadas nos estudos empíricos, é um aspecto relevante, pelo que gostaríamos de salientar alguns aspectos relativos à amostra da presente investigação. Esta é considerada de conveniência, sendo os sujeitos oriundos de famílias de classe média, média/alta, com um nível de habilitações literárias que se encontra acima da média da população portuguesa. É, ainda, caracterizada pela estabilidade e o reduzido risco (condições de vida relativamente consistentes). O número de participantes, apesar de próximo dos de outros estudos (e.g., na meta-análise sobre o AQS, de van IJzendoorn *et al.*, 2004), não deixa, no entanto, de ser reduzido, o que dificulta a generalização dos resultados, devendo estes ser discutidos, apenas, no contexto desta realidade.

Refira-se, que o trabalho apresentado insere-se num projecto de carácter longitudinal (ISPA) que avalia o desenvolvimento sócio-emocional das crianças entre os 2 ½ anos e os 5 anos. Para além da análise no contexto familiar, analisa-se o contexto de Jardim-de-Infância, nomeadamente, o grupo de pares, as relações de amizade e a competência social. As informações recolhidas poderão contribuir para a discussão de questões centrais como, por exemplo a da continuidade e descontinuidade das trajectórias desenvolvimentais, e da importância da vinculação nas mesmas (e.g., Sroufe, 2005; Sroufe *et al.*, 2005b). Com a mais valia de se poder considerar não só a relação de base segura com a mãe mas, também, a relação com o pai (e.g., Easterbrooks

& Goldberg, 1990; ver Grossmann *et al.*, 2005).

A análise da rede de vinculação da criança coloca diversos desafios à teoria da vinculação que, no presente, permanecem sem uma resposta clara. Considerando que as crianças constroem relações de base segura independentes, em termos de qualidade, com ambos os pais, e que as figuras parentais poderão ter representações de base segura divergentes, como é que as crianças gerem esta rede complexa de relações?

Os modelos internos do *self* e das figuras de vinculação reflectem modos específicos desta figuras estarem acessíveis e disponíveis para o indivíduo, ou não; e a um nível mais geral, representações das figuras como acessíveis e disponíveis, quando o indivíduo necessita delas (e.g., Bretherton, 1990; Bretherton & Munholland, 1999). Assim, como é que representações independentes das relações, com a mãe e o pai, quando divergentes, se organizam e integram, ou não, em modelos internos coerentes?

Bowlby (1969/1982; 1988) reconhece que a criança estabelece relações com outros significativos, para além da mãe (principal figura), nomeadamente, com o pai, e que o padrão de interações que a criança desenvolve com este será, tal como no caso da mãe, resultado dos cuidados e das interações específicas entre ambos. Revendo os resultados do estudo de Main e Weston (1981), o autor (Bowlby, 1988) reconhece que a criança pode estabelecer relações de vinculação segura a um progenitor e insegura a outro, e segura ou insegura a ambos. Porém, não aborda a questão de como estes padrões de interação divergentes são representados e organizados internamente, nas estruturas cognitivas. Apenas quando aborda os processos defensivos (Bowlby, 1980) se refere a modelos internos inconsistentes, mas resultado da mesma relação. Em situações consideradas de dor ou conflito intoleráveis para a criança, esta exclui defensivamente o modelo (cognições e emoções) da “má” mãe, e do *self* correspondente (que é reprimido), construindo um modelo, baseado em informação falsa, que permanece acessível à consciência, da “boa mãe”, contudo desadaptativo.

Para Bretherton (1990), a introdução na teoria da vinculação, das teorias acerca das representações de acontecimentos (esquemas de acontecimentos ou *scripts*), permite pensar de um modo mais diferenciado acerca dos modelos internos. Estes modelos são, assim, vistos como redes de esquemas de informação, hierarquicamente organizados e interrelacionados, que variam entre o muito próximo das experiências reais e o geral e abstracto. Bretherton e Munholland (1999) apresentam o seguinte exemplo: “...say, an attachment experience with one’s father-may be remembered as a very experience-near schema of being comforted in a unique way to this relationship (e.g., being picked up

while distressed, held on his lap, leaning against his chest, being talked to with specific comforting words, then feeling soothed). That same experience may also serve as an input to a summary script ... "when I feel sad, dad will comfort me". The general supporting schema in turn may be embedded in a summary supportiveness schema, "dad is always there for me when I need him", representing overall trust in the father's availability. Schema networks representing differing aspects ... of self with father in many situations besides comforting will then constitute the working model of the father, and in turn may become inputs to a working model of the father role in general..., may also govern what the child expects in relationships with others, such as teachers and close friends..." (p. 96).

É, assim, plausível, que a criança construa esquemas independentes, de acordo com as características das interações, com a mãe e com o pai e do *self* em interação, considerando-se, igualmente, a possibilidade de feedback, entre os esquemas de relações específicas e uma representação geral e abstracta do *self* e das figuras de vinculação, ou do que significa usar e funcionar como base segura. O modo como estas representações são integradas, num modelo interno de *self*, coerente, permanece, assim, em aberto (Bretherton, 2005). Os resultados, obtidos neste estudo, indicam que, ao nível comportamental, as relações estabelecidas pela criança, na família nuclear, são específicas, inferindo-se que a criança constrói representações mentais independentes para a mãe e o pai, uma vez que, do ponto de vista da teoria, se espera que as diferenças individuais, na organização dos comportamentos de base segura, estejam relacionadas com diferenças individuais, ao nível das representações mentais (e.g., Bowlby, 1973; Main *et al.*, 1985). Ainda, nesta amostra, verifica-se que, ao nível cognitivo/representativo, as mães e os pais possuem um *script* de base segura generalizado (as histórias Adulto/criança e Adulto/adulto estão significativamente correlacionadas).

Na perspectiva de Bowlby (1969/1982; 1973; 1988), na qual uma figura de vinculação (normalmente, a mãe), desempenha um papel primário, será de esperar que, mesmo em relações de base segura qualitativamente distintas, esta relação tenha um maior impacto na construção de modelos generalizados do *self* e da vinculação (e.g., Bretherton, 1985; Main *et al.*, 1985). Por outro lado, as crianças poderão manter modelos separados das figuras de vinculação e do *self* na relação com eles, que serão igualmente importantes, integrando-os num todo coerente, provavelmente na adolescência, ou início da idade adulta. Construindo modelos específicos, quando é que estes, por oposição aos normativos, são utilizados para guiar o comportamento, em

novas relações? Será válido colocar a hipótese destes modelos se manterem independentes durante toda a vida? Por permanecerem sem resposta, estas e outras questões demonstram, como sugere Bretherton (2005), que há, ainda, um longo trabalho a realizar, no sentido de se compreender se, quando e como, as crianças constroem modelos integrados do *self*, participando em duas ou mais relações qualitativamente distintas.

A análise de estruturas cognitivas específicas, tipo *script*, torna a avaliação dos modelos dinâmicos internos empiricamente mais acessível e detalhada, possibilitando uma abordagem desenvolvimental das mesmas (e.g., Waters & Waters, 2006). A utilização da metodologia das palavras sugestivas, desenvolvida por H. Waters, permite construir cenários para “eu e a minha mãe” e “eu e o meu pai”, ou para outras figuras significativas, para além dos cenários na terceira pessoa (Waters & Waters, 2006). Esta metodologia possibilita, assim, a análise do conhecimento e acesso ao *script* de base segura, para cada figura específica, ao longo do desenvolvimento, (quais as suas contribuições), como e quando se integram, numa representação do *self* generalizada e coerente, particularmente, no caso de vinculações discordantes a ambos os pais. Apesar de não terem sido, até agora, desenvolvidos cenários específicos, esta metodologia é passível de ser utilizada com criança em idade escolar (ver Oppenheim & Waters, 1995); sendo já utilizada com adolescentes (Narrativas de vinculação em adolescentes; Steiner, Arjomand, & Waters, 2003); e em adultos (Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004). Nas idades pré-escolares, a “*Tarefa de completamento de histórias acerca da vinculação*” (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; Waters, Rodrigues, & Ridegeway, 1998) é um instrumento já validado, inclusivamente, para amostras portuguesas (Veríssimo, dados não publicados).

Dykas, Woodhouse, Cassidy e Waters (2006), num estudo realizado com adolescentes, verificaram que estes possuem um *script* generalizado acerca das mães e pais, em diferentes contextos, e que generalizam o conhecimento de base segura para as diferentes relações. O processo de generalização poderá, no entanto, não estar a ocorrer, dado que as representações de base segura poderão ser semelhantes, resultado das experiências semelhantes vividas com as figuras parentais, também, o serem. Contudo, os autores (Dykas *et al.*, 2006) constataram que apenas o *script* materno parece funcionar como preditor dos valores *script* com os outros não-específicos. Tal resultado, sugere que, perante novas informações acerca de pessoas hipotéticas, os adolescentes

recorrem ao conhecimento *script* relacionado com a mãe, indo ao encontro da noção da mãe como figura primária, numa hierarquia de figuras (Bowlby, 1969/1982).

Outra das questões que se coloca, no estudo das redes de vinculação, refere-se ao modo como as diferentes relações de base segura têm impacto no desenvolvimento, nomeadamente, sócio-emocional da criança (Howes, 1999; van IJzendoorn *et al.*, 1992). Porém, poucos trabalhos empíricos analisam esta questão, dado que, na sua maioria se centram nas relações criança/mãe (Cassidy, 1999). É possível que, mesmo estabelecendo relações específicas com a mãe e com o pai, ainda assim, a criança mantenha uma hierarquia de figuras (Easterbrooks & Goldberg, 1990), que se reflectirá no facto da relação com a mãe ser o melhor preditor do funcionamento sócio-emocional da criança, mas não, necessariamente, o único factor envolvido (e.g., Main *et al.*, 1985). Porém, outras hipóteses poderão ser colocadas, nomeadamente, de que as diferentes relações de base segura têm a mesma capacidade explicativa e preditiva, mas em domínios específicos, estando estes relacionados com as características de cada figura e com os contextos onde criança e figura de vinculação interagem continuamente (e.g., Easterbrooks & Goldberg, 1987). Ou, ainda, que o estudo da rede de relações de base segura, em que se considera a qualidade de todas as relações, será o melhor preditor do desenvolvimento sócio-emocional (e.g., Easterbrooks & Goldberg, 1990; van IJzendoorn *et al.*, 1992). Duas relações de vinculação seguras são assumidas como tendo maior capacidade na previsão de resultados positivos, do que uma relação segura e outra insegura. Uma relação segura poderá, ainda, compensar a existência de uma relação insegura na rede. Estas análises incluem, não só a rede familiar mas, também, a rede mais alargada, como por exemplo, as educadoras.

“Science too is a matter of venturing out, taking risks, and knowing where to turn when things get difficult. And like a secure attachment relationship, a well formed scientific theory encourages explorations, organizes experience, and helps us work effectively under uncertainty” (Waters, 2003).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S, Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Amâncio, L., & Wall, K. (2004). *Famílias e papéis de género: Alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP)*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais. Coimbra. Portugal.
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect, In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research, Monographs of the society for the research in child development*, 50 (1-2), pp. 3-39.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models and the Intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant mental Health Journal*, 11-3, 237-252.
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K., Grossmann, & E. Waters (Eds.) *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp.13-47). New York: The Guilford Press.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: Guilford.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story-completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 272-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999, August). *Measuring father involvement in the early Head Start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Paper presented at the National Conference on health Statistics, Washington, D.C., EUA.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Cicchetti, D., Cummings, E.M., Greenberg, M. T., & Marvin, R. S. (1990). An organizational perspective on attachment beyond infancy. Implications for theory, measurement, and research. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 3-49). Chicago: University of Chicago Press.

- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Costantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Associations with Adult Attachment Interview scales and maternal sensitivity. *Attachment and Human Development, 8*, 209-219.
- Cox, M., Owen, M., Henderson, V., & Margand, N. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology, 28* (3), 474-483.
- Cowan, P. A. (1997). Beyond meta-analysis: A plea for a family systems views of attachment. *Child Development, 68*, 601-603.
- Cowan, C., & Cowan, P. A. (2007). Insecure Attachment: how a partner's attachment representation and behavior can break negative intergenerational cycles. *International Attachment Conference*. Minho, Portugal.
- Dykas, M. J., Woodhouse, S. S., Cassidy, J., & Waters, H. S. (2006). Narrative assessment of attachment representations: Links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment and Human Development, 8*, 221-240.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1985). Effects of early maternal employment on toddler, mothers, and fathers. *Developmental Psychology, 21* (6), 774-787.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1987). Toddler development in the family: impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development, 55*, 770-752.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1990). Security of toddler-parent attachment: Relation to children's sociopersonality functioning during kindergarten. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp.221-244). Chicago: University of Chicago Press.
- Goossens, F. A. (1987). Maternal employment and day care: effects on attachment. In L. W. C. Tavechio, & M. H. van IJzendoorn (Eds.), *Attachment in social networks: Contributions to the Bowlby-Ainsworth attachment theory* (135-182). Amsterdam: Elsevier Science, Ltd.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development, 11* (3), 307-331.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds). (2005). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies*. New York: The Guilford Press.
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp.671-685). New York: The Guilford Press.
- Lamb, M. E. (Ed.) (1987). *The father's role: Cross-cultural perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (Ed.) (2004). *The Role of the Father in Child Development*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development, 54*, 450-458.
- Lamb, M. E. & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp. 272-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

- Lamb, M. E. & Tamis-Lemonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp.1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parents families. *European Journal of Psychology of Education, 18* (2), 211-228.
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development, 52*, 932-940.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.) *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2), 66-104.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 44-67). New York: The Guilford Press.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R. & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica, 42*, 213-229.
- NICHD Early Child Care Research Network (2005). *Child Care and child Development*. New York: The Guilford Press.
- Oppenheim, D. & Waters, H. S., (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3), 197-215.
- Oyserman, D., Coon, H. M., & Kimmelmeier, M. (2002). Rethinking individualism and collectivism: Evaluation of theoretical assumptions and meta-analyses. *Psychological Bulletin, 128*, 3-72.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood. The developing child*. Harvard University Press.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential fathers. Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp.222-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Posada, G., Jacobs, A., Carbonell, G., Alzate, G., Bustamante, M., & Arenas, A. (1999). Maternal care and attachment security in ordinary and emergency contexts. *Developmental Psychology, 35* (6), 1379-1388.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in the Child Development, 60* (2-3), 27-47.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J.A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models:*

- New growing points of attachment theory and research, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.
- Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). *Attachment scripts across cultures: Further evidence for a universal secure base script*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Sroufe, L. A. (1985). Attachment classification from the perspective of infant-caregiver relationships and infant temperament. *Child Development*, 56, 1-14.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7 (4), 349-367.
- Sroufe, L. A., Egeland, B. E., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005a). *The development of the person. The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. The Guilford Press, London.
- Sroufe, L. A., Egeland, B. E., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005b). Placing early attachment experiences in developmental context: The Minnesota longitudinal study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.) *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp.44-70). New York: The Guilford Press.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Steiner, M. C., Arjomand, M., & Waters, H. S. (2003, April). *Adolescents' representation of close relationships*. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for research in Child Development, Tampa, FL.
- Tarabulsky, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, H., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission or attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Developmental Psychology*, 41, 212-224.
- Tini, M., Corcoran, D., Rodrigues-Doolabh, L., & Waters, E. (2003). *Maternal attachment scripts and infant secure base behavior*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-27.
- van IJzendoorn, M. H., & De Wolff, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.

- van IJzendoorn, M. H., Sagi, A., & Lambermoon, M. W. E. (1992). The multiple caretaker paradox: Some data from Holland and Israel. In R.C. Pianta (Ed.), *Beyond the parent: The role of other adults in children's lives. New Directions for Child Development*, 57, 5–24.
- van IJzendoorn, M. H., & Sagi, A. (1999). Cross-Cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 713-734). New York: The Guilford Press.
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M. J. L., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development*, 75, 1188-1213.
- Vaughn, B. E., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., & Posada, G., et al. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three socio-cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 31, 65-76.
- Veríssimo, M., Duarte, I., Monteiro, L., Santos, A. & Meneses, A (2003). Qualidade da vinculação da criança à mãe e à educadora. *Psicologia*, 17 (2), 453-469.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, 23 (2), 7 – 17.
- Waters, E. (2003). *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March.
- Waters, E., & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001, April). *Are attachment scripts the building blocks of attachment representations? Narrative assessment of representations and the AAI*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71, 211-234.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working model concept: among other things, we built script-like representations of secure base experiences. *Attachment and Human Development*, 8, 185 – 197.